Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23184 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 20 FEVEREIRO 90 60$00

EDITORIAL

Os Homens e os outros

Em Coimbra, alunos do secundário preparam uma lista para as eleições na sua escola, inscrevem no programa a re-criação de câmaras de gás, «para negros e comunistas». «É uma brincadeira», dizem os colegas, mas há brincadeiras que são de mau gosto, quando tantos morreram em câmaras de gás, culpados, exactamente, de terem outra raça ou outra ideologia, quando na Europa voltam a crescer os grupos racistas, quando na África do Sul se vê, numa manifestação neonazi, a bandeira portuguesa.

No Porto, jovens equipados com botas e bastões agridem negros nas ruas «porque são negros», em Lisboa, com uma faca, assassinam um militante de um partido que lhes desagrada, porque «lá dentro são só homossexuais, prostitutas e drogados». É difícil crer que se trata apenas de «uma brincadeira» - mesmo se nos habituámos a apenas encolher os ombros quando lemos nas paredes «poder branco».

Compramos aos ciganos porque vendem mais barato, mas confessamos não os sentir exactamente iguais a nós ; empregamos as caboverdianas que, nas nossas casas, fazem o trabalho que as portuguesas abandonaram, mas fazemos-lhes a mesma reserva ; gabamos a democracia em que vivemos, mas admitiríamos segregar os outros, os que pensam diferente de nós .

Poder-se-ia dizer, parafraseando, que «racistas somos nós todos, desde pequenos» - se no racismo englobarmos, como fizemos na sondagem que hoje publicamos, tudo o que nos leva a, em flagrante desrespeito pela Constituição, discriminar os outros, por razões de raça, cor, sexo ou credo.

Na Holanda, numa campanha anti-tabaco, o fumo tapava o fumador, e a legenda dizia: «O fumador é um ser invisível.» Foi retirada, por discriminatória.

Porque não pode haver homens e outros - «podes ser diferente de mim, discordar de mim, que isso não te torna menos humano do que eu.»

Diana Andringa

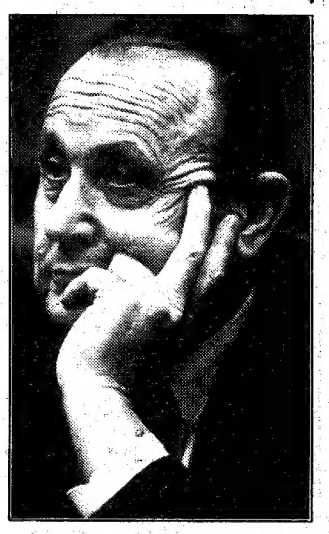
Racistas, nós?

Os portugueses condenam o racismo mas, na prática, as coisas não são bem assim

O racismo, entendido como uma forma de discriminação de um pessoa ou grupo de pessoas, é inaceitável para 85 por cento dos portugueses inquiridos em mais uma sondagem Euroteste/«DL». Mesmo assim, 12,4 por cento dos entrevistados, na Grande Lisboa e no Grande Porto, defenderam abertamente a prática e a existência do racismo.

Uma sondagem polémica, com resultados surpreendentes, a revelar que a ideologia e a origem de classe são factores de peso na atitude racista, ainda que a cor das pessoas seja o factor de justificação dominante para esse comportamento.

Págs. 2 e 3



Genscher, cuja posição é apoiada por Bush

Problema militar divide Governo de Bona

O estatuto militar da RDA, após a reunificação da Alemanha, está no centro de uma polémica entre os ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa da RFA. Genscher, que não quer ferir os interesses de Moscovo, e nessa posição é apoiado por Bush, alega que as tropas da NATO não irão para a RDA. Em contrapartida, o seu oponente, Stoltenberg, sustenta que a primeira linha de defesa da Aliança deve ser extensiva à Alemanha oriental.

Pág. 10

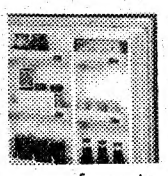
Anabela Loureiro

À espera Na linha de Sintra, a CP continua a transportar passageiros como se de humanos não se tratasse. O DL andou nos comboios que fazem aquele trajecto e verificou as condições de nula segurança em que diariamente viajam milhares de pessoas. Fala-se de tudo e refila-se por nada, enquanto se espera que o serviço público possa ser minimamente digno desse nome

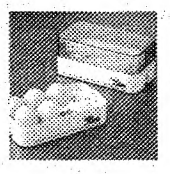
Págs. 16 e 17

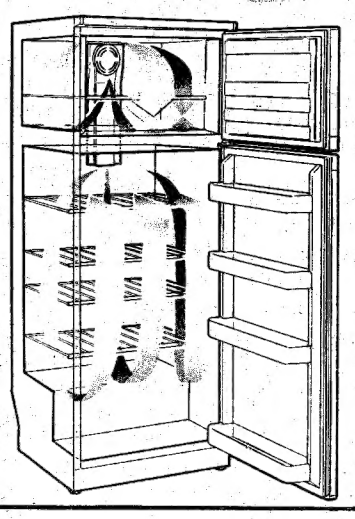
Candy

- Frigoríficos
- Combinados
- Congeladores



Nova fórmula «FREONLESS» salvaguarda a Ecologia





Representante em Portugal:
SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 ◦ Lisboa ☎ 77 78 24

DL

César Monteiro contra o cinema endinheirado — *Pág. 22*

Amália: gala dia 2 no S. Carlos — *Pág. 23*

Vinho do Porto: um bom produto, um mau comércio — *Págs. 18 e 19*

As várias casas de Miguel Cadilhe — *Pág. 9*

Atentado em Louvaina atribuído à extrema-direita — *Pág. 10*

África do Sul: confronto entre duas economias — *Pág. 12*

Lotaria: 1.º -27452 2.º -64933 3.º -325390

Euroteste Sondagem / DL

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE 55 mais
EM SUA OPINIÃO, AS PESSOAS SÃO RACISTAS POR CAUSA DO...							
Sexo	2.1	1.2	2.9	1.2	3.3	3.4	—
Religião	2.8	1.7	3.8	1.9	1.9	.5	7.3
Cor	53.1	57.1	49.7	58.4	57.2	56.8	41.4
Ideologia	11.0	9.4	12.3	11.1	12.2	8.8	12.9
Classe Social	10.4	13.4	7.8	18.2	8.9	10.0	7.8
Nacionalidade	7.8	7.3	8.2	9.2	10.7	9.3	2.2
Não sabem	12.2	8.8	15.1	—	5.9	11.1	26.1
NR	.6	1.0	.3	—	—	—	2.4
CONSIDERA QUE A PRÁTICA E A EXISTÊNCIA DO RACISMO É...							
Totalm. aceitável	2.6	3.7	1.7	1.8	6.5	1.8	.9
Aceitável	9.8	5.5	13.5	9.3	5.1	10.0	13.9
Inaceitável	42.5	43.0	42.2	43.5	38.3	48.3	37.4
Tot. Inaceitável	42.5	44.3	40.9	45.4	46.8	38.5	42.6
N. aceit/N. Inacei	1.2	1.0	1.3	—	3.3	—	1.8
Não sabem	1.4	2.5	.4	—	—	1.4	3.3
NR	—	—	—	—	—	—	—
QUAL SERIA A SUA ATITUDE SE UM FILHO SEU PRETENDESSE CASAR COM UMA PESSOA DE RAÇA DIFERENTE...							
Apoiar totalmente	66.3	64.3	68.0	74.8	62.0	69.9	59.8
Resignar-se	19.5	21.4	17.9	11.7	15.8	21.5	24.3
Discordava só	9.5	10.9	8.2	10.0	11.8	7.9	9.3
Fazia chantagem	—	—	—	—	—	—	—
Cortava relações	2.7	1.5	3.7	3.4	4.3	.7	3.9
Não sabem	1.6	1.3	1.9	—	4.6	—	2.2
NR	.5	.7	.3	—	1.4	—	.5
EM SUA OPINIÃO, OS DIREITOS DAS MINORIAS ÉTNICAS DEVEM SER OU NÃO LEGALMENTE PROTEGIDOS...							
Sim devem	86.0	84.2	87.4	84.8	85.0	87.7	85.0
Talvez	5.8	8.4	3.7	8.4	11.8	2.6	3.9
Não devem	3.5	5.4	2.0	6.8	—	6.1	1.0
Não sabem	4.7	2.1	6.9	—	3.3	3.6	10.1
NR	—	—	—	—	—	—	—
EM SUA OPINIÃO, OS DIREITOS DAS MINORIAS DEVEM SER...							
Iguais	89.2	89.1	89.2	92.8	86.6	91.7	85.5
Superiores	2.4	2.1	2.7	7.2	—	2.7	1.4
Inferiores	4.2	6.1	2.6	—	6.3	4.7	4.1
Não sabem	4.2	2.7	5.5	—	7.1	.9	9.0
NR	—	—	—	—	—	—	—

	TOTAL	SEXO Masculino	SEXO Feminino	IDADE 18 a 24	IDADE 25 a 34	IDADE 35 a 54	IDADE 55 mais
QUE ATITUDE DEVERIAM TOMAR AS AUTORIDADES PARA COM OS GRUPOS RACISTAS...							
Reprimir/Proibir	64.7	70.3	60.0	66.2	55.8	74.2	58.2
Liberdade condic.	22.2	22.5	21.9	26.1	28.8	18.9	18.8
Permitir	5.1	4.7	5.4	3.9	5.2	1.8	10.2
Não sabem	7.7	1.8	12.7	3.7	8.6	5.1	12.8
NR	.4	.8	—	—	1.7	—	—
CONCORDA COM A ATITUDE DE DEFESA DAS MINORIAS VÍTIMAS DE RACISMO...							
Total concordância	46.7	40.6	51.9	50.0	39.7	44.8	53.2
Concordam parte	33.4	36.3	30.9	42.8	33.1	34.4	26.7
Não concordam	14.9	22.3	8.6	7.1	19.9	17.4	11.6
Não sabem	5.0	.8	8.6	—	7.2	3.3	8.5
NR	—	—	—	—	—	—	—
SE FOSSE RACISTA, SERIA EM RELAÇÃO A QUE RAÇA...							
Negros	8.5	9.9	7.3	9.1	15.0	7.3	4.5
Amarelos/Asiáticos	2.2	1.4	2.8	1.9	—	4.2	1.2
Ciganos	11.9	12.7	11.2	27.6	18.7	8.5	1.8
Indianos	5.0	7.4	3.0	1.2	9.8	6.9	.7
Árabes	2.1	2.7	1.6	2.5	7.7	—	—
Brancos	8.4	6.9	9.6	13.4	1.7	9.1	10.1
Nenhuma raça	44.3	44.1	44.5	35.1	30.8	46.5	58.1
Todas as raças	4.5	5.2	3.9	9.1	2.6	3.7	4.6
Não sabem	11.7	8.9	14.1	—	12.2	13.2	16.0
NR	1.4	.8	1.9	—	1.7	.6	3.1

A prática e a existência de racismo são inaceitáveis para a grande maioria dos portugueses. No entanto, ainda há quem defenda um corte de relações se um filho seu se casar com uma pessoa de outra raça...

Brandos costumes

Se lhe dissessem que 12,4 por cento dos portugueses são declaradamente racistas, acreditava? Então, leia !

Primeiro, definiu-se genericamente o racismo como uma forma de discriminação de uma pessoa ou grupo de pessoas. Depois, perguntou-se entre outras questões se o ser humano é racista por causa do sexo, religião, cor, ideologia, classe social ou da nacionalidade dos outros. E, no fim, mais uma sondagem Euroteste/«DL» a revelar curiosíssimos resultados.

Por exemplo, e ainda que a maioria dos portugueses (53,1 por cento) entenda que as pessoas são racistas por causa da cor dos outros, a verdade é que 11 por cento dizem que essa atitude é motivada pela ideologia e 10,4 por cento explicam-na como uma reacção à classe social a que cada um pertence.

GRANDE ANGULAR

Como se vê, um conceito bastante diversificado de racismo, com destaque, ainda, para os 7,8 por cento dos inquiridos que vêem esse comportamento como uma discriminação das pessoas por causa da respectiva nacionalidade. De assinalar, também, os 2,8 por cento que consideram a religião como um factor justificativo dessa atitude e os 2,1 por cento que a imputam ao sexo dos outros.

Em relação ao racismo motivado pela cor das pessoas, o inquérito mostra que as mulheres (49,7 por cento) são claramente menos racistas que os homens (57,1 por cento). Porém, no que respeita à ideologia, inverte-se a situação: 12,3 por cento para as mulheres e 9,4 por cento para os homens.

Curiosamente, é maior a percentagem de mulheres (2,9 por cento) do que a de homens (1,2 por cento) a admitir o sexo como factor de discriminação.

Por idades, e novamente em relação à cor das pessoas, vê-se que os mais jovens (58,4 por cento) são os mais racistas, atitude que vem progressivamente atenuando-se até atingir um mínimo de 41,4 por cento no escalão etário dos 55 anos ou mais.

E no que respeita às classes sociais, a rejeição das pessoas por causa da sua cor tem a máxima expressão na classe alta e média alta (59,9 por cento), diminui significativamente na classe média superior (50,8 por cento) e atinge um mínimo na classe média inferior e baixa (49,3 por cento).

Note-se que as respostas a esta primeira pergunta não implicam o reconhecimento explícito, por parte de cada um dos entrevistados, da prática e defesa do racismo, mas sim uma justificação desse fenómeno social.

Daí que, à pergunta seguinte, 42,5 por cento dos inquiridos tenha respondido considerar totalmente inaceitável a prática e a existência do racismo, enquanto outros 42,5 por cento optaram por as classificar de inaceitáveis.

Racistas são 12,4 por cento

De qualquer modo, não é pequeno o número de portugueses que aceita o racismo no todo ou em parte. Racistas ferrenhos, apenas 2,6 por cento dos inquiridos, mais homens (3,7 por cento) do que mulheres (1,7 por cento) e com uma máxima expressão no escalão etário dos 25 aos 34 anos (6,5 por cento) e na classe média inferior e baixa (5,8 por cento).

Porém, a percentagem de racistas confessos é bastante superior (9,8 por cento do total de inquiridos), mais alta nas mulheres (13,5 por cento) do que nos homens (5,5 por cento) e com máxima expressão no escalão etário das pessoas com mais de 55 anos (13,9 por cento) e na classe alta e média alta (11,5 por cento).

Mas a pergunta seguinte revela que as atitudes racistas não são um exclusivo daqueles que as assumem inequivocamente.

Interpeladas sobre qual a atitude que tomariam caso um filho seu pretendesse casar com uma pessoa de raça diferente, 66,3 por cento dos entrevistados disse que apoiaria totalmente essa decisão, enquanto 19, 5 por cento admitiu que se resignaria com ela. Recorde-se, a propósito, que 85 por cento destes mesmos inquiridos consideraram inaceitável, na segunda pergunta da sondagem, a prática e a existência de racismo...

Por escalões etários, e entre os que apoiariam totalmente tal casamento, verifica-se que a adesão máxima é atingida na faixa dos 18 aos 25 anos (74,8 por cento) e a mínima nos que têm mais de 55 anos (59,8 por cento). Por estratos sociais, o apoio máximo regista-se na classe média superior (68,1 por cento) e o mínimo na classe média inferior e baixa (63,4 por cento).

Já no que respeita aos que se resignariam com esse casamento, vê-se que os homens (21,4 por cento) são mais conformistas do que as mulheres (17,9 por cento), resignação que vai num crescendo desde os mais novos (11,7 por cento) até aos mais velhos (24,3 por cento), e que atinge a expressão mais fraca na classe média inferior e baixa (16,6 por cento).

Confrontados com esta questão, 9,5 por cento dos entrevistados respondeu que se limitaria simplesmente a discordar do casamento, não fazendo chantagem sobre o filho nem cortando relações com ele, atitude que tomariam 2,7 por cento dos inquiridos.

Curiosamente, e entre os que defendem o corte de relações, as mulheres (3,7 por cento) demonstram novamente ser mais radicais que os homens (1,5 por cento). Por estratos sociais, este radicalismo é muito maior na classe baixa (5,9 por cento) do que na classe média (1,2 por cento).

Minorias devem ser protegidas

Esta sondagem Euroteste/«DL» tentou, ainda, auscultar a opinião dos portugueses sobre se os direitos das minorias étnicas devem ou não ser legalmente protegidos e em que extensão.

Uma pergunta com respostas bem pacíficas, isto é, 86 por cento dos portugueses a preconizarem a defesa legal dos direitos dessas minorias, contra apenas 3,5 por cento de respostas negativas e 5,8 por cento de respostas condicionais, num conjunto equilibrado no que respeita à idade, sexo e classe social dos entrevistados

Mesmo assim, e entre os que recusam essa protecção legal às minorias, vê-se que os homens (5,4 por cento) são mais egoístas que as mulheres (2 por cento), tal como os mais novos (6,8 por cento) em relação aos mais velhos (1 por cento) ou a classe média (4,3 por cento) face à classe alta (2,3 por cento).

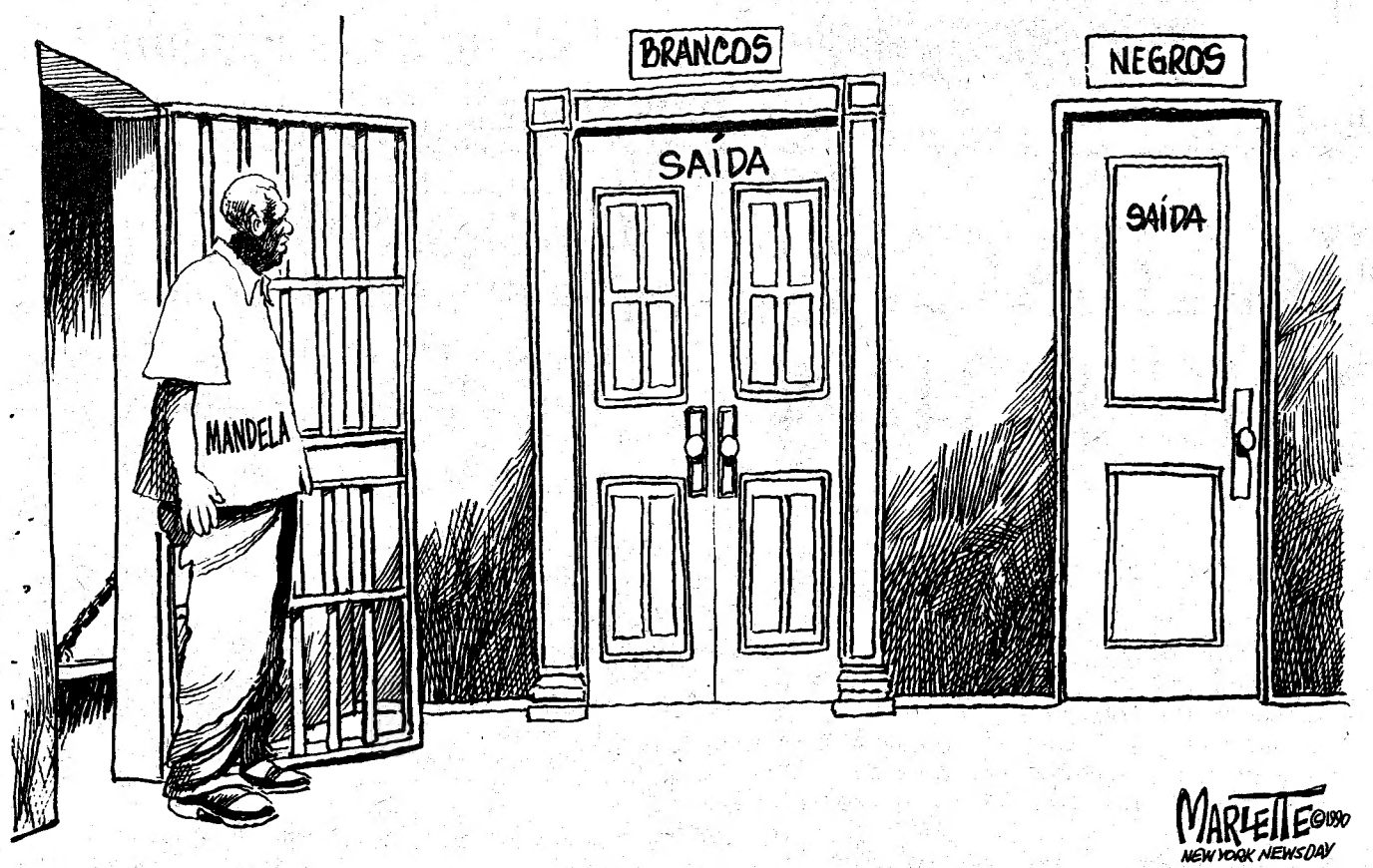
E sobre a extensão dessa protecção legal, 89,2 por cento dos entrevistados disse que os direitos das minorias devem ser iguais aos direitos das maiorias, contra 4,2 por cento a defenderem direitos inferiores e apenas 2,4 por cento a preconizarem direitos superiores.

No plano da generosidade condicionada, ou seja, entre os que advogam direitos inferiores para as minorias, os homens (6,1 por cento) sobressaem em relação às mulheres (2,6 por cento), tal como as pessoas entre os 25 e os 34 anos de idade (6,3 por cento) face às que têm 55 anos ou mais (4,1 por cento), ou a classe baixa (7,9 por cento) *versus* classe média (2,2 por cento).

Repressão aos grupos racistas

Instados a pronunciar-se sobre qual a atitude que as autoridades devem tomar para com os grupos racistas, caso dos *skinheads* , 66,4 por cento dos entrevistados respondeu que eles devem ser reprimidos e proibidos, 22,2 por cento defendeu a sua liberdade, ainda que condicionada, e 5,1 por cento advoga a sua existência sem quaisquer restrições.

A proibição de tais grupos é mais defendida pelos homens (70,3 por cento) do que pelas mulheres (60 por cento), e tem uma expressão máxima na faixa



etária dos 35 aos 54 anos (74,2 por cento) e na classe alta e média alta (73,1 por cento).

Já os adeptos da liberdade condicionada, praticamente igual entre os dois sexos, têm a sua maior expressão no escalão etário dos 25 aos 34 anos (28,8 por cento) e na classe média superior (23,9 por cento).

E entre os que advogam a liberdade total destes grupos racistas, o maior número de adeptos encontra-se entre os mais velhos (10,2 por cento) e na classe média superior (7,7 por cento).

A uma outra pergunta, sobre se as pessoas concordavam ou não com o facto de as minorias vítimas de racismo - como é o caso dos caboverdianos em Portugal - se organizarem para se defenderem dos seus agressores, apenas 46,7 por cento deram a sua total concordância. Curiosamente, 33,4 por cento dos inquiridos respondeu concordar com essa atitude de defesa, mas só em parte, e 14,9 por cento manifestou abertamente a sua discordância.

Entre os que concordam inteiramente com esse movimento de defesa por parte das minorias, vê-se que os homens (40,6 por cento) são mais relutantes que as mulheres (51,9 por cento) e que os mais velhos (53,2 por cento) são mais incondicionais do que as pessoas entre os 25 e os 34 anos (39,7 por cento). Por estratos sociais, também se regista, neste parâmetro, uma significativa diferença entre a classe média superior (41 por cento) e a classe média inferior e baixa (52,7 por cento).

Do total de respostas discordantes, 22,3 por cento pertencem ao sexo masculino e 8,6 por cento ao sexo feminino. É a máxima expressão da rejeição do direito de as minorias se defenderem dos seus agressores regista-se no escalão etário dos 25 aos 34 anos (19,9 por cento) e na classe baixa (20,5 por cento).

Empate entre negros e brancos

A última pergunta desta sondagem foi a mais directa: « Se você fosse racista, seria em relação a que raça ? » - dando várias opções de resposta às pessoas.

Os resultados foram bem expressivos, com 44,3 por cento dos entrevistados garantindo que nunca seriam racistas, seguidos pelos 11,9 por cento que responderam poder vir a sê-lo em relação aos ciganos e pelos 11,7 por cento de inquiridos que alegaram não saber responder.

Pelo meio, registaram-se 8,5 por cento de respostas favoráveis à prática do racismo sobre os negros, 5 por cento em relação aos indianos e 8,4 por cento sobre os brancos.

Percentagens bem mais reduzidas registaram os amarelos ou asiáticos, com 2,2 por cento, e os árabes, com 2,1 por cento, sem falar nos 4,5 por cento de respostas favoráveis a uma atitude de racismo «contra todas as raças».

A discriminação face aos ciganos é maior nos homens (12,7 por cento) do que nas mulheres (11,2 por cento), com um máximo entre os mais jovens (27,6 por cento) e um mínimo nos mais velhos (1,8 por cento). Uma rejeição também maior na classe alta (13,3 por cento) do que na classe baixa (9,8 por cento).

O racismo sobre os negros é, por seu turno, maior nos homens (9,9 por cento) do que nas mulheres (7,3 por cento), e mais nítido entre as pessoas com 25 a 34 anos de idade (15 por cento) do que entre as que têm 55 anos ou mais (4,5 por cento).

E sobre os brancos, o racismo é mais pronunciado nas mulheres (9,6 por cento) do que nos homens (6,9 por cento), e mais nítido nos jovens (13,4 por cento) do que nas pessoas entre os 25 e os 34 anos de idade (1,7 por cento).

Por estratos sociais, o racismo sobre os negros tem a sua maior expressão na classe alta e média alta (10,8 por cento) mas, em relação aos brancos, esse máximo regista-se na classe média inferior e baixa (13,9 por cento).

Ficha técnica:

Amostra: Entrevistas telefónicas a 300 residentes nas regiões da Grande Lisboa e do Grande Porto, maiores de 18 anos, executadas por oito entrevistadores entre os dias 29 e 31 de Janeiro.

Margem de erro: de mais ou menos 5,7 por cento a 95 por cento de probabilidade.

Fronteiras difusas

A atitude das pessoas em relação ao racismo regista significativas diferenças entre os residentes no Grande Porto ou na Grande Lisboa, mas os resultados desta sondagem Euroteste/ «DL» não dão o direito de se concluir que o Norte é mais racista do que Lisboa, ou vice-versa.

No entanto, o factor cor, por exemplo, como causa de discriminação dos outros, é maior no Porto (58,2 por cento) do que em Lisboa (50,7 por cento), ao contrário do factor ideologia, mais importante na capital (13,1 por cento) do que no Porto (6,5 por cento).

Já em relação aos racistas confessos, os resultados deste inquérito mostram que a aceitação da prática e da existência de racismo é superior entre os residentes da Grande Lisboa (14,1 por cento) à aceitação dos que vivem no Grande Porto (8,8 por cento).

À pergunta sobre qual a atitude que as pessoas tomariam caso um filho seu pretendesse casar com uma pessoa doutra raça, 72,4 por cento dos inquiridos no Sul responderam apoiar totalmente tal casamento, enquanto no Norte a mesma opinião recolheu apenas 53,3 por cento das respostas. No entanto, os mais radicais - que optariam por um corte de relações nessa situação - encontram-se em Lisboa (3,4 por cento) e não no Porto (1,3 por cento).

Apesar disso, a percentagem dos que se resignariam com essa hipótese de casamento é superior no Porto (24,4 por cento) , com Lisboa a registar apenas 17,2 por cento de respostas favoráveis a essa resignação

. Curiosamente, e no que respeita àqueles que se limitariam a discordar de tal casamento, não exercendo qualquer represália sobre os noivos, os residentes no Norte representam uma percentagem de 16,2 e, os do Sul, apenas 6,3.

Sobre a atitude que as autoridades devem tomar para com os grupos racistas, como os *skinheads* , a Grande Lisboa recolheu 68,3 por cento de respostas favoráveis à sua repressão/proibição, enquanto o Grande Porto registou 57,1 por cento. O que encaixa, aliás, no facto da percentagem dos que defendem a total liberdade dos grupos racistas ser maior no Porto (7,8 por cento) do que em Lisboa (3,8 por cento).

A última pergunta da sondagem, sobre qual o grupo étnico mais susceptível de ser alvo de uma atitude racista, também registou percentagens que marcam a diferença entre os que residem em Lisboa e no Porto.

Assim, a discriminação dos ciganos é maior no Norte (15,1 por cento) do que no Sul (10,4 por cento), tal como a dos negros, isto é, 10,7 por cento no Porto e 7,4 por cento em Lisboa. Contudo, a percentagem de entrevistados que disse ser incapaz de discriminar uma pessoa por causa da sua raça, qualquer que esta seja, é maior no Norte (46,1) do que em Lisboa (43,5 por cento).

Um conjunto de resultados por vezes aparentemente contraditórios, a revelarem que o racismo tem fronteiras difusas.

COMENTÁRIO

Ser e não ser racista

Um dia destes a minha irmã contava-me algumas histórias das traquinices que sempre se descobrem nas imprevisíveis e não menos desconcertantes situações que as crianças criam aos pais nos seus primeiros anos de vida.

Numa certa manhã, algures em África, vão dar com os miúdos, o Bruno e a Cristina, todos negros, besuntados de pomada preta. Aflita com o resultado da brincadeira e com as nefastas consequências, tanto mais que eles assim entraram pela cama dentro, ralhando-lhes, inquiria: «Mas por que é que vocês fizeram isto?»

Na sua simplicidade, as crianças responderam: «Para ficarmos pretos como o Manel». O Manuel era o criado que os servia.

Esta versão de adesão inter-rácica, «ficar como», «ser como», só é possível conceber no quadro conceptual de uma criança que, exactamente, nesse estádio, quer ou procura as similitudes, pois não alcança as diferenças. Porém, não é possível observá-la, no mundo dos adultos, nas suas diferenciadas inter-relações rácicas ou étnicas, nem tão-pouco sequer, dentro da mesma raça, em classes ou estratos sociais diversos. O discurso é um, a prática é outra.

Interrogados se somos racistas quase todos (uns 12 por cento afirmativos apenas representam os assumidos) respondemos ou achamos dever responder: Não senhor, não somos.

Mas, no envolvimemto da teia social, o problema não é este. O problema está na diferença entre a opinião e a atitude. Ora uma sondagem «mede» sobretudo a opinião, não mede a atitude. A expressão de racismo não está na opinião. Está na atitude, na prática das acções da rotina quotidiana, em que viver ao lado do negro, do amarelo, ou de um indiano, - quando se compartilha o mesmo espaço, divide o mesmo pão, se toma o mesmo autocarro, aprende na mesma sala de aula, se deita no mesmo leito -, nos coloca na insustentável leveza de ser ou não ser racista. É a cor da pele, o cheiro do corpo, o hábito de vestir, o modo de pensar, a força do desejo, o valor da crença ou da crendice, o sentido do gesto, que fazem o teste, na hora, ou no cúmulo da vida, à nossa qualidade de ser ou não ser racista.

O problema não está nas diferenças que são óbvias, evidentes, inegáveis. O problema está na afirmação e gestão dessas diferenças, na secreta hierarquização das suas categorias, na íntima tributação dos seus valores, medidas aferidas não só ao gosto e feitio do sujeito em presença, mas com todo o peso das culturas, com toda a força das tradições e dos valores, toda a incidência das representações colectivas, toda a eficácia da vivência de um passado recente ou distante, ou de um quotidiano que não engana a realidade. Isto vale de um branco para um pele-vermelha, ou de um negro ou um esquimó para um branco ou um indiano. Como diria Roland Barthes, não vale a pena nos iludirmos a propósito do racismo com a astúcia «de dar a ver o mundo negro através dos olhos da criança branca».

Esta sondagem é importante, exactamente por isto. A inaceitabilidade da prática e existência do racismo, vista de fora, nos outros, é quase total, absoluta. É a esfera da opinião. Mas, depois, a partir do que é nosso, do que está dentro de nós, é que começa o racismo. À medida que vão sendo confrontadas as atitudes (o filho que casa com uma pessoa de raça diferente), ou são interrogadas as pessoas de classe mais alta, ou de idade mais jovem, (um dado importante a reter), essa inaceitabilidade vai sendo posta em causa e o racismo começa a vir ao de cima. E colocados perante a questão frontal de ter ou não ter um certo racismo em relação às diferentes raças vê-se que baixa aos 44 pontos a percentagem daqueles que se declaram pela negativa.

Três vectores fortes, nesta sondagem, marcam a fronteira do ser racista: a cor (é a força da lógica hipodérmica), a ideologia, (isto dos outros não pensarem como nós, não verem o mundo e as coisas pelos nossos olhos), e a classe social. Felizmente, esta sondagem não concorre para o mito de que os portugueses não são racistas. Podemos, isso sim, ser menos que os outros povos. Mas ser ou não ser racista não é uma questão de opinião. É uma atitude.

José Manuel Paquete de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

A TRAPAÇA E A MENTIRA

No «Mercúrio» — suplemento semanal do jornal «A República» — de 6 de Janeiro passado escrevi que, a propósito dos acontecimentos na Roménia, não tínhamos visto, como todos afirmavam, uma revolução em directo. As imagens — em directo e em dif-Erido — eram por si sós bastante genéricas e acompanhadas de um outro comentário falado poderiam muito bem passar por notícias do Panamá: um tanque num cruzamento, um atirador, uma barreira. O que acontecera é que o comité revolucionário tinha usado sabiamente a televisão para encorajar e legitimar a revolução; e as televisões ocidentais tinham oferecido um interessante exemplo de jornalismo político, tornando-nos participantes minuto a minuto de um acontecimento, de certo memorável, através de comentários e relatos adequados, fazendo-nos entrever mesmo o que não era possível ver. Com todas as possibilidades de que a interpretação amplificasse ou distorcesse alguns factos.

Que as notícias possam ser manipuladas é um princípio assente, repetido por todos os manuais de comunicações de massas.

Quando no início dos anos sessenta lancei o programa de uma contra-informação e de uma «guerrilha semiológica», não era minha intenção referir-me ao que se designaria mais tarde pelo mesmo nome e que consistiu na produção de jornais, manifestos e panfletos distribuídos por grupos alternativos com o intuito de oferecerem uma informação diferente da apresentada pelos meios oficiais de comunicação. O meu propósito era uma acção crítica e educativa, que não existia ainda nas escolas, através da qual se «desmontariam» as habituais técnicas de persuasão, relendo um jornal ou revendo uma transmissão televisiva junto do público. Isto passou a fazer-se, desde há anos, em seminários universitários e, com alguma felicidade, até nas escolas secundárias.

Manipular quer dizer interpretar; mostrar, por exemplo, cem pessoas a aplaudir e dar a entender que eram cem mil. Diferente, no entanto, da interpretação manipulatória é, pelo contrário, a mentira pura e simples.

Nos anos setenta tínhamos «construído», com o Serviço Opiniões da RAI, o programa «Chamas em Valduz». Era um documentário em que se mostrava uma revolução no Lichenstein e que, realizado com três diferentes técnicas expositivas, era apresentado a três diferentes estratos de espectadores, para depois de controlar qual o melhor tipo de relato para que o espectador fosse capaz de recordar os factos e de os julgar.

Mas no decurso da experiência tínhamos surpreendido um outro fenómeno: para não trabalhar com notícias que os entrevistados já conhecessem, inventámos um acontecimento imaginário, tornado bastante verosímil através da utilização de materiais de arquivo: agitações de estudantes franceses, movimentos de tropas na Irlanda, entrevistas de sindicalistas alemães devidamente dobradas. E tudo isto com um comentário «off» muito convincente. Ora, com excepção de poucos, todos os espectadores tomaram como verdadeiro a notícia de uma revolução jamais acontecida.

Umberto Eco

Todavia, nada disto era estranho: por um lado, as pessoas sabem muito pouco acerca do Lichenstein; por outro, se uma pessoa é convidada pela RAI (Rádio Televisão Italiana) para ver um documentário não lhe passa pela cabeça que a televisão italiana lhe esteja a fazer uma partida.

Se o Presidente do Conselho aparece no telejornal e anuncia que Kadafi bombardeou Panarea, a nossa primeira reacção é acreditar nele. Se depois descobrimos que mentiu, não nos consideramos vítimas de uma «interpretação manipulatória da informação», mas de uma burla bem montada e exigimos que aquele desatinado se demita.

Estas observações são pertinentes em relação ao caso «Mixer». Se a RAI pusesse no ar transmissões que nos ensinassem a desconfiar das imagens e do modo de as comentar, fornecendo-nos exemplos de casos já conhecidos, seria óptimo. Mas se nos vem contar, com um ar respeitável, uma patranha, é óbvio que caímos na esparrela. A transmissão fictícia do programa «Mixer» (2.ª feira, 5 de Fevereiro), acerca do histórico referendo República-Monarquia, não trouxe nada de novo sobre os mecanismos interpretativos dos meios de massas: fez-nos simplesmente recordar que existe a possibilidade de um tipo qualquer nos contar que a nossa avó foi atropelada mortalmente por um eléctrico, quando isso não é verdade.

Mas já desde a pré-história que sabemos que no mundo existem mentirosos.

Exclusivo DL/ L'Espresso

CARTAS NA MESA

«Há misses para tudo»

Com a assinatura de Carlos Castro recebemos, dirigida ao nosso Director, a seguinte carta:

«Pela presente venho solicitar a V. Excia. se digne mandar publicar esta minha carta, agradecendo assim o direito de resposta ao abrigo da Lei de Imprensa relativo a uma «reportagem» sobre o espectáculo de «Miss Wonderland» no Casino Estoril. E porque o meu bom nome e o da Organização de que sou Director foram abusivamente ofendidas, de uma forma grosseira e repleta de maldade.

1.º — Quero expressar a minha repulsa e indignação pela «crónica social» verrinosa e de uma grosseria tremenda que não se adequa com a linha de orientação do Jornal que V.Excia. dirige.

2.º — Quando preparei este espectáculo no Casino Estoril tive o cuidado e a elegância de CONVIDAR toda a Comunicação Social SOLICITANDO E SUBLINHANDO: RESPOSTA OBRIGATÓRIA pelo facto de ser um Jantar com lugares marcados.

O «Diário de Lisboa» não só nada disse sobre o assunto como ainda se recusou a dar qualquer resposta ao telefonema que foi feito pela Organização um dia antes do espectáculo.

3.º — Pelas 21.00 horas do dia 13/02 fui chamado ao «foyer» do Casino para resolver o problema do «DL» que não tinha o nome na lista de convidados.

4.º — Lá estava o vosso colaborador com cara de poucos amigos com todos os direitos e mais alguns de ser previligiado (sic) «porque estava ali destacado e o resto sobre os convites não lhe dizia respeito»!

5.º — Com a educação e o respeito que tenho para com profissionais do mesmo ofício resolvi solucionar o problema uma vez que a Sala do Casino estava lotada. O pior foi quando o v/colaborador me disse que «trazia também a mulher»!

Consegui com boa vontade colocar o v/colaborador, a mulher e o repórter fotográfico na única mesa vaga. Que por acaso era na quarta fila, onde estava também muito mais gente, que por acaso até pagaram os ingressos e que não fizeram PEIXARADA (sic) no final.

6.º — Quanto aos adjectivos sobre o espectáculo, cada um é livre de criticar o que não gosta desde que não ofenda o trabalho de muitas horas de pessoas honestas, desde que saiba criticar sem vinganças e antipatias pessoais.

7.º — Vergonhoso ainda quando o v/«cronista social» refere o «Special Olympics» de uma forma grosseira e de muito mau gosto, assim como os comentários insidiosos sobre o menú do Casino, da falta de vinhos e águas, parecendo com isso que ali tinha ido não para cobrir um acontecimento, mas para ser servido principescamente!!!

8.º — Quanto ao facto de me chamar «altruísta» o v/colaborador lá sabe o que diz. E rematando ao título do «DL» — «Há misses para tudo», eu acrescentaria também em caixa alta: «HÁ GENTE PARA TUDO»! (...)

Nota da Redacção

Na carta que acima transcrevemos parcialmente, o sr. Carlos Castro levanta duas questões. Uma tem a ver com marcação de lugares e a resposta que não teria sido dada ao convite que «com elegância» nos dirigiu. Outra diz respeito à opinião expressa neste jornal sobre o espectáculo que promoveu.

Sobre a primeira, temos simplesmente a dizer que a comparência do DL e o número de pessoas que acompanhariam o nosso colaborador destacado para esse serviço foram, ao contrário do que afirma, aspectos combinados telefonicamente de véspera e que, nem nessa altura nem posteriormente, levantaram qualquer problema.

No que se refere à segunda questão, isto é, ao comentário feito ao espectáculo da eleição de Miss Wonderland, não conseguimos entender de que modo poderíamos ter «abusivamente ofendido» o bom nome do signatário e da organização de que é director. Não encontramos na reportagem em causa palavras a que se possam atribuir esse sentido, muito menos realçadas de «forma grosseira e repleta de maldade».

Não entendemos também as razões do sr. Carlos Castro atribuir quaisquer motivos de «vinganças e antipatias pessoais» às críticas feitas ao espectáculo, não existindo qualquer passado de relações entre ele e o DL e nada se sabendo da organização que dirige. De igual modo achamos incompreensível que o signatário , organizador de uma festa anunciada como tendo objectivos filantrópicos, se ofenda por ser chamado altruista, e considere ofendida , por se falar nos seus deficientes mentais, uma instituição que se supõe empenhada no apoio a esses deficientes.

Permitimo-nos concluir que estes desentendidos resultam de uma confusão do sr. Carlos Castro. O que nós publicámos sobre a tal eleição de misses não foi, como erradamente escreve, uma «crónica social», género que não praticamos e que não está no horizonte dos nossos projec-

FORUM

tos. O texto que publicámos é uma reportagem, feita por um jornalista e não, como também erradamente escreve, por um «cronista social»

Os alternativos da FENPROF

Li no Diário de Lisboa, de 6 de Fevereiro uma reportagem sobre uma «alternativa na FENPROF». É bom que o DL dê eco a questões importantes para os professores. Apenas gostaria que, no mesmo jornal, também fossem consideradas importantes outras questões que não apenas as posições que alguns sectores de sindicalistas mais radicais vêm assumindo. Mas isso é uma questão de critérios e afinidades que agora não vale a pena estar a discutir.

Queria antes, isso sim, opinar sobre três aspectos da referida reportagem. E, já que o DL agora se diz um espaço aberto ao confronto de opiniões, cá vai... Em primeiro lugar, vem o sector contestatário dizer publicamente que no processo negocial do Estatuto da Carreira Docente do Ensino Não Superior a direcção da FENPROF (de que os elementos do referido grupo também fazem parte) assumiu um «papel indecente».

A que se refere tão rigorosa apreciação? Qual foi a não decência dos acusados?

Porque não estou a ver que se trate de alguma referência a qualquer atitude indecorosa dos ditos. Presumo, então, que o que está em causa é o facto de a direcção da FENPROF ter, nesse longo processo de luta, convocado, mobilizado e dirigido (de acordo com o que entendeu mais correcto) imensas greves, petições, manifestações, reuniões, etc. etc.

Mas isso é o dever de qualquer direcção de um Sindicato, como de uma Associação ou de um Clube. Foi precisamente eleita para dirigir. Para assumir responsavelmente os riscos e os custos (bons ou maus) de avançar em múltiplas e adequadas acções bem como de inflectir, de parar ou suspender essas mesmas acções quando as circunstâncias assim o reclamarem.

É assim, e quanto a isso ainda está por inventar uma alternativa.

O que existe também é a possibilidade (democrática, está claro!) de os anti-sindicalistas dizerem, como de costume, que as lutas e os Sindicatos não servem para nada enquanto que, aqueles que pretendem ser eles a dirigir, dirão que a luta havia de ter sido «mais assim ou mais assado» e que eles é que sabem (sobretudo «a posteriori») como se faz.

Claro que todos têm o direito de agir desta forma. Simplesmente também têm o dever de não virem para a «praça pública» com acusações populistas e redutoras que nada abonam em favor do indispensável debate esclarecedor.

Segundo, diz o grupo «mais» que se vai realizar uma Conferência Nacional sobre o Estatuto que é anti-democrática pois «só se destina a absolver a direcção da FENPROF».

Como já participei numa reunião onde esta questão foi sobejamente esmiuçada quero pronunciar-me também sobre a tal não-abertura da Conferência.

Quanto à escolha dos participantes eleitos eles são votados pelos delegados sindicais. Nesta matéria apenas me parece que existe excessiva «ingenuidade» por parte das direcções sindicais pois é sabido que os sindicalistas do «mais» têm precisamente um apoio nos delegados sindicais muito superior àquele que têm obtido junto da generalidade dos professores.

Refira-se que todas as listas propostas terão na Conferência uma representação directamente proporcional à votação que obtiverem.

Onde está então a antidemocracidade?

Quanto aos lugares por inerência eles correspondem apenas aos membros do Conselho Nacional da FENPROF e a uma parte (reduzida) das Direcções dos Sindicatos. Uns e outros são quadros sindicais eleitos sem que alguma vez alguém tenha posto em causa o carácter democrático da sua eleição.

Haja, portanto, bom senso que os professores não apenas o merecem como o exigem.

António V. Rodrigues,
professor e leitor em Lisboa

A «noiva» de Cavaco Silva

É bastante estranho para não dizer anormal que agora, quando todos os ventos sopram a favor, o presidente do PSD venha dizer que apoia a eventual recandidatura de Mário Soares à P.R. Quando os militantes do PSD como Helena Roseta tomaram uma posição a favor do que consideravam um candidato do consenso foram expulsos e maltratados publicamente como se fossem uns criminosos.

Quer dizer, quando o senhor primeiro-ministro vê «as coisas, embora tardiamente, então luz verde. Antes dele ver, os que vêm com antecedência, porque politicamente mais espertos e lúcidos, levam o tratamento do ostracismo. Ora isso é a meu ver o mesmo procedimento dos países de Leste antes da grande derrocada dos muros: ou seja, para os não ortodoxos, clínica mental ou Sibéria. Não seria mais limpo que o senhor Primeiro-Ministro se mantivesse numa prudente expectativa em vez de vir dizer às escâncaras que quer a noiva. Ora que eu saiba primeiro tem de dizer se quer casar. Sem ser a propósito ou talvez muito a propósito: quando é que os portugueses se manifestam na rua? Contra a televisão dos maus-maus? Uma grande manifestação na 5 de Outubro. Como fazem os do lado de lá quando querem acabar com a ignomínia. Vamos a isso portugueses! Tudo acaba um dia. Demos o empurrão que salva a honra.

Manuel Martinho,
leitor de Oeiras

Cartoon de **José Bandeira**

FORUM

AUTO-RETRATO

O auto-retrato é um desafio que o DL continua a lançar às mais diversas personalidades da vida pública portuguesa. Duas vezes por semana está nestas páginas. Hoje é a vez de Helena Roseta

Sempre pensei que as pessoas são feitas de estratos sucessivos e acumulados, como os terrenos. E um retrato devia ser um corte vertical, que mostrasse essas diversas camadas nas suas cores, texturas e imbricações. Há-de ver-se que há gente mais homogénea, composta de matéria que se repete e vai engrossando com os anos. Outros porém são cheios de clivagens, faixas inesperadas, contradições várias que o tempo, esse «grande escultor» como lhe chamou Yourcenar, se encarrega de misturar e sobrepor. Se estamos verticalmente ligados à vida que somos, transversalmente somos solidários doutros tantos; cada um dos nossos estratos corresponde então, de forma mais ou menos perfeita a coevos sedimentos vividos por outrem, por vezes tão próximos que as camadas se confundem. É nessas ligações que se forja o sentimento de *tribo,* que nos identifica com uns e nos separa doutros e que não é necessariamente constante ao longo da vida. Nem pode ser adivinhado a partir da visão imediata da nossa camada última ou exterior - que muitas vezes não é senão uma finíssima e conjuntural epiderme.

Os estratos visíveis a olho nu na minha constituição fazem parte do currículo conhecido: formação católica, frequência de Belas-Artes na década de sessenta, militância no PPD depois do 25 de Abril, autarca em Cascais, apoiante de Soares para Belém.

Mais profundos são os laços que me ligam a valores que herdei de meu pai - a integridade, o sentido escrupuloso do dever; de minha mãe - a generosidade, a militância social; e de minha avó materna - a tolerância, a alegria de viver.

Entre uns e outros, foram sedimentando lições de vida que a vários mestres devo: Lagoa Henriques, ou a arte de olhar, Nuno Portas, ou o direito à cidade, Sá Carneiro, ou a política sem hipocrisia. Dos amigos, cujos nomes preservo, guardo traços muito fortes: a solidariedade, a partilha, o prazer de celebrar e cantar, a alegria das viagens, o desejo de repartir um bom vinho e uma boa gargalhada, as longas confidências pela noite fora. E do amor, a grande lição da paciência.

Com tudo isto se vai fazendo uma pessoa. Outras virão, sobrepondo ao meu somatório novas componentes, talvez dissonantes. Então o retrato será outro. Ficará porém sempre a rede que a uns e outros me liga - e que melhor que qualquer outro dado traz inscrita a minha verdadeira identidade.

1962/1990: EM TORNO DA LIBERTAÇÃO DE MANDELA (II)

As iniciativas por uma sensibilização mais geral e aguda da opinião subiram de ponto em 1983 com a exposição *Art against apartheid*. O filme *Cry for freedom* deixou nas consciências imagens inesquecíveis e incómodas. O festival rock de Wembley, em 1988, mostrou uma juventude ardente contra o *apartheid*.

Multiplicaram-se, por outro lado, as publicações, os depoimentos, os testemunhos. Do próprio Mandela, veio a lume em Paris *L'Apartheid*, com prefácio de Breytenbach. A mulher publicou em francês e inglês *Uma parte da minha alma*. Em 1986, a Gallimard editou, no volume *Pour Nelson Mandela*, uma série de tomadas de posição, entre as quais figura a de Jorge Amado. No mesmo ano, tivemos, nos Penguin Books, o livro de Mary Benson. De Oliver Tambo, *Preparing for power* é já de 1988. Em Março desse ano, tinha sido abatida a tiro em Paris, por agentes sul-africanos, Dulcie September, representante do ANC.

Efeitos costumeiros do *apartheid*. Quantas vítimas obscuras por uma daquelas, cuja morte, em pessoa nomeada, reevoltava o mundo! Por um Benjamim Moloise, enforcado... Por um Steve Bikle que chegou ao fim nos locais e por artes da polícia...

Entretanto, o regime sul-africano propusera a liberdade a Mandela (1985) contra um compromisso de renúncia à luta por meios violentos. O prisioneiro recusou. Inflexível, indomável, acentuou-se com entusiasmo. François Soudan escreveu *Mandela, l'indomptable*, que «Jeune Afrique» publicou em Paris, em 1987.

A libertação de Mandela, sem condições, tornara-se uma *condição* prévia de todo o diálogo, susceptível de desbloquear a situação na África do Sul. Em lugar de pesar nesse sentido, o Governo português alinhava em todas as ocasiões com os que defendiam que as sanções contra a África do Sul seriam inadequadas e contraproducentes. Todavia, as responsabilidades que temos na África do Sul, a salvaguarda de uma situação em que haja uma solução pacífica, de que beneficie o meio-milhão de homens que lá temos radicados, devia inspirar uma análise diversa e uma prática oposta.

Quando Pik Botha,esteve em Portugal ao tempo do Bloco Central, o signatário destas linhas recusou comparecer em qualquer ocasião. E viu, mais tarde, com desgosto e revolta, que aceitávamos partir para a comemoração dos Descobrimentos em modalidades a que a África do Sul oficial dava a sua caução e o seu concurso.

Ora, os Descobrimentos e a expansão portuguesa são grandes feitos históricos, em que não se pode pegar de qualquer maneira. Imaginou-se um navio, repetiu-se a viagem de Bartolomeu Dias, aportou-se a Mossel Bay. Como a praia era de brancos, acorreram ao desembarque, ao que se disse, brancos, sim, mas pintados de preto, para não pecar a reconstituição pela cor aparente dos curiosos.

A iniciativa era discutível. Mas se a evocação se fazia assim, se caravela navegaria, haveria que confiar-lhe a mensagem adequada. E o signatário destas linhas desejou em sessão solene, no fulcro de uma evocação d descobridor, que essa fosse uma mensagem de humanismo, que reclamasse, como primeiro ponto de um programa de conciliação, a libertação incondicional de Nelson Mandela.

O discurso, todavia aplaudido, escandalizou muita gente. E a televisão portuguesa, noticiando o facto, entrevistou sobre ele o embaixador da Áfrrica do Sul, que tinha assistido à sessão, e não o próprio orador. Ou seja, informou com base numa das partes em presença, e só nessa.

Já a *perestroika* estava em curso. No desenvolvimento do processo, o *apartheid* perderia cada vez mais o que os seus defensores e desculpadores iam buscar como argumento: os erros e crimes do adversário. O novo clima das relações internacionais, a atenuação dos conflitos regionais reclamavam outra atitude por parte da África do Sul. Quando se estende o campo da liberdade, restringe-se a base dos redutos da opressão.

Frederik De Klerk é um estadista de coragem. A libertação, neste domingo, 11 de Fevereiro, do mais velho prisioneiro do mundo, nem por ser uma necessidade incontornável deixa de requerer uma decisão forte. A aparição, nos écrans de televisão, de Mandela e De Klerk, lado a lado, e sorridentes, é uma destas imagens de liberdade em que a actualidade - louvemos os deuses! - tem sido pródiga.

A imagem de Mandela, dando a mão a Winnie, no seu primeiro trajecto após a prisão em Victor Voerster, para onde o tinham mudado há menos de um ano, em condições já completamente diversas, é outra dessas imagens inesquecíveis. Mais sugestiva ainda do que a precedente. Uma grande dignidade, uma serenidade que não exclui a apreensão, como que uma hesitação na saudação consagrada do punho erguido. Aqui reformulamos os votos, que apresentámos na sessão da Sociedade de Geografia, agora a partir das próprias palavras de Nelson Mandela, que orientam todo um programa, constituindo uma posição de princípio:

«Lutei contra o domínio branco e contra o domínio negro. O meu ideal é o de uma sociedade democrática livre, cujos membros vivam todos em harmonia e beneficiem de oportunidades iguais.»

O primeiro discurso de Mandela livre, atento a todas as partes, confirma esta posição. Decerto a partida não está ganha. Só neste domingo os mortos foram vinte. Os partidários dos métodos antigos não desarmaram e a cada curva são de temer as derrapagens. Mas nunca, até aqui, se tinha enveredado pelo caminho da solução equitativa. Nem de nenhuma solução. Apenas da opressão e da repressão, que cada vez mais comprometiam as *chances* de todos e de cada um, e da África do Sul... Que, se a solução equitativa fosse conseguida, poderia e deveria contribuir decisivamente para a definição na região, em todos os países da região (e em Angola e Moçambique), de um espaço de liberdade, prosperidade e modernidade, de acordo com o rumo que vão dando ao mundo os grandes centros de debate e irradiação.

Coimbra Martins

11/12 Fevereiro de 1990

POLÍTICA

Portugueses na história da Ordem de Malta

A Ordem de Malta é o mais pequeno Estado do Mundo. Em Roma, exerce soberania sobre dois palácios, mas dispõe de representações diplomáticas em mais de 50 países e importante património, colocado ao serviço de acções de carácter humanitário.

Fundada em 1099 pelos exércitos das primeiras cruzadas, a Ordem, com mais de dez mil membros dispersos por 88 países, desempenhou importante papel na luta contra a lepra. Hoje, está envolvida em obras de saúde e assistência em países como os Estados Unidos, União Soviética, Cuba e Egipto, mantendo rigoroso distanciamento em relação a questões de carácter político. No Líbano, por exemplo, é proprietária de 14 dispensários, distribuidos pelas várias zonas de influência religiosa.

Na história da Ordem de Malta, actualmente liderada pelo nobre inglês Andrew Bertie, a quem é reconhecida dignidade cardinalícia e prestadas honras de soberano, diversos portugueses tiveram parte activa. D. Afonso de Portugal, Luis Mendes de Vasconcelos, António Manuel de Vilhena e Manuel Pinto da Fonseca foram grão-mestres. A Ordem, que possui embaixada em Lisboa, mantém serviços de assistência no nosso País e é proprietária da capela de Santa Luzia.

Mário Soares não quer concorrer sozinho

Presidente toma posição sobre o «senhor X», candidato a Belém

Soares espera que o «perfil do senhor X», o candidato indicado pelo «Semanário», este fim-de-semana como seu sucessor em Belém, «se torne muito claro», de forma a que os portugueses «tenham todas as opções possíveis, para escolher em democracia». Em declarações feitas em Roma, ao correspondente da RTP, o Presidente comparou as pesquisas do jornal dirigido por Cunha Rego às que foram feitas pelo «L'Express», no tempo de De Gaule e referiu-se às «respostas dadas por várias personalidades», no inquérito feito em Portugal.

Durante a visita que efectuou à Ordem de Malta, motivo que o levou a Itália, Soares defendeu a consolidação dos laços de amizade e cooperação entre Portugal e aquele Estado, que tem desenvolvido no nosso País actividades de carácter humanitário.

Mário Soares valorizou o papel da mais pequena Nação do Mundo, instalada num palácio em Roma, chamando a atenção para o facto de garantir os valores da liberdade, humanismo e solidariedade, hoje respeitados em toda a Europa. Retribuindo, com esta visita, a deslocação do Grão-Mestre da Ordem a Portugal, em Maio de 1989, assegurou: «Podem contar com toda a solidariedade, simpatia e cooperação do Estado português».

Soares debateu com o presidente italiano a nova situação política decorrente dos acontecimentos no Leste

Andrew Bertie recordou os laços históricos que unem Portugal à Ordem, fundados numa «vocação comum pela defesa dos valores cristãos e pela preocupação com o sofrimento dos homens». O Grão-Mestre afirmou que a instituição está apta a apoiar moral e materialmente «os esforços de Portugal no sentido da paz universal e do progresso, da liberdade e do bem-estar das populações de língua portuguesa na Europa e em África».

O estadista aludia ao acordo de cooperação assinado com Portugal em 1983, cujo principal objectivo é o apoio aos países africanos de expressão portuguesa. Fez votos para que, em próximo encontro da comissão mista criada pelo acordo, a cooperação seja desenvolvida. Aliás, segundo a agência Lusa, poderá vir a assumir formas multilaterais, envolvendo a Espanha e países ibero-americanos.

Soares com Cossiga

A visita de Mário Soares a Itália durou cinco dias, tendo como pontos altos mais um doutoramento «honoris causa», pela Universidade de Turim, e a participação num congresso sobre o poeta espanhol anti-fascista António Machado. Terminou ontem, com uma recepção na Embaixada de Portugal na Santa Sé.

O Presidente, que regressa hoje a Lisboa, foi ainda recebido pelo seu homólogo italiano. O encontro, inicialmente previsto para hoje, foi antecipado, levando o «DL» a divulgar informação errada, baseado em fonte da Presidência da República.

Soares debateu com Francesco Cossiga questões relacionadas com a situação internacional, em função da evolução política no Leste europeu.

A reunião teve lugar no Palácio do Quirinal, em Roma e contou com a presença de Susana Agnelli, subsecretária dos Negócios Estrangeiros, irmã do patrão da FIAT.

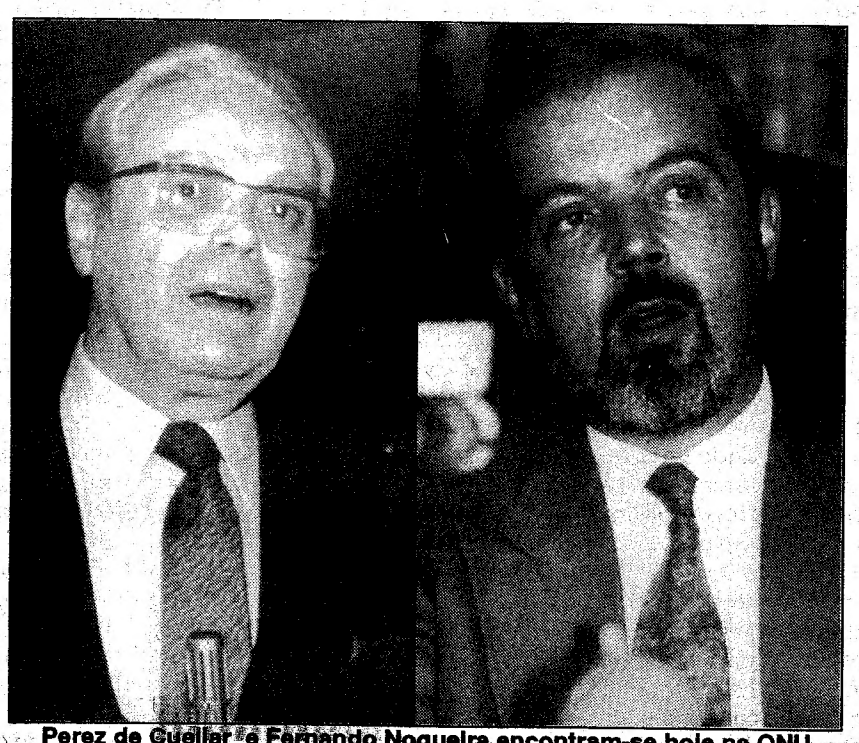
Perez de Cuellar recebe Fernando Nogueira

O ministro da Justiça, Fernando Nogueira, participa hoje em Nova Iorque, na 17.ª sessão extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas, exclusivamente dedicada à problemática da droga nas áreas do consumo e do tráfico.

Fernando Nogueira chefia a delegação portuguesa, que integra ainda representantes do Ministério da Justiça (Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga e Polícia Judiciária), e dos Ministérios da Saúde, Administração Interna e Negócios Estrangeiros.

Fernando Nogueira almoça hoje com o secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar e quarta-feira oferece um almoço aos representantes dos países de expressão oficial portuguesa.

Quinta-feira, intervém na Assembleia Geral e janta na residência do Cônsul Geral de Portugal, para encontro com representantes das Comunidades Portuguesas do Estado de Nova Iorque.



Perez de Cuellar e Fernando Nogueira encontram-se hoje na ONU, onde se debate consumo e tráfico de droga

A reunião extraordinária da Assembleia Geral da ONU foi decidida em 1 de Novembro de 1989, através da Resolução 44/16, e culmina uma série de iniciativas que se têm realizado nos últimos anos, sob patrocínio das Nações Unidas.

Entre essas iniciativas, destacam-se a Conferência Internacional de Viena, em 1987, e a aprovação, em 1988, da convenção sobre tráfico de drogas. Nesta sessão extraordinária deverá ser definido um programa global de acção e uma declaração política de compromisso entre os países membros.

Lusa

Congresso do PSD/Açores

Álvaro Dâmaso apresenta «moção renovadora»

Álvaro Dâmaso, secretário da Economia do Governo Regional dos Açores recentemente afastado por Mota Amaral, acaba de confirmar a sua intenção de apresentar uma moção de estratégia ao próximo congresso do PSD do arquipélago.

Em declarações ao «Açoriano Oriental», o antigo membro do executivo açoriano que reassumiu funções de deputado à Assembleia da República, salientou que a sua proposta não prefigura uma moção de censura, mas «um conjunto de orientações polí-ticas».

«A moção não é contra o presidente do Governo Regional e do partido, mas com o objectivo de contribuir para que o PSD renovado continue a governar a região como tem feito», esclareceu.

A tomada de posição de Álvaro Dâmaso, que ainda não fizera declarações públicas a este respeito desde o seu afastamento do Governo Regional por alegada «falta de confiança política» de Mota Amaral, coin-cide com informações divulgadas pelo «DL» na edição da passada sexta-feira.

Diversas fontes asseguraram então ao nosso jornal que Dâmaso se dispunha apenas a protagonizar no congresso do PSD/Açores, previsto para Abril, uma «intervenção correctora» da estratégia do partido, não se assumindo frontalmente como oposição à liderança de Mota Amaral.

POLÍTICA

Vereadores a tempo inteiro na Câmara do Porto

Fernando Gomes discutiu futuro dos têxteis com embaixador da Suécia

O presidente da Câmara Municipal do Porto manifestou inteira disponibilidade para receber os deputados municipais, sempre que seja no interesse do concelho. Esta abertura de Fernando Gomes foi comunicada na última sessão pública da Assembleia Municipal de ontem.

A decisão mais importante tomada na reunião de ontem foi a aprovação, por unanimidade, da proposta relativa à consagração da existência de seis vereadores em regime de permanência (a tempo inteiro) no exercício camarário, o máximo que a lei permite.

Os limites da legislação autárquica estiveram, aliás, em foco na reunião da Assembleia Municipal de ontem, dia bastante atarefado para Fernando Gomes, que durante a tarde recebeu os embaixadores da Suécia e da Polónia, que lhe foram apresentar cumprimentos.

O presidente da Câmara Municipal do Porto destacou, na reunião da Assembleia Municipal, a sua predisposição para colaborar com os deputados municipais, para além do que por lei é obrigado, e expôs àquele órgão as razões pelas quais a edilidade necessita de seis vereadores a tempo inteiro.

Outros pontos em agenda para a sessão respeitavam à designação do conselho de administração dos serviços municipalizados de águas e sanemanto e a fixação dos limites a partir dos quais se recorrerá a concurso público limitado ao ajuste directo para realização de empreitadas e aquisições de bens e serviços.

O período antes da ordem do dia da reunião da Assembleia Municipal foi aproveitado para a aprovação de várias moções e de um voto de pesar.

Neste último caso, os autarcas guardaram um minuto de silêncio em memória do professor Barata Feyo. O nome deste e o de Ernesto Veiga de Oliveira, etnólogo falecido em 15 de Janeiro, foram propostos pela Assembleia Municipal para a toponímia da cidade, a atribuir, logo que possível, a ruas do Porto.

Foi ainda aprovado um voto de congratulação pela libertação de Nelson Mandela, antecedendo a ordem de trabalhos.

Têxteis e gasoduto com embaixadores

O presidente da Câmara Municipal do Porto recebeu ontem à tarde os embaixadores da Suécia e da Polónia, que lhe apresentaram cumprimentos em audiência conjunta.

O facto de os problemas da Suécia e daPolónia não serem os mesmos proporcionou uma troca de impressões muito ampla entre Fernando Gomes e os embaixadores Edward Sabik (Polónia) e Goran Hasselmark (Suécia), na sala D. Maria. A conversa começou com política internacional e versou, na parte final, questões respeitantes às relações bilaterais.

O presidente da Câmara Municipal do Porto abordou o problema dos têxteis na audiência concedida ao embaixador da Suécia em Portugal

O problema têxtil, nomeadamente o posível abandono do acordo multifibras por parte da Suécia (cujas relações comerciais com empresários nortenhos neste domínio são conhecidas e privilegiadas) foi o tema saliente da conversa entre Fernando Gomes e o embaixador Hassekmark, que se deslocou à Câmara Municipal acompanhado do cônsul da Suécia no Porto.

O encontro entre o autarca portuense e o diplomata polaco versou outras matérias, visto serem diferentes as realidades dos dois países e outros os problemas. Fernando Gomes e Sabik abordaram o problema das pontes empresariais que neste momento existem entre Portugal e a Polónia e o interesse deste país do Leste europeu em ser «subempreiteiro» na instalação do gasoduto no nosso País.

B R E V E S

PRD organiza Convenção

A nova Comissão Executiva do Partido Renovador Democrático reúne esta tarde, pela primeira vez sob a presidência de Pedro Canavarro. Nos termos de um comunicado divulgado por aquele partido na reunião será feita a análise dos resultados do conselho nacional, programadas actividades para os próximos tempos e iniciada a preparação da Convenção Nacional.

Parlamento debate Acção Popular

Os projectos do PS e do PCP sobre acção popular são hoje debatidos no Parlamento. Visam reforçar a participação dos cidadãos, dando-lhes direito de iniciativa e de acção judicial nos domínios civil, penal e administrativo.

De referir que o direito de acção popular está consagrado na Constituição e há diplomas relativos à defesa dos direitos dos consumidores, do ambiente e património cultural mas falta um regime geral que os enquadre.

CEE prepara Cimeira de Dublin

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze estão reunidos em Dublin, para preparar a Cimeira de Chefes de Estado e de Governo que se realiza durante a actual presidência irlandesa da Comunidade. As alterações decorrentes da abertura a Leste e, em especial, da reunificação da RDA e RFA são os principais temas em análise.

Três membros das FP-25 julgados em Monsanto

Alberto Teixeira, Baptista Dias e Angélica Toquito, membros das FP-25 e acusados do homicídio de Álvaro Militão, da PSP recomeçam a ser julgados esta tarde, no Tribunal de Monsanto. Anteriormente foram condenados por «organização terrorista» e cada um deles por «porte de arma proibida».

Álvaro Militão morreu a 16 de Agosto de 1987, na sequência de uma perseguição automóvel aos arguidos por elementos da Judiciária, na zona oriental de Lisboa.

Jardim prepara comunicação

Relações Leste-Oeste dominam reunião europeia na Madeira

A Comissão dos Asuntos Políticos da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europe reúne-se no final do mês no Funchal, com uma agenda de trabalho em que avultam as relações Leste-Oeste. Outros pontos importante são a luta contra o terrorismo e o conflito Senegal/Mauritânia.

Aquela comissão parlamentar do Conselho da Europa ouvirá ainda uma uma exposição do presidente do Governo Regional da Madeira e presidente da conferência, Alberto João Jardim, sobre «aspectos políticos e sócio-económicos das regiões periféricas europeias- o caso da Região Autónoma da Madeira».

O presidente da delegação portuguesa na Assembleia Parlamentar referiu em conferência de Imprensa promovida ontem no Funchal que «assume especial destaque», nas questões a debater, o facto de Polónia, Hungria, Jugoslávia e União Soviética beneficiarem, actualmente, do estatuto de convidados especiais neste órgão.

Da reunião - acrescentou Soares Costa, deputado ao Parlamento da Europa pelo PSD - constam outros pontos importantes, tais como as relações com os Estados Unidos e o Canadá, os direitos do homem e democracia na Turquia.

A comissão dos assuntos políticos da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa é constituída por cerca de quatro dezenas de deputados dos parlamentos nacionais dos 23 Estados membros do Conselho da Europa, integrando quatro portugueses.

Além de Soares da Costa, estiveram presentes nesta conferência o deputado do PS pelo círculo da Madeira, Mota Torres, Brazão de Castro, secretário regional de Educação, e João Carlos de Abreu, secretário regional de Turismo, Cultura e Emigração.

Madeira conta com a CEE

A proposta de orçamento para a Madeira, relativa a 1990, deverá ser entregue esta semana na Assembleia Legislativa, mas a sua discussão ocorrerá apenas entre 14 e 16 de Março.

O Governo Regional da Madeira conta com dotações do Orçamento do Estado (do Governo central) e da Comunidade Económica Europeia para o seu orçamento. Essas transferências deverão ascender a cerca de quinze milhões de contos.

A proposta orçamental da região, no montante de 60 milhões de contos, é das mais baixas dos últimos anos e inclui cerca de vinte milhões de contos para investimentos. De destacar, neste aspecto, o facto de o montante incluir as verbas necessárias a assegurar a comparticipação nacional em projectos financiados pelos fundos estruturais.

A discussão da proposta de orçamento regional - cuja conclusão esteve dependente de negociações havidas entre os Governos da República e Regional sobre esta matéria - será feita apenas em Março, por forma a viabilizar um debate prévio em comissão.

Será apresentado ao Parlamento Regional, ao mesmo tempo, o plano de investimentos públicos para 1990, que ascende a 20 milhões de contos, incluindo projectos financiados pela Comunidade Europeia.

Açores pretendem mais investimentos

O presidente da comissão de Economia do Parlamento Regional açoriano considerou que o relatório sobre medidas comunitárias específicas elaborado pela Comissão Europeia evidencia «uma perspectiva razoável» para os problemas insulares.

Carlos César, do Partido Socialista, preside àquela comissão regional e salientou, após uma reunião com o secretário regional de Economia,Mário Fortuna, o eventual impacto positivo das medidas apontadas no relatório em matéria de investimento na Região Autónoma, designadamente na área industrial.

João Jardim

A aplicação das soluções propostas no documento poderá contribuir para que os Açores se tornem «uma região onde será mais fácil investir», declarou aquele deputado regional.

Carlos César acrescentou, contudo, que no seio da comissão vários deputados consideraram«insuficientes os apoios perspectivados face às necessidades regionais».

Lusa/DL

Elogio da legalidade

No dia 6 de Novembro de 1985, tomou posse como ministro das Finanças o dr. Miguel Cadilhe. Morava, a essa data, no Porto, na Rua do Tenente Valadim, 252. Tinha, por isso, e porque «aos membros do Governo que, ao serem nomeados, não tenham residência permanente na cidade de Lisboa ou numa área circundante de 100 quilómetros poderá ser concedida habitação por conta do Estado ou atribuído um subsídio de alojamento a partir da data da sua tomada de posse» direito a um subsídio, cujo valor era, na altura, de 53550$00. A 23 de Dezembro de 85, celebra contrato-promessa para a compra de um andar em Lisboa, na Rua de Francisco Stromp, que ocupa em 31 de Julho de 85.

O subsídio em nada é afectado, uma vez que, à data da sua posse, morava no Porto, e passa, em Fevereiro de 87, a ser de 69000$00.

Em 17 de Agosto desse mesmo ano de 87, Miguel Cadilhe é exonerado do cargo de ministro das Finanças do X Governo Constitucional, e toma posse como Ministro das Finanças do XI Governo Constitucional, cargo que ocupa até Janeiro deste ano. Em 7 de Outubro, o subsídio, que continua a receber, porque «entre a data da cessação de funções do cargo desempenhado no X Governo Constitucional e o início do exercício de idêntico cargo no XI Governo Constitucional não houve qualquer hiato» (auditoria jurídica do Ministério das Finanças, 6 de Julho de 89), sobe para 84000$00 - que permanecem enquanto o ministro muda da Francisco Stromp para as Amoreiras.

Estranho? Só se o leitor não concordar com a auditoria jurídica da Presidência do Conselho de Ministros, segundo a qual«residência permanente ou habitual é aquela em que determinada pessoa fixa o centro da organização da sua vida pessoal e familiar» e« a falta de residência habitual em determinado local, neste caso na cidade de Lisboa, não significa que nela não se possua casa própria, sendo apenas determinante da atribuição do citado subsídio de alojamento que a mesma não seja habitada pelo respectivo beneficiário em termos de se poder considerar que nela tem»residência permanente «à data da nomeação para o cargo governativo.»

As coisas complicam-se, é verdade, quando a auditoria jurídica do Ministério das Finanças explica que «residência permanente é o local de residência habitual, estável e duradoura de qualquer pessoa» e logo acrecenta que «é óbvio que, de acordo com a noção que atrás se deu de residência permanente, o sr. ministro das Finanças, por força do exercício das suas funções governativas, tem residência permanente em Lisboa, pelo menos se e enquanto se mantiver no exercício daquelas funções»

Preocupado com a legalidade da coisa? Nem pense nisso, tudo está salvaguardado: esta residência em Lisboa é, diz o mesmo parecer, «estabelecimento de um domicílio legal ou necessário que assenta em factos distintos da livre escolha do sujeito domiciliado», com o qual pode, evidentemente! «coexistir o domicílio voluntário geral», aquele que é«determinado por um acto voluntário», e que, no caso de Miguel Cadilhe, comprador já de dois apartamentos em Lisboa, continua a ser a casa na Rua do Tenente Valadim, no Porto.

As Torres das Amoreiras onde se situa o polémico apartamento de Miguel Cadilhe

Tem pois Miguel Cadilhe, continua o mui lógico parecer da auditoria jurídica do Ministério das Finanças, «duas residências em perfeita coexistência legal». Vem a propósito, e a auditoria fá-lo, citar o artigo 82º do Código Civil, segundo o qual uma pessoa «em domicílio no lugar da sua residência habitual » e,«se residir alternadamente em diversos lugares, tem-se por domiciliada em qualquer deles.»

O *suspense* cresce: haverá afinal alguma menor legalidade no caso do subsídio de habitação a Cadilhe? Terão, por esta vez, os deputados Octávio Teixeira e João Amaral, que levantaram a questão, conseguido apanhar em falta o Governo Cavaco Silva?

Desiludam-se:«tudo indica», prossegue o parecer da auditoria do Ministério de Cadilhe, «que o senhor Ministro das Finanças não deixou de ter residência permanente no Porto pela circunstância de ter adquirido uma habitação em Lisboa», pelo que, é bem de ver, «a causa justificativa da atribuição do subsídio de alojamento àquele membro do Governo mantém-se objectivamente» e «não nos merece qualquer reparo a atribuição e processamento ao senhor Ministro das Finanças do subsídio de alojamento.»

Que por acaso o ministro das Finanças do XI Governo Constitucional já tivesse casa em Lisboa à data da sua posse não risca aqui, porque, já o citámos, «entre a data da cessação de funções do cargo desempenhado no X Governo Constitucional e o início do exercício de idêntico cargo no XI Governo Constitucional não houve qualquer hiato».

Tudo isto, e outras coisas mais, se pode ler no recém-distribuído Suplemento ao «Diário da Assembleia» da República de 23 de Novembro de 89. A não perder.

D.A.

Cooperação no âmbito da CEE

A cooperação legislativa no quadro comunitário é um dos temas a debater hoje por Vitor Crespo, presidente da Assembleia da República, no encontro com Bernard Wetherill, que preside à Câmara dos Comuns.

Vitor Crespo que chegou ontem a Londres para uma visita oficial de três dias, foi recebido pelo secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros, William Waldegreve e esta manhã visitou o Parlamento britânico. Segundo noticia a Lusa, teve depois um encontro com Geoffrey Finsbury, líder do grupo parlamentar anglo-português, com quem almoçou no restaurante da Câmara dos Comuns, em Westminster.

Durante a visita a Westminster Vitor Crespo assistirá a uma sessão de interpelações à primeiro-ministro, Margareth Tatcher, tradicionalmente das sessões «mais aguerridas» do parlamentarismo inglês. Para hoje estão agendadas questões relativas à política interna, incluindo a criação de novos impostos, as relações da Grã-Bretanha com a África do Sul - no novo quadro resultante da libertação de Nelson Mandela - e ainda a reunificação alemã.

Vitor Crespo terá ainda contactos com deputados - William Powell, do Partido Conservador, Russel Johnston, do Partido Democrata e com o trabalhista George Robertson encerrando a deslocação àquele País com uma conferência de Imprensa, marcada para amanhã.

PCP aguarda a definição dos candidatos presidenciais

O Comité Central do PCP, reunido ontem na Soeiro Pereira Gomes, manifestou preocupação com eventuais projectos de «alianças de forças democráticas com forças de direita».

O comunicado final, lido por Domingos Abrantes, defende o reforço da « cooperação estabelecida entre os partidos democráticos para as eleições autárquicas» e considera «nefastas para a alternativa democrática as tendências bipolarizadoras».

Embora de forma subtil, o documento da reunião do Comité Central do PCP traduz o sentimento de desagrado de alguns dirigentes comunistas face a declarações proferidas por militantes socialistas, que aceitariam com agrado a hipótese de o PS fazer uma aliança com o PSD após as eleições legislativas.

Questionado sobre esta questão, Domingos Abrantes reconheceu que são pereocupantes para a democracia as declarações de nomes importantes no PS que aceitam as alianças com o PSD e até com o CDS.

O dirigente comunista salientou, aliás, o facto de «o PS nunca ter definido com antecedência a sua política de alianças». Ao invés das alianças com sociais-democratas e centristas, os dirigentes do PCP consideram que o reforço do «entendimento entre os partidos democráticos» corresponde aos anseios do eleitorado.

Presidenciais: «esperar para ver»

Ao contrário da maioria dos partidos que começaram já a discutir a nível interno o apoio para as presidenciais, o PCP decidiu adoptar uma atitude cautelosa face à grande «indefinição quanto ao número de candidatos».

Domingos Abrantes afirmou que «atempadamente o PCP tomará posição sobre as eleições presidenciais. Temos um congresso marcado onde se deverá debater esse problema. Até agora os outros partidos apenas se limitaram a apoiar candidatos que ainda não se definiram como tal».Questionado sobre a possibilidade do PCP apoiar a eventual candidatura de Mário Soares, o dirigente do PCP escusou-se a responder directamente dizendo apenas que « a seu tempo se saberá».

No que respeita à posição do PSD de não apresentar candidato próprio, Domingos Abrantes considerou que os sociais-democratas «querem apanhar boleia no carro vencedor nas eleições para a Presidência, o que não deixa de revelar um sinal de fraqueza».

A maior parte da conferência de Imprensa foi dedicada à critica ao Governo de Cavaco Silva, tendo o dirigente comunista anunciado que a sua bancada parlamentar vai fazer tudo para « denunciar as negociações que a lei das privatizações permite e requerer a declaração de inconstitucionalidade do diploma legal se este vier a ser promulgado».

«O aumento da inflação em 1,7 por cento, verificado no passado mês de Janeiro, e as intenções do Governo, juntamente com a Confederação Nacional de Empresários Portugueses, de rever radicalmente a lei laboral» foram também assuntos considerados gravosos pelo dirigente comunista.

A preparação do Congresso extraordinário do PCP mereceu apenas meia dúzia de linhas no comunicado final do CC. Domingos Abrante limitou-se a anunciar que na próxima reunião do Comité Central, agendada para os dias 4 e 5 de Março, vão ser discutidas e aprovadas as teses a sujeitar à apreciação e debate em todo o partido. A chancela da direcção do partido na apreciação dos documentos a levar ao congresso limita à partida uma parte importante do debate e este facto tem sido considerado uma lacuna grave na preparação da reunião magna dos comunistas, pelos sectores mais críticos dentro do PCP.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$30	54$30
ALEMANHA FED. (marco)	87$00	88$20
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$976	4$226
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121$80	124$30
(notas de 5 a 1000)	122$30	124$80
DINAMARCA (coroa)	22$55	22$95
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$00	149$50
(notas de 5 a 1000)	146$50	150$00
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	25$60	26$30
HOLANDA (florim)	77$25	78$35
IRLANDA (libra)	232$10	236$10
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$969	1$024
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	249$70	254$20
SUÉCIA (coroa)	23$80	24$30
SUÍÇA (franco)	98$00	99$50
VENEZUELA (bolívar)	3$164	3$964

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

INTERNACIONAL

Reunificação alemã: Genscher e Stoltenberg discordantes

Polémica em torno do factor militar

O Governo de Bona está a ser agitado por uma polémica sobre o estatuto militar da Alemanha oriental, depois de Genscher e Stoltenberg terem manifestado posições contrárias sobre o estatuto militar da RDA, no quadro da reunificação.

O ministro da Defesa da RFA, Gerhard Stoltenberg, que pertence à CDU do chanceler Kohl, sublinhou que o futuro Estado alemão deverá assumir as suas responsabilidades em matéria de defesa. Este "dever de protecção dos cidadãos é indivisível e deverá valer para toda a Alemanha", sublinhou.

Stoltenberg referiu que, como os restantes dirigentes ocidentais, admitia que as forças de defesa da NATO não serão pura e simplesmente estendidas até à fronteira oriental da actual RDA.

Noutros termos, no espírito do ministro da Defesa, os exércitos alemães devem permanecer na parte oriental da Alemanha como um atributo da soberania do futuro Estado, e não ser integrados no comando militar da NATO.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genscher, do Partido Liberal, reagiu vivamente a estas propostas, considerando que a manutenção na RDA das tropas alemãs, mesmo não integradas, limitava-se a "contornar" o acordo havido entre os aliados em Otava, sobre o facto de o território da NATO não poder ser alargado ao Leste. Genscher joga com as palavras: este acordo sobre a não extensão ao Leste da primeira linha de defesa da NATO vai ao encontro do espírito dos ocidentais no sentido de toda a Alemanha reunificada pertencer à Aliança Atlântica. Há dias o Presidente norte-americano, George Bush, manifestou concordância em relação à posição de Kohl.

A nível popular, a reunificação alemã tem sido amplamente exigida na RDA. Na foto, uma manifestação nesse sentido, ocorrida ontem em Leipzig

Não ferir os soviéticos

O Partido Liberal, em face da polémica, ameaçou transformar o problema numa "questão de coligação". Genscher foi enérgico ao manifestar a sua discordância relativamente à declaração de Stoltenberg: "É uma batalha pessoal, sobre a qual não há consenso no Governo", afirmou.

A este propósito, Stoltenberg disse que "a importância e a estrutura das tropas alemãs no território da RDA não deverão deixar de ser debatidas nas próximas negociações (que envolverão os EUA, URSS, Grã-Bretanha, França e as duas Alemanhas), porque a posição do ministro dos Negócios Estrangeiros constitui a expressão do seu ponto de vista pessoal".

Genscher receia aparentemente que uma posição, mesmo próxima da defendida por Stoltenberg, possa ferir Moscovo e constituir um obstáculo para a reunificação.

A delimitação da RDA

O estatuto militar da Alemanha oriental, na sua perspectiva, deve regular-se no quadro do desarmamento na Europa. "Trata-se, disse, de criar maior estabilidade através de medidas de desarmamento draconianas e criativas, com mais segurança. E não estender as tropas até ao Leste, porque isso não favorecerá, antes perturbará, as negociações sobre a restauração da unidade alemã", Mas Genscher não disse que futuro prevê para o actual exército leste-alemão. Mas afirmou que a próxima fase de negociações de Viena sobre desarmamento convencional deveriam ocupar-se das tropas nacionais (e não apenas as tropas estrangeiras estacionadas). Nestes termos, é possível imaginar, após a retirada negociada das tropas soviéticas na RDA, a delimitação desta parte da Alemanha.

Valentin Faline, chefe do departamento de Política Internacional do PC soviético e antigo embaixador em Bona, declarou em entrevista que "se a NATO continuar a reclamar a Alemanha inteira, não haverá reunificação (...). Não falamos da neutralização da Alemanha unida, mas da abolição do factor militar no contexto europeu".

Redacção "DL"
Le Monde

Extrema-direita responsabilizada pelo atentado de Lovaina

Do nosso correspondente em Bruxelas

O atentado contra a Universidade Católica de Louvaina é atribuído pelas autoridades a uma acção de extrema-direita.

Esta tese parece basear-se apenas no facto do acto terrorista não ter sido reivindicado, à semelhança do que acontecera com os dois anteriores, que visaram a Universidade Livre de Bruxelas.

A pouco e pouco vão-se conhecendo mais pormenores do atentado que atingiu meia centena de estudantes do segundo ano de Farmácia, cinco dos quais em estado considerado «crítico».

Quatro deles têm queimaduras em mais de 60 por cento do corpo e os pulmões seriamente afectados pela inalação de gases tóxicos. Os estudantes mais gravemente atingidos são do Luxemburgo, reunidos no fundo do auditório, local onde teria sido colocado o engenho. Segundo os investigadores, não se registou uma explosão. A mala continha um engenho que provocou imediatamente um incêndio, muito fumo, libertação de gases tóxicos e queimaduras semelhantes às resultantes do «napalm».

Fundo de auxílio às famílias

A Universidade criou um fundo de auxílio às famílias dos estudantes mais carecidos e que foram vitimados pelo atentado; irá conceder facilidades académicas aos que foram atingidos e àqueles que viveram o drama e que patenteiam indícios de traumatismos psicológicos graves.

As aulas do segundo ano de Farmácia foram suspensas durante quinze dias. A zona onde deflagrou o incêndio está encerrada e só um polícia que patrulha o local na companhia de um pastor-alemão indica o local escolhido pela actuação terrorista.

Emergência «ensaiada» muito a sério

A Faculdade de Medicina da UCL, onde se situa o gigantesco Hospital de Saint-Luc, pertencente à Universidade, no Bairro de Wolowe Saint-Lambert, ensaiou a sério um sistema de emergência. Aquela unidade hospitalar e a própria comuna estão dotados de um sistema de emergência para funcionar em caso de catástroge pública. Nunca fora accionado até sexta-feira passada.

Assim, cinco minutos depois do atentado, trinta e dois feridos deram entrada no serviço de urgências do hospital, uns pelos seus próprios meios, outros ajudados por colegas. O dr. De Clerq, psiquiatra, estava a chefiar o serviço de urgência naquela manhã. Dez minutos depois da explosão foi accionado o sistema de emergência. Cinco minutos depois, 50 especialistas estavam mobilizados e o ginásio foi transformado em sala de recepção dos feridos. Foi aqui que médicos e enfermeiras atenderam os feridos mais graves, medicaram contra as dores e procederam à evacuação dos estudantes mais gravemente atingidos para unidades especializadas em queimados. No local onde ocorrera a explosão, já, entretanto, tinham acorrido oito equipas de emergência médica, os sapadores bombeiros e a polícia.

Os médicos estão convictos que só uma actuação extremamente rápida, aliada à existência de um hospital na própria universidade, permitiu que a tragédia não atingisse maiores proporções. De qualquer modo, mesmo com um eficaz sistema de emergência, os especialistas são unânimes em afirmar que os grandes heróis do acontecimento foram os estudantes e a sua actuação no socorro aos colegas.

José Rui Cunha

O escândalo Irão-Contras

Reagan insiste não ter autorizado violação da lei

Do nosso correspondente em Washington

O ex-presidente Ronald negou repetidamente ter autorizado o seu conselheiro de Segurança Nacional, o almirante John Poindexter, a violar a lei ou a destruir quaisquer documentos no caso Irão-Contras. A revelação é feita em primeira mão pelo «New York Times», citando o depoimento, de quase três horas, feito em tribunal por Reagan, numa sessão à porta fechada.

Ainda, segundo fontes citadas pelo diário nova-iorquino, Reagan mencionou, por diversas vezes, o nome de George Bush, mas os seus comentários nunca contradisseram as anteriores declarações do actual presidente dos EUA.

O teor das declarações do antigo presidente norte-americano só será parcialmente tornado público depois do seu registo em vídeo, exclusivamente feito por pessoal dos serviços secretos, ter sido editado, para evitar a eventual divulgação de segredos de Estado. Só então será possível saber em que medida esta intervenção poderá levantar o véu deste escândalo político, descoberto em 1986, e que envolvia venda ilegal de armas ao Irão e posterior canalização dos seus lucros para apoiar os Contras, da Nicarágua.

Reagan responde em tribunal

O ex-presidente foi pessoalmente questionado, em 1987, sobre este assunto, ainda durante o seu mandato, quando foi chamado a comparecer perante a Comissão Tower, mandada constituir pelo próprio Ronald Reagan. Então, Reagan foi confrontado com questões colocadas pelo próprio John Tower, um senador republicano do Texas, posteriormente recusado pelo Congresso para desempenhar o cargo de secretário da Defesa da Administração Bush; pelo senador Edmund Muskie, um democrata candidato às presidências na década de 70; e pelo general Brent Scowcroft, que é actualmente conselheiro de Segurança Nacional.

Desta feita, Reagan enfrentou uma bateria de 154 perguntas autorizadas pelo juiz de um total de 183 formuladas pelos advogados, encarregados da defesa de John Poindexter, acusado de obstrução à justiça e de ter mentido perante o Congresso, durante os depoimentos prestados a propósito do caso Irão-Contras. O julgamento do almirante Poindexter tem a sua realização prevista para o próximo dia 5 de Março.

Após a audiência à porta fechada, os advogados de Poindexter recusaram-se a comentar o testemunho do antigo chefe de Estado, enquanto que um porta-voz de Reagan se limitou a sublinhar que este não havia invocado, durante a audiência, o «privilégio executivo», salvaguarda especial que possibilita aos presidentes não prestarem testemunho que envolvam segredos de Estado. Richard Nixon utilizou, em vão, aquela prerrogativa para travar o avolumar do caso Watergate, que culminou com o seu afastamento da Casa Branca.

Filipe Vieira

Grã-Bretanha pede hoje à CEE fim de sanções contra Pretória

Depois da libertação de Nelson Mandela e da legalização das organizações «antiapartheid», a questão das sanções internacionais passou a ser o ponto «quente» da actualidade sul-africana. Enquanto o ANC, a Comissão de Direitos Humanos da ONU e grande número de países defendem a sua manutenção até que todos os presos políticos sejam libertados e o estado de emergência levantado, a Grã-Bretanha vai propor hoje o fim das sanções aos seus parceiros da CEE, numa reunião informal de ministros dos Negócios Estrangeiros dos Doze, em Dublin.

O «regime minoritário racista» mostra uma «atitude persistente e intransigente contra todos os esforços que estão a ser feitos em prol de um solução democrática e internacionalmente aceitável» do conflito sul-africano. É este o teor do texto de uma resolução ontem aprovada na Comissão de Direitos Humanos da ONU, por 32 votos a favor, nove abstenções e os votos negativos dos EUA e da Grã-Bretanha.

A resolução faz uma referência passageira à libertação de Mandela e não alude à disposição expressa por De Klerk de dialogar com o ANC, recomendando que se imponham sanções globais e obrigatórias contra Pretória.

ANC mantém estratégia de luta

Não menos crítica é a declaração que o representante do ANC, Nkondo Winston, proferiu ontem na sessão de abertura do Conselho de Ministros da Organização da Unidade Africana (OUA). Winston defendeu que o Governo sul-africano apenas fala de negociações para «confundir e desmobilizar a luta das massas, dividir as forças que combatem o 'apartheid' e atenuar a pressão internacional».

Thatcher contra onze da CEE

O representante do ANC afirmou que enquanto não se der a «libertação total» de todos os presos políticos, a «completa legalização» de todos os partidos, o levantamento do estado de emergência, a retirada das tropas colocadas nas cidades segregadas e a abolição das leis do 'apartheid', a sua organização «manterá a sua estratégia» assente naquilo que qualifica como «quatro pilares de luta»: «a mobilização política, a clandestinidade, a luta armada e o isolamento internacional de Pretória.»

Em concordância com a posição ontem assumida na Comissão de Direitos Humanos da ONU, a Grã-Bretanha vai hoje propor o levantamento de parte das sanções económicas, aquelas que dizem respeito aos investimentos dos países comunitários na África do Sul, e ainda quanto às relações culturais e desportivas.

Grã-Bretanha contra sanções

Segundo o governo de Margaret Thatcher, esta é a melhor forma de apoiar o processo de reformas de Frederik De Klerk, embora a proposta deva contar com a oposição dos restantes Estados-membros, já que a mudança da posição comunitária passa pelo levantamento do estado de emergência e pela libertação de todos os presos políticos.

Este último ponto foi também reafirmado ontem por Nelson Mandela que disse que o ANC se recusará a negociar com o governo sobre o futuro do país enquanto não forem soltos todos os presos políticos, incluindo os que foram condenados por homicídio ou atentados bombistas.

Nove desses presos, que ontem deveriam comparecer a tribunal para responder por acusações de assassínio e tentativa de assassínio, evadiram-se da prisão em que se encontravam, perto de Joanesburgo, no domingo de manhã. Os fugitivos subjugaram os guardas da clínica da cadeia e escaparam no carro de um funcionário prisional.

Os fugitivos fazem parte de um grupo de 12 activistas negros inicialmente acusados de traição e de cometerem homicídios e atentados bombistas em nome do ANC. O Estado retirou as acusações de traição, mas os presos continuam ameaçados de serem enforcados por homicídio e tentativa de homicídio.

Redacção «DL»/Lusa

Cabo Verde

Social-democracia no horizonte

O primeiro-ministro de Cabo Verde e secretário-geral adjunto do PAICV, Pedro Pires, manifestou, ontem, a disponibilidade do seu partido para aderir à Internacional Socialista (IS). Esta decisão foi tomada na sequência das recentes aberturas políticas, durante a última reunião do Conselho Nacional do PAICV, que introduziu no país o sistema multipartidário.

O primeiro-ministro caboverdiano, qualificou de «históricas» as decisões do Conselho Nacional do partido, que terminou ontem na Cidade da Praia, de abandonar o papel dirigente no país. Num comentário sobre as próximas eleições legislativas, marcadas para Novembro, que terão a presença de outras forças políticas concorrentes, Pedro Pires afirmou que, se o PAICV perder o escrutínio «é porque não merece o poder e, por isso, deve abandoná-lo».

As declarações do primeiro-ministro e secretário-geral adjunto do PAICV foram feitas, ontem, no fim do Conselho Nacional do partido, durante uma conferência de Imprensa na Assembleia Nacional Popular, que durou mais de duas horas.

Primeiro-ministro de Cabo Verde, Pedro Pires: a hora da mudança

Mas Pedro Pires recusou-se a pôr em causa o sistema de partido único. «O sistema anterior não está esgotado mas este é o momento próprio para mudar.» E acrescentou: «Se esperássemos que o sistema de partido único estivesse esgotado seria trágico.»

O primeiro-ministro mostrou-se, no entanto, confiante nos resultados das próximas eleições legislativas, em Novembro, que contará com a participação de listas independentes. «Não acredito que o PAICV vá perder as eleições» - disse. Mas, segundo os observadores, as conclusões chegadas durante a última reunião do Conselho Nacional do PAICV permitem antever uma remodelação governamental. Pedro Pires escusou-se a abordar directamente a questão, preferindo citar uma frase do antigo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan: «Um presidente nunca diz nunca.»

Durante a conferência de Imprensa, o primeiro-ministro confirmou as informações divulgadas, ontem, em primeira mão pelo «DL» sobre o posicionamento dos actuais dirigentes do PAICV sobre as recentes evoluções da situação na África do Sul. Pedro Pires afirmou que Cabo Verde está disponível para «ajudar a reforçar o prestígio externo» do presidente sul-africano.

«De Klerk não pode estar sujeito a três fogos cruzados», disse Predro Pires, referindo-se à direita conservadora sul-africana, às forças «antiapartheid» e às sanções económicas.

Redacção «DL»/Lusa

B R E V E S

PC lituano quer independência da república

O PC da Lituânia, que cindiu há dois meses com o PCUS, apelou ao Kremlin para que inicie conversações sobre a concessão de independência à sua República. Numa sessão do Comité Central, ontem, o partido aprovou um comunicado afirmando: «O PC da Lituânia considera seu objectivo principal a restauração de um Estado lituano independente e assegurar o seu reconhecimento internacional». O PC lituano declarou-se, em 20 de Dezembro, independente do partido soviético, criando a primeira grande rotura no partido que governa a URSS desde a revolução bolchevique de 1917.O comunicado afirma que a restauração de um estado lituano deve ser conseguida através de meios parlamentares constitucionais. «Deverão iniciar-se a curto prazo negociações oficiais entre a URSS e a Lituânia com o objectivo de estabelecer relações internacionais e cooperação económica entre ambos», rematava o comunicado.

Militares eslovenos preparam novo PC

Militares de ideologia comunista apelaram para a formação de um novo partido marxista de linha dura na Eslovénia, na sequência da decisão dos comunistas liberais daquela república jugoslava de se delimitarem do partido nacional. Devido a divergências entre a Eslovénia e a Sérvia sobre o desenvolvimento do processo de reformas democráticas, o Partido Comunista Esloveno decidiu separar-se da organização nacional e alterar o seu nome para Partido Renovador Democrático.

Mineiros romenos apoiam Iliescu

Cerca de quatro mil mineiros da região centro-oeste da Roménia concentraram-se ontem na Praça da Vitória, em Bucareste, numa manifestação de apoio ao Governo do presidente Ion Iliescu. Uma comissão dos mineiros reuniu-se na sede do Governo com Iliescu, o vice-primeiro ministro Gelu Voican e outros dirigentes governamentais, numa audiência que foi transmitida ao vivo pela televisão. Esta iniciativa dos mineiros surgiu um dia depois de um incidente ocorrido no domingo, em que dezenas de manifestantes forçaram a entrada na sede do governo e sequestraram durante algumas horas o vice-primeiro ministro Voican.

Havel foi comer sopa ao Canadá

O presidente da Checoslováquia, Vaclav Havel, falando ontem durante um almoço com a comunidade checoslovaca e com dirigentes financeiros em Toronto, afirmou gracejando que apenas comeria sopa para que o governo canadiano tivesse dinheiro para outros gastos, incluindo o auxílio aos países necesssitados como a Polónia. O presidente e dramaturgo checoslovaco, que se encontrava no segundo dia da sua visita oficial de seis dias ao Canadá e aos EUA, elogiou a forte economia e democracia canadiana mas, apesar das conversações que manteve com o primeiro-ministro do país, Brian Mulroney, e os dirigentes federais, não recebeu até agora qualquer oferta concreta de ajuda .

Partidos da RDA pedem a anulação de subsídios

Partidos governamentais e da oposição da Alemanha Democrática apelaram ontem ao Governo para que, antes das eleições gerais de Março, ponha termo aos subsídios alimentares. Os subsídios são orçados anualmente em cerca de 30 mil milhões de marcos (o equivalente a dois mil e 700 milhões de contos). Durantes as conversações em mes- redonda entre os partidos governamentais e a oposição, os participantes concordaram em pressionar o governo a aprovar a iniciativa, contrapondo o pagamento mensal a cada cidadão de um abono de 150 marcos (cerca de 13 mil e 500 escudos) para compensar o aumento dos preços.

INTERNACIONAL

Debate económico agita África do Sul

Num momento que as questões políticas estão na ordem do dia o debate sobre os problemas económicos só agora começam a ser levantados

Do nosso enviado especial

«A solução do problema sul-africano é económica». Esta afirmação é de Ben van der Ross, director regional da Urban Fondation (fundo financeiro de ajuda à habitação para os negros sul-africanos). Durante uma conferência na semana passada, na Cidade do Cabo, Ben van der Ross disse que 60 por cento da população negra pertence ao grupo etário com menos de 16 anos, ou seja, o maior bloco eleitoral em futuras eleições. «O desemprego na população negra anda à volta dos 30 ou 60 por cento e a economia é capaz de produzir novos empregos ao ritmo necessário», adiantou ainda o director da Urban Fondation. Van der Ross alertou também ser de esperar que a grande maioria dos jovens negros estejam frustrados com o sistema devido à situação de desemprego que afecta a maioria deles.

Duas economias

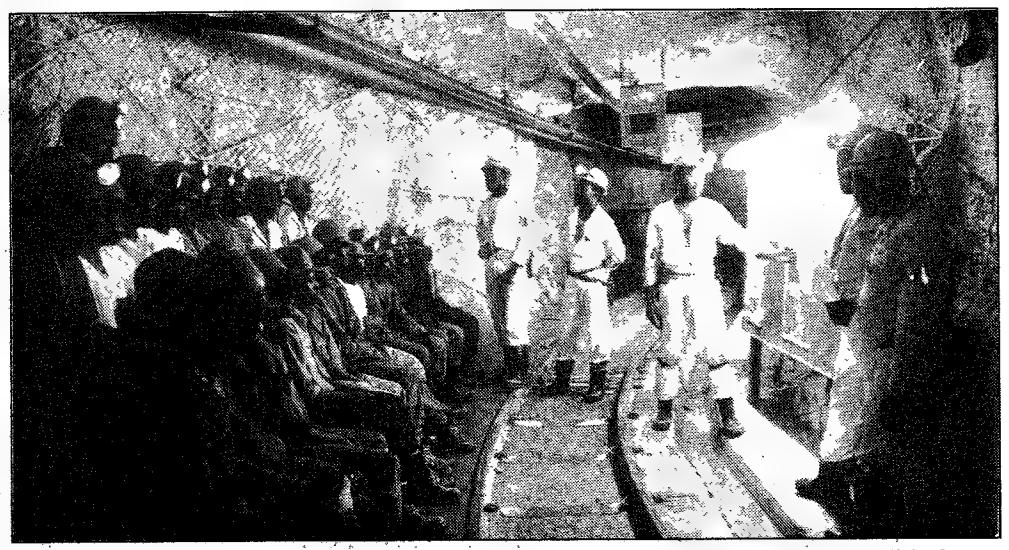
A economia sul-africana é fundamentalmente constituída por dois segmentos distintos.

Um, moderno, inclui as minas, os sectores dos serviços quer públicos quer privado a indústria transformadora e o sector agrícola que, à semelhança do que acontece em outras economias ocidentais, é excedentária. A comunidade branca controla praticamente 100 por cento do capital e da gestão destas empresas. Neste segmento da economia, a África do Sul tem, em termos globais, um saldo negativo na balança comercial no que diz respeito aos produtos transformados, ao contrário do que acontece já com o comércio dos produtos agrícolas.

O outro segmento, é constituído pela economia subdesenvolvida dos bantustões. Consiste predominantemente, numa agricultura de baixa produtividade, embora também haja um sector de serviços tanto nas cidades como nos bantustões. A sua produção destina-se practicamente à comunidade negra, salvo os serviços pessoais - por exemplo, domésticos - muito procurados por brancos.

Este sector utiliza poucos bens importados, não necessita de grandes investimentos de capital e utiliza recursos humanos sem formação superior. Geralmente pobre em recursos, esta economia paralela não tem practicamente nenhuma indústria transformadora e utiliza poucos bens primários modernos, se exceptuarmos o transporte de petróleo.

Consequentemente, as sanções económicas que a comunidade internacional aplicou à África do Sul não a afectou directamente, salvo o caso específico do petróleo. O impacte fez-se sentir indirectamente, ou através de uma baixa na procura, ou por um aumento da oferta de trabalho resultante do crescimento da taxa de desemprego. Mas



Centro de treino para os trabalhos das minas de ouro de grande profundidade em Vaal Reefs

tanto num caso como no outro foram os sectores desenvolvidos da economia que mais sentiram os efeitos nefastos das sanções.

O país pode sufocar

O significado do adjectivo «dual», na caracterização da economia sul-africana é de extrema importância. Os dois segmentos têm regras de funcionamento muito diferentes. O sector moderno recebe do estado todo o apoio em termos de infra-estruturas, subsídios, crédito, investimentos assim como no próprio mercado de trabalho. Contrastando com esta situação, o sector subdesenvolvido e os seus trabalhadores recebem uma assistência directa muito inferior. No entanto, isto não significa que os dois sectores operem separadamente: muito pelo contrário, o sector subdesenvolvido tem tido uma função-chave no fornecimento de mão-de-obra barata, ou seja, os custos salariais da economia moderna são minimizados. Este sector absorve também o desemprego durante os períodos de crise na economia moderna, o que é politicamente favorável à sociedade branca, pois os elementos hostis (nomeadamente os desempregados) são afastados das «áreas brancas».

Face a esta situação, a comunidade internacional decidiu reagir. As sanções económicas internacionais afectaram principalmente a economia branca. Os boicotes às importações e exportações, aos empréstimos internacionais e ao investimento directo na África do Sul, impediram a economia de crescer. Ora, uma economia moderna que não cresce, especialmente se a despesa do Estado é elevada - o que é o caso da África do Sul - entra em crise.

Sem crédito um país pode sufocar. A África do Sul estava, e está, a sufocar. A abertura política não pode ser comprendida como sendo unicamente o resultado de uma mudança da mentalidade dos brancos. Uma grave crise de crescimento abalou as estruturas do sistema e forçou uma reforma. A África do Sul não precisa de ajuda: precisa de crédito e de exportar para transformar a economia negra numa economia moderna capaz de produzir o mesmo tipo de riqueza que a sua congénere branca.

«Economicamente, a África do Sul só pode crescer se a população negra se integrar no sector moderno», dissenos um estudante de Economia, branco, na Universidade do Cabo. De certa maneira, este comentário resume bem a atitude actual da política do governo na área económica.

No entanto, este não é o princípio defendido pelo ANC. Para os nacionalistas negros, a economia branca deve ser completamente reestruturada: isto é, nacionalizada e reorientada de modo a pagar as «desigualdades do 'apartheid'». O debate, hoje em dia, já não gravita em torno da necessidade de distribuir melhor a riqueza mas sim de como o fazer.

Nelson Mandela sempre manteve a sua posição de apoio à política de nacionalizações defendida pelo ANC, assim como a manutenção das sanções internacionais até que o «apartheid» seja completamente desmantelado. O governo, tal como todos os empresários brancos, defende-se dizendo que os modelos de economia planificada e estatizada estão ultrapassados. A economia de mercado é, na opinião da classe empresarial, a única via para aproximar o nível de vida entre negros e brancos.

A verdade é que, uma vez mais, o clima optimista lançado pelo presidente F. W. De Klerk, corre o risco de ser substituído por uma nova confrontação. Esta poder-se-ia revelar ainda maior e mesmo os brancos mais liberais, tal como Zach de Beer, presidente do Partido Democrático (DP) e ex-director-geral a Anglo-American, o maior grupo privado do país, não estão dispostos a ceder.

Abordemos alguns temas contorversos. Primeiro: reestruturar a economia pode significar que os ricos vão descer ao nível dos pobres, ou, ao contrário, que os pobres subam ao nível dos ricos. A primeira alternativa é mais fácil, a sugunda requer uma boa dose de pragmatismo.

Segundo: Mandela e o ANC, na lógica inerente à ideologia socialista dos anos 60, defendem que a nacionalização das minas e dos bancos fará desaparecer as desigualdades no futuro. De Klerk advoga princípios liberais baseados em experiências económicas bem sucedidas e acredita na teoria do mercado.

Terceiro: os brancos são da opinião que a intensificação das sanções económicas não vai promover a confiança internacional na economia mas, pelo contrário, afastará os investimentos directos na África do Sul. A economia do país não precisa de ajuda, precisa é de voltar a ser respeitada na alta finança mundial. O ANC acha que as sanções são necessárias porque até agora têm funcionado e o processo de democratização ainda não está completo.

Quarto: a luta armada é, na opinião do governo, prejudicial à economia porque cria um clima de insegurança e desconfiança. A luta armada do ANC, suspensa provisoriamente no fim da semana passada, é uma forma para conquistar o poder económico.

Enquanto os problemas políticos, por muito difíceis que sejam de resolver, já começaram a ser abordados, a problemática económica só agora está a ser formulada. Todos estavam à espera que a derrocada dos regimes de Leste influenciasse o ANC mas, apanhados de surpresa, os nacionalistas negros não tiveram outra hipótese senão reafirmar as velhas políticas económicas formuladas há três décadas.

Nuno Azevedo

Mandela reafirma disposição para o diálogo

Enquanto no Soweto a normalidade regressa, Nelson Mandela decidiu adiar para data indeterminada a viagem que deveria efectuar na próxima quinta-feira a Lusaca, Zâmbia, onde iria encontrar-se com a direcção do ANC, no exílio.

Este adiamento deve-se ao facto de Mandela ter de usar da palavra, no próximo domingo, em dois comícios: um em Durban, na cidade de Natal, outro em Bloemfountein, na província do estado livre de Orange.

Interrogado sobre o medo manifestado pela comunidade branca perante a reivindicação dos nacionalistas negros de «um homem um voto», Mandela, em entrevista à revista norte-americana «Time», disse que o ANC está certamente pronto a ter em conta esse medo «para preparar um compromisso»; porque, sublinhou, «é preciso aproximar os pontos de vista nas negociações, e nós estamos prontos para isso».

Segundo um dos seus porta-vozes, «o camarada Mandela passou o fim-de-semana em família».

No sábado, envergando um elegante fato cinzento talhado pelo seu costureiro indiano de Joanesburgo, Mandela tentou falar ao telefone com o seu «amigo» Buthelezi, o líder zulu, para dissipar o mal-entendido provocado pelas suas declarações a propósito da situação no Natal, onde facções rivais negras se confrontam.

Amizade com os guardas

Mandela ainda não teve tempo para constituir uma equipa de colaboradores. «Não dispõe ainda de gabinete nem de secretário, mas é reconhecido que não poderá manter-se por muito tempo nesta situação, porque a sua casa é pequena e não tem condições para tal», dizem fontes ligadas ao ANC.

Desde que Mandela saiu da prisão, Winnie não o larga nem um instante. A campanha contra ela, movida nos meios oficiais e no seio do movimento nacionalista, sobretudo acerca da sua implicação na morte, em Janeiro de 1989, de um jovem negro, por um dos seus guarda-costas, parece preocupá-la. Diz-se que Mandela está disposto a esclarecer a situação livrando a mulher das suspeitas que sobre ela pendem.

Redacção «DL»/«Le Monde»

GC — GESTÃO E COORDENAÇÃO, SA

Sede: Rua Nova da Trindade, 1-2.º Dt.º LISBOA

Capital social: 30 000 000$00
Contribuinte n.º 500 122 792

(Matrícula n.º 46 133, fls. 35-L.º C 115, da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa)

ASSEMBLEIA GERAL ANUAL
Convocatória

Ao abrigo do art.º 376.º e seguintes do Código das Sociedades Comerciais e do n.º 1 do art.º 20.º dos estatutos, convocam-se os accionistas desta Empresa para se reunirem em assembleia geral no dia 28 de Março de 1990, pelas 17,30 horas, na sede social, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) — Deliberar sobre o relatório de gestão e as contas do exercício de 1989;
2) — Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3) — Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade e consequente deliberação;
4) — Proceder à eleição dos corpos gerentes para o triénio 1990 - 1992;
5) — Deliberar sobre quaisquer assuntos de interesse para a Sociedade.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1990

O presidente da mesa da assembleia geral,
José Manuel Inácio

Morreu José António Pires

José António Pires, um dos fundadores do extinto Grupo Operário Santareno, morreu na madrugada do passado dia 17, em Santarém. O funeral realizou-se no domingo, para o cemitério da cidade.

Casado com Clarisse Fernandes Pires e pai de Fernando Pires, editor chefe no Diário de Notícias, de Armando Pires, jornalista da Antena 1, de José Maria Pires, técnico de óptica e de António Pires, farmacêutico, José António Pires completara 85 anos no dia 1 de Setembro.

Natural da capital ribatejana, José António Pires dedicou a sua vida ao trabalho, às agremiações locais e à festa brava. Deixou diversos netos, entre os quais José António Silva Pires, chefe de redacção adjunto do «DN».

À família enlutada, o «DL» apresenta sinceras condolências.

O problema dos tempos de trabalho, que em Portugal são sensivelmente superiores aos da média comunitária, são hoje debatidos pelos parceiros sociais sem a presença do Governo

Patrões e sindicalistas discutem horários

As centrais sindicais apresentaram hoje, ao fim da manhã, às confederações patronais (CIP, CAP, CCP) um documento sobre gestão de tempo de trabalho, salários e produtividade, direitos e deveres dos trabalhadores e negociação colectiva .

Trata-se de um documento que fixa alguns princípios fundamentais que servirão de base para as actuais negociações entre os parceiros sociais.

Durante esta reunião e por proposta do presidente da Confederação do Comércio Português (CCP), Manuel Gamito, vão ser constituídos grupos de trabalho para discutir o documento.

Esta é a terceira reunião entre as confederações patronais e as centrais sindicais, no âmbito do Conselho Permanente de Concertação Social, sem a presença do Governo.

Desta vez serão os textos das centrais sindicais (CGTP-IN e UGT) que serão apreciados já que o documento do CNEP foi rejeitado na segunda reunião deste tipo, que se realizou no passado dia 10. Embora os sindicalistas tenham considerado o documento do patronato como uma base de diálogo, afirmaram, no entanto, que é inegociável.

Recorde-se que o CNEP propunha no seu texto, entre outros aspectos, o regresso da justa causa objectiva para despedir; restringir a reintegração do trabalhador, em caso de litígio entre ambos; suprimir a providência cautelar da suspensão judicial do despedimento; permitir contratos a prazo sempre que necessário; possibilidade de se renovar o contarto mais de duas vezes.

Falta de diálogo na CP

A CGTP-IN acusou o Conselho de Gerência da CP de falta de diálogo, dando como exemplos a instalação de processos disciplinares a 22 trabalhadores e a sua não comparência numa reunião com representantes dos trabalhadores.

O coordenador da central sindical, Carvalho da Silva, falava no final de uma reunião com o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comuniações, Oliveira Martins, em que foi debatida a situação no sector dos transportes, sobre a qual a delegação da CGTP-IN fez uma exposição ao ministro.

«Consta que o Governo continua a ter intenções de abrir guerras no campo laboral. Desejamos que isto não passe de um boato», frisou o dirigente sindical.

Referindo-se às greves dos maquinistas da CP e à requesição civil dos controladores aéreos, Carvalho da Silva disse que o problema radica essencialmente na falta de diálogo. «É urgente o Governo dar resposta a estes problemas que estão a afectar milhões de portugueses. O Governo não pode continuar a ter uma atitude contraditória e impor tectos salariais como tem feito» - afirmou.

Examinadores continuam em greve

Os inspectores-examinadores e agentes técnicos de viação entraram hoje no sétimo de dez dias de greve, a qual, segundo o sindicato, tem registado mais de 90 por cento de adesão.

Os inspectores e examinadores reivindicam a integração num grupo da carreira tecnico-profissional do novo sistema retributivo da função pública.

Carvalho da Silva

Requisição civil de controladores aéreos

Foi hoje publicada em suplemento ao «Diário da República», com data de 13 de Fevereiro, a requisição civil dos controladores aéreos.

A requesição tem a duração de 15 dias.

Serviços dos CTT não identificam sinal

Televisão pirata reaparece nos écrans bragantinos

A televisão pirata voltou a emitir ontem em Bragança, em sobreposição com a RTP 2. Por volta das 21.30h, apareceu de surpresa, nos écrans dos bragantinos, a mira técnica daquela estação e a transmissão prolongou-se durante cerca de 15 minutos. Nesta reataque ao segundo canal, foi dado destaque aos ecos da sua primeira emissão, a 11 de Fevereiro, na Comunicação Social e a uma conferência de imprensa do deputado socialista Armando Vara. A estação «pirata» terminou o programa prometendo voltar.

Segundo fontes bragantinas, contactadas esta manhã pelo «DL», a estação reduziu o tempo de emissão «com medo que alguém a detectasse». As mesmas fontes adiantaram que os piratas injectam o seu sinal de um ponto da cidade para o emissor da RTP captar, interceptando, desta forma, o segundo canal. A RTP, por seu turno, afirmou que o «problema está a ser estudado », apesar de estravasar a competência da televisão, uma vez que a estação não utiliza os seus emissores mas material próprio.

Cabe, pois, aos Serviços Radioeléctricos dos CTT/TLP actuar nesta situação. «Estamos a seguir a questão em contacto permanente com Bragança. Só recolhendo dados mais concretos sobre o problema é que poderemos agir», disse ao «DL» Maria Manuel, do gabinete de imprensa dos CTT.

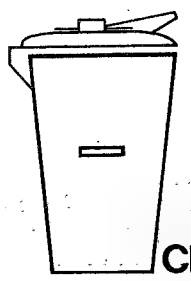
A estação «pirata» fez a seu primeiro show no dia 11 de Fevereiro e a vedeta dessa emisão foi o governador civil, Júlio de Carvalho, que deu uma longa conferência de imprensa, onde atacou, a torto e a direito, os seus opositores partidários. Júlio Carvalho, militante número dois do PSD no distrito, protagoniza com Duarte Lima a luta pela distrital do PSD de Bragança, cujas eleições se avizinham e a que concorrem duas listas. Incomodado com o escândalo que causou o seu compadrio com a estação pirata e postura que adoptou perante as câmaras, o governador civil pediu a demissão do cargo, demissão que foi prontamente aceite pelo Ministro da Administração Interna. Fontes bragantinas falam mesmo do possivel afastamento de Júlio Carvalho do PSD.

Entretanto, em Bragança, procuram-se, ainda sem sucesso, os autores da emissão pirata. O que se sabe é pouco: o operador de imagem estará ligado a uma firma que vende produções de vídeo e os «piratas» prometem não desistir entrar nos écrans dos seus concidadãos.

Lotaria Popular

1º - 027452	3 000 000$00
2º - 064933	750 000$00
3º - 325390	500 000$00
4º - 466071	250 000$00
Terminações em 7452	85 000$00
Terminações em 452	60 000$00
Terminações em 933	15 000$00
Terminações em 390	4 000$00
Terminações em 071	1 500$00
Terminações em 23,39,61,83,90 e 97	500$00

Lisboa
cidade limpa



CML

Alfredo Paiva das Neves

Faleceu

Albertina de Jesus Almeida Paiva das Neves, José Manuel Almeida Paiva das Neves, sua mulher e filhos, Luís Filipe Almeida Paiva das Neves sua filha e demais família participam o falecimento do seu querido e chorado marido, pai, sogro, avô e parente, cujo funeral se realiza amanhã pelas 15,30 horas da Igreja de S. João de Deus — Capela A, antecedido de missa de corpo presente, para jazigo de família no Cemitério do Alto S. João.

Agência Salgado — T. 548258/548260

QUOTIDIANO

Militares reforçam limpeza da praia de Porto Santo

Autoridades marítimas identificaram petroleiros que lavaram os tanques ao largo da Madeira

O gabinete coordenador de combate à maré negra na Madeira estima que faltem remover cerca de três mil toneladas de crude, que atingiu o arquipélago madeirense, disse, em Porto Santo, uma fonte da Armada.

Esta informação coincide com outra, segundo a qual os dois barcos que lavaram os tanques no sábado, a 110 milhas da Madeira, já foram identificados. Tratam-se dos navios «Arkadia» e «Chemichal Venture» que navegam com bandeira liberiana. As autoridades portuguesas foram impotentes para agir sobre os infractores, uma vez que em situações deste tipo qualquer penalização só pode ser definida se os infractores forem «apanhados em flagrante delito».

Em Porto Santo, o comandante Caetano Dias explicou que se vai entrar agora, numa fase mais morosa do processo de remoção do crude, «em que as bombas de aspiração terão dificuldades em sugar o produto», espalhado nas rochas e cuja altura é agora baixa.

Em relação à praia de Porto Santo, aquele informador disse que era «impossível ter evitado que as manchas a atingissem em quase toda a sua extensão, dada a direcção e intensidade dos ventos e das correntes».

Enquanto isto, o comando-chefe da zona militar da Madeira decidiu, ontem, enviar para a região mais efectivos militares com a missão de reforçar as operações de limpeza da costa de Porto Santo.

Apesar de tudo o que foi feito em sentido contrário, o crude não poupou a praia de Porto Santo

Praia contaminada

Jorge de Freitas, delegado do Governo Regional disse que a praia está «totalmente» contaminada com bolsas de crude que, devido aos ventos e marés, se espalhou a partir da enseada da serra de Dentro.

As condições metereológicas na zona tornam impraticável o recurso a barreiras oceânicas de protecção, ineficazes também na Ponta do Incão (extremidade leste da ilha de Porto Santo), local privilegiado para impedir a progressão do crude proveniente da costa nordeste rumo à praia.

De acordo com o delegado do Executivo madeirense na ilha, «há uma evidente saturação» nas pessoas (cerca de 100 funcionários do Governo e da câmara e igual número de militares) que diariamente, e há mais de um mês, procedem às operações de limpeza da costa.

Críticas do presidente da Câmara

Mendonça Góis, o presidente da Câmara de Porto Santo criticou, entretanto, a alegada preocupação em conter despesas na limpeza da região contaminada. O autarca disse que «não há preço para a praia, um dos poucos bens que a ilha dispõe, pelo que nada justifica que se descure a sua limpeza».

Todavia, o chefe do gabinete do secretário regional do Equipamento Social, Santos Costa afirmou não haver qualquer contenção de despesas nas operações de limpeza.

BREVES

Viatura despenha-se na curva da Parede

Uma viatura ligeira que circulava no sentido Cascais-Lisboa despistou-se esta manhã na curva da Parede, embateu noutra que seguia em sentido contrário, galgou a muralha e foi cair nas rochas junto ao mar. Do sinistro, ocorrido às 8.15 horas, resultaram quatro feridos graves e dois ligeiros.

Açorianos debatem património arquitectónico

Património arquitectónico é o tema de um seminário que decorre hoje em Angra do Heroísmo, promovido pelo Governo Regional dos Açores. Visa um debate alargado sobre questões ligadas ao património arquitectónico das cidades de Angra do Heroísmo e de Évora, consideradas património mundial pela Unesco. Fátima Botas e Maduro Dias, respectivamente de Évora e Angra do Heroísmo, são os dois oradores do encontro.

Extracção de areia no Douro analisada em reunião

Responsáveis da Administração dos Portos do Douro e Leixões, Gabinete de Navegabilidade do Douro e Câmaras de Gaia e Porto, reúnem-se quinta-feira nos Paços do Concelho do Porto, para debater a extracção de areias no rio Douro e o desaoriamento da barra. A reunião é muito importante devido aos problemas sentidos pelas populações ribeirinhas quando os temporais provocam cheias na zona de Sobreiras.

Turismo algarvio em feiras internacionais

A Região de Turismo do Algarve vai participar, no próximo mês de Março, num conjunto de iniciativas tendo como objectivo a promoção da região no estrangeiro. A Bolsa Internacional de Turismo em Milão, a Golf-Expo na Suíça, a Tur/90 em Estocolmo e a Feira de Congressos e Incentivos em Chicago, são algumas das manifestações inscritas na agenda da RTA.

Câmaras querem reclassificação da estrada que as serve

Sete câmaras municipais do distrito de Coimbra vão reivindicar junto do Governo a reclassificação da Estrada Nacional 342 como itinerário complementar, anunciou a autarquia de Miranda do Corvo. A decisão foi tomada durante uma reunião em que participaram os presidentes das Câmaras de Arganil, Góis, Pampilhosa da Serra, Lousã, Miranda do Corvo, Penela e Condeixa-a-Nova, além do governador civil e representantes da Junta Autónoma de Estradas.

Morte de menor em Santa Maria

Demora de inquérito origina queixa a provedor

O advogado dos pais de uma criança falecida em Setembro do ano passado no Hospital de Santa Maria, por alegada má assistência, queixou-se ao provedor de Justiça da morosidade do inquérito instaurado pelo Ministério da Saúde à ocorrência, soube o «DL» junto do causídico.

Em carta ao provedor Almeida Ribeiro, o advogado Saul Nunes diz que a demora na divulgação das conclusões da investigação o leva «a crer que, como de costume, se pretende deixar esquecer o caso, não procurando e muito menos punindo os responsáveis».

O advogado queixa-se também do silêncio guardado por diversas entidades a quem foram comunicadas as circunstâncias em que se verificou a morte de Sérgio Correia Vieira, de 10 anos, ao ser assistido no Hospital de Santa Maria a um trivial ataque de asma.

Saul Nunes refere que apenas a Inspecção-Geral dos Serviços de Saúde respondeu à exposição dos pais do menor, dirigida também à Direcção-Geral dos Hospitais e ao ministro da Saúde, e isso para informar que estava em curso um inquérito cujas conclusões lhes seriam transmitidas oportunamente.

O recurso ao provedor de Justiça é justificado pelo advogado em termos duros para as autoridades hospitalares, quando ele diz jazer no Provedor a última esperança de se conseguir «lembrar a essa gente que, ao menos, se deve ter um mínimo respeito por um casal que, em tais circunstâncias, perdeu um filho».

Sérgio Vieira faleceu a 27 de Setembro do ano passado no serviço de Urgência Pediátrica de Santa Maria, na sequência da injecção de um medicamento à base de cortizona, aplicada a despeito de advertências da mãe ao médico assistente.

Para além dos produtos próprios da região, o segredo dos bons pitéus minhotos reside na confecção. A cozinheira da quinzena gastronómica alega que não há segredo. E disse-nos como é que se faz

Lampreia bem regadinha traz Monção a Lisboa

O chamariz da quinzena gastronómica que o Hotel do Guincho nos propõe até ao próximo dia 4 não assenta apenas na lampreia, apesar da grande fama do ciclóstomo que vive sete anos no mar e vai morrer, na desova, à água doce. O cabrito assado no forno é outro dos típicos pratos do Minho que ali são servidos e que asseguram, juntamente com a participação do Restaurante Mané, de Monção, a genunidade da confecção.

De comum entre ambos há que salientar o facto de, mais do que serem pratos característicos do Alto Minho, compartilharem de um dos segredos na respectiva feitura: uma calda.

«Não há qualquer segredo para a lampreia», disse-nos Dorita, diminuitivo por que Maria das Dores Pino gosta de ser tratada. É ela a cozinheira que o citado restaurante destacou para esta quinzena. Há catorze anos que faz da lampreia um dos principais pratos do estabelecimento minhoto. A fama atravessou a fronteira e hoje os seus proprietários dispõem de outro restaurante em Valença. «No Inverno, os nossos maiores clientes são espanhóis», afirmou-nos António Moscoso, um dos cinco herdeiros dos fundadores das organizações hoteleiras Moscoso.

O ciclóstomo, depois de ser apanhado à rede (a garfo perde o que lhe dá vida, o sangue), dá muitas voltas antes de ser servido. É bem limpo, lavado em água quente depois de raspado, escaldado, retirando-se-lhe todo o lismo (substância viscosa). Dá-se um golpe junto à cabeça e tira-se uma cartilagem (nervo). Caso seja fêmea, recolhem-se as ovas. A lampreia é então aberta, para dela se extrair uma tripa a partir da cauda, evitando que se parta. Se se romper, estraga-se.

Chorar por mais

Deixa-se a marinar, durante duas horas, já partida aos bocados dentro de um tabuleiro, para aproveitar o sangue. Junta-se-lhe um ramo de salsa, uma folha de louro, duas cabeças de alho e mais vinho e vinagre, se necessário.

Faz-se um refogado com azeite, duas cebolas picadas, uma colher de sopa de banha e cem gramas de presunto, a que outros (em Monção e Cerveira) chamam o esturgido (cebola, alho e presunto), muito bem frito, para estufar o ciclóstomo, num tacho.

Se se tratar de lampreia de arroz, acrescenta-se água ao esturgido. A cebola terá de alourar, pondo-lhe bocados de lampreia, sal, pimenta e cravos de cabecinha a gosto. É então que se deixa estufar em lume brando. Retira-se para uma travessa — só a lampreia.

Na panela em que esteve a estufar acrescenta-se um pouco de água quente e arroz (400 gramas para quatro pessoas). Quando estiver cozido, metem-se de novo os bocados de lampreia no recipiente. Deita-se o vinho, o sangue e o vinagre onde esteve a marinar, polvilhando-se com salsa picada. Esta operação deve demorar apenas o tempo suficiente para aquecer a lampreia. Fica assim pronto o arroz de lampreia à monçanense, servido a três contos por cabeça nesta quinzena do Hotel do Guincho.

A lampreia à bordalesa, que também faz parte deste «menu», a um preço um pouco mais elevado (diferença de 500 escudos), é estufada, mas engrossada com o sangue. Serve-se com arroz branco e torradas fritas a acompanhar.

O cabrito assado à moda de Monção (o único prato de carne deste ágape) é preparado banhando previamente a carne com vinagre, sal, pimenta, alho, salsa e cebola. Mistura-se tudo e, com esta papa, esfrega-se muito bem, ainda com o cabrito pendurado na adega.

O banho repete-se três ou quatro vezes.

Retira-se a carne, colocando-a numa travessa, sem se esquecer de a submeter a uma limpeza com o objectivo de retirar alguma cebola e restantes condimentos. Num pouco de água de cozer carnes (para depois fazer o arroz) mistura-se açafrão e barra-se o cabrito, espetando-o juntamente com bocados de presunto e tiras de toucinho. Vai ao forno, se possível de lenha e de preferência loureiro. O forno é tapado com bosta de boi.

O arroz que o acompanhará é cozido numa calda (quatro litros da dita para dois de arroz) obtida a partir de galinha caseira, presunto e carne de vaca, a que se adiciona um saquinho de açafrão, um ramo de salsa e cebola.

O preparado é introduzido no forno, num alguidar, com a calda bem quente, a cozer. O cabrito fica por cima. À medida que a temperatura sobe, a gordura do cabrito — apoiado numa trempe com varas de loureiro — escorre. É assim servido o arroz, com o cabrito inteiro numa travessa, adornado com rodas de chouriço e tiras de presunto. A este prato, assim preparado, chamam no Alto Minho «fodiola».

Todos os dias?

Outros pratos minhotos completam este ramalhete que abre com caldo verde, sopa de lavrador e maionese de salmão, que o há ainda no rio Minho e é vendido a seis contos o quilo.

A lampreia, que custava entre doze a treze contos por unidade há um mês, fica hoje por 8 ou mesmo 9 mil escudos. É em Fevereiro que o seu sabor atinge o ponto alto, à medida que sobe o rio, até São Gregório/Cela, cem quilómetros a montante de Caminha.

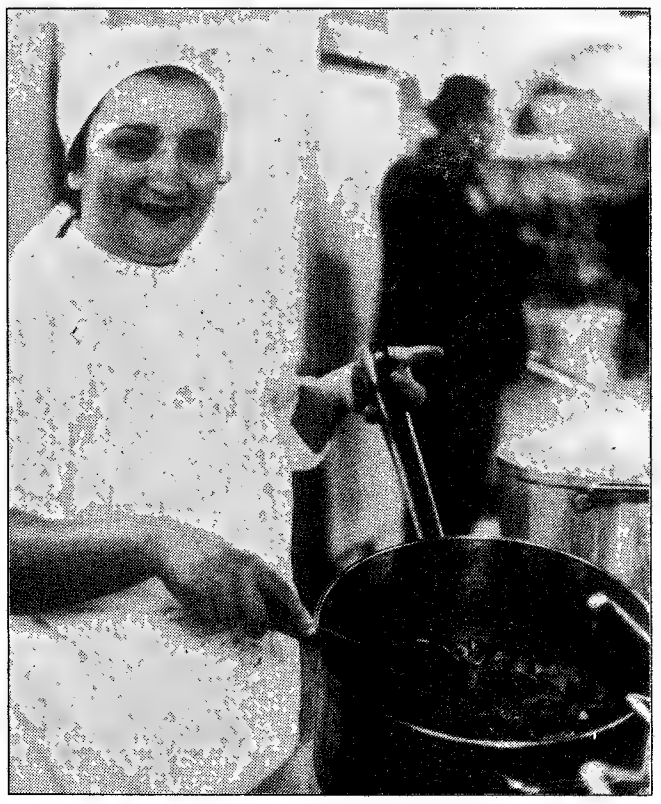
Perdeu então a gordura que tem a mais. «Uma lampreia nestas condições dá dezasseis bocados para quatro pessoas, custando entre dez a doze contos», disse António Moscoso, membro de uma conhecida família de restauradores de Monção, ao «DL».

E no que respeita à oportunidade de saborear o ciclóstomo, sigamos o raciocínio de Lima de Carvalho, das Relações Públicas do Casino Estoril, que, a propósito, recordou a famosa anedota eclesiástica de um velho abade de uma aldeia do Minho, a quem perguntaram se nos dias de abstinência quaresmal seria lícito comê-lo. «Homem, se puder coma-a todos os dias», terá receitado o abade.

Mas, voltado à quinzena gastronómica e quanto a peixes propriamente ditos, é preciso dizer que a ementa da iniciativa exibe o sável à moda de Monção e em ensopado. É só escolher, por cerca de metade do preço da lampreia.

O salmão (cozido ou grelhado, e neste caso com vários molhos) fecha o cartaz dos peixes. A quinzena dispõe de outros atractivos entre os quais os doces regionais e os vinhos verdes verdes (tintos e brancos) -- Muralhas da Quinta de Aveleda e Alvarinhos (Cooperativa de Monção), quanto a brancos; Ponte da Barca, Ponte de Lima e Cooperativa de Monção no rol dos tintos. Bagaceira Cepa Velha antes da despedida.

Júlio Rodrigues



Dorita, que herdou de Maria de Lurdes Moscoso a arte de confeccionar a lampreia de Monção, na última fase da preparação do prato

Fotos Rui Pacheco

Servir lampreia exige requinte como o que exibe a equipa chefiada por Orlando Iglésias

Às terças-feiras

JL jornal de letras, artes e ideias

Mário Cesariny:

«Do Surrealismo não resta nada»

— Entrevista e texto do poeta

À Descoberta de Nós

Textos de José Mattoso, Armindo de Sousa e Carvalho Homem

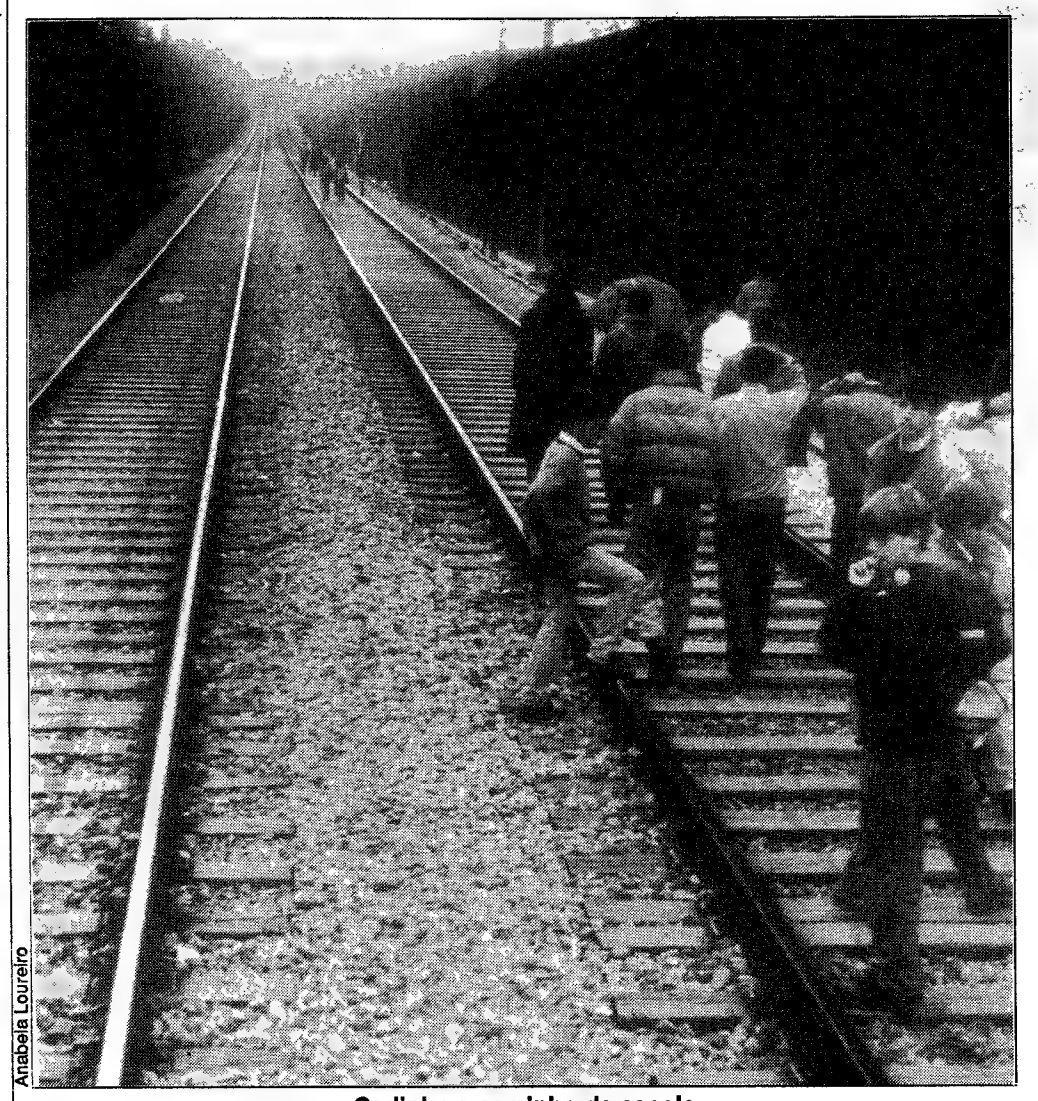
Nadir Afonso,

a outra geometria

Viva a Rosa!

Federação de Atletismo responde a Manuel Alegre

Greves dos maquinistas: a ponta do «ice



Anabela Loureiro

Cedinho a caminho da escola

A greve parcial dos maquinistas que terminou ontem, depois de 49 dias de paralisações por motivos reivindicativos dessa classe de profissionais, é apenas a parte visível do «iceberg» que é hoje a CP. O gelo que tem caracterizado as negociações entre gerência e sindicatos esconde o verdadeiro gigante submerso que é a companhia de Caminhos de Ferro Portugueses.

Ultrapassada décadas, a CP será das empresas públicas para onde vão ser canalizados, nos próximos anos, os maiores investimentos nacionais. Toda a gente sabe na companhia, do guarda de cancela à administração, que é preciso fazer quase tudo de novo porque não se faz nada há anos e anos. Trabalhadores a mais, pessoal com idades avançadas, material obsoleto, linhas degradadas, gerir a empresa não é certamente tarefa fácil e, muito menos pacífica.

Há, inevitavelmente que optar por reformas impopulares, decidir-se por soluções polémicas. A convicção existente é a de que, apesar disso, não se pode perder mais tempo, nem mais dinheiro.

Porque não se busca, por todas estas razões, um acordo de empresa (AE) que dê «paz social» à companhia de forma a conseguir a sua modernização?

Os sindicatos responsabilizam o conselho de gerência, este culpa as organizações sindicais. O resultado estão à vista e afectam milhões de utentes. Não haverá nenhum sector onde o movimento grevista perturbe tanto a opinião pública como este. Provavelmente por isso, parece até já se ter conquistado um estado de espírito de «deixa andar» que é terrivelmente nocivo para os legítimos interesses dos utentes - pagantes - prejudicados de norte a sul perante a calma de gerentes e sindicalistas que arrastam meses seguidos a procura real de um compromisso que estabilize a companhia.

Uma peça determinante

Neste quadro, os maquinistas são uma peça determinante, possuem, entre todos os trabalhadores da CP, a maior capacidade de perturbar o normal funcionamento da empresa e quando se decidem pela greve, a perturbação é profunda. Os maquinistas são uma classe com muitas tradições de luta e, sindicalmente, possuem, entre vários, um sindicato independente que tem conseguido vencer quase sempre as batalhas reivindicativas que inicia.

Neste momento, e na procura de três reivindicações principais - correcção salarial, resolução definitiva do processo de reformas e negociação do regulamento de carreiras - preparam uma greve total que poderá conduzir ao caos absoluto na empresa.

Como a maioria dos funcionários da companhia, a faixa etária dos maquinistas é elevada. Setenta por cento tem mais de 45 anos e domina tecnologias ultrapassadas pelo que as questões ligadas às reformas e à formação de pessoal mais jovem são assuntos muito sensível para a classe.

A ideia central com que se fica no contacto com os homens que conduzem os comboios é a sua revolta pela não aplicação, em Portugal, de maiores recursos à melhoria do seu nível de vida e às suas condições de trabalho. como sucede com outras empresas europeias do ramo. Ridicularizam os valores que o conselho de gerência mobiliza para este fim, comparados com os milhões de contos orçamentados para a modernização da empresa, como se o factor humano não

Castelo Lopes, líder dos maquinistas, ao DL:

«A CP nem o Governo escuta»

«Poderemos vir a não aceitar a requisição civil»

O presidente do Sindicato dos Maquinistas, Castelo Lopes revelou ao DL, em primeira mão, o projecto da classe de realizar uma greve total, depois da assembleia-geral marcada para dia 24. Na entrevista que reproduzimos a seguir, o líder sindical explica porque razão se deverá tomar essa decisão.

- Acha que o presente movimento grevista pode chegar a uma greve total, com a consequente requisição civil?

- A greve foi cumprida ao dia 19 por decisão dos orgãos competentes do sindicato na reunião realizada, aqui, na sede do sindicato, em 7 de Fevereiro. Em termos de radicalização, se há radicalização é da parte do conselho de gerência que desde essa data não nos convocou, para seguir a via do diálogo.

- Acha que o conselho de gerência está a tomar, neste momento, uma atitude mais radical do que as anteriores?

- Sim, neste momento está a tomar uma atitude mais radical, porque nas reuniões que efectuou connosco no princípio do mês apresentou propostas que não satisfazem minimamente as pretensões do sindicato. Por exemplo, em termos de pré-reforma apresentou-nos um documento em que apenas nos propunha a suspensão do contrato de trabalho, recusando-se terminantemente a elaborar um documento em que ficassem definidas as regras dessa pré-reforma; em termos de regulamentos de carreiras apresentou-nos, no vago, uma posição que também não transmitiu para o papel e que não nos satisfaz e, em termos de acordo de empresa (AE) afirma que não tem mais nada a acrescentar, que esgotou a sua capacidade financeira.

- Está a admitir, por isso, que se pode vir a chegar à greve total e à requisição civil?

- Acredito, primeiro, que chegaremos à greve total, na reunião geral de associados do dia 24, vai com certeza ser tomada uma decisão dessas.

- Vai ser feita essa proposta?

- Vai ser apresentada essa proposta e não só, outras, que eventualmente venham a ser sugeridas pelos associados.

- Como por exemplo?

- Fazer uma greve como a que terminámos agora, com paralização a determinados comboios - aos Alfas, aos Intercidades e aos Inter-regionais. Em termos de requisição civil, se ela for declarada pelo Governo, queria salientar o seguinte: ela não resolve o problema definitivamente, só poderá resolvê-lo momentaneamente. Aliás a requisição civil não é novidade para nós. Já tivemos duas.

- Há uma certa tendência na opinião pública para se virar contra a vossa greve. Estou lembrado dos incidentes em Oeiras, em Queluz, no Rossio e no Cacém, onde os maquinistas tiveram de recorrer à polícia e à GNR para se protegerem do público. Não teme que este ambiente afecte o prestígio do sindicato e a sua capacidade negocial?

- Se me permite, eu discordo um bocado disso. Temos tido o apoio dos utentes do caminho de ferro...

- ...Das centenas de milhar de pessoas, prejudicadas, todos os dias com esta greve...?

- Exactamente. Inclusivamente já tivemos uma conversa com uma representante dos utentes da linha de Sintra em que a senhora e a respectiva comissão nos apoiaram frontalmente.

- Por uma senhora e uma comissão, quando a linha de Sintra serve milhares de pessoas. Repito a pergunta, não teme que o prosseguimento desta situação conduza a uma situação de revolta popular contra vocês, não é certamente agradável entrar policiado para as cabines de condução, como já aconteceu nesta greve?

- Claro que é desagradável. Medo não temos, teremos sim receio de que pessoas mais exaltadas, que no momento não pensem naquilo que estão a fazer, possam chegar a situações de agressões. Mas em termos de utentes, aquilo que pelo menos eles têm demonstrado é que eles nos apoiam incondicionalmente, da mesma forma que nós o fazemos. Eles sabem perfeitamente que quem tem culpa disto tudo é do conselho de gerência da CP, porque é ele que os transporta de uma forma indigna, sem quaisquer condições para transportar seres humanos. Esta situação surgiu num período de greve mas foi derivada de toda uma situação anterior de não conflito em que as pessoas são transportadas como elas próprias sabem e o conselho de gerência não tem por elas o mínimo de consideração. Os telefonemas que recebemos no sindicato, e os contactos que colegas nossos têm tido com os utentes indicam que a maior parte apoia a nossa luta.

- Se neste momento, fosse feita uma reunião, por iniciativa do Governo, do Primeiro-Ministro imaginemos, para se pôr fim ao conflito, e, resumindo, o que é que o sindicato exigia ao conselho de gerência?

- Em termos de pré-reforma, o conselho de gerência deveria assumir o compromisso que já prometeu ao sindicato há um ano, ou seja, de que até 31 de Dezembro de 89 pré-reformava inicialmente 50 maquinistas e que no prazo de três anos reformaria 350 por ano, com idades superiores a 55 anos. Ele não respeitou esse compromisso. Agora acena com a suspensão do contrato de trabalho, inclusivamente deitando mão ao despedimento, tendo em conta a cláusula da extinção dos postos de trabalho. Que o conselho de gerência corrija salarialmente o nosso vencimento que neste momento é de 69 mil escudos de maquinista técnico e de 66 mil para o maquinista de nível abaixo. A inflacção verificada em 1989, foi de 12,7 a 13 por cento e o aumento que o conselho de gerência nos impôs, em Fevereiro de 89, é de 8,7. Tudo o que seja acima de 69 mil - que é o vencimento de maquinista técnico deriva de uma carga de trabalho extraordinária que vai desde os cortes consecutivos de descansos semanais, até a repousos consecutivos fora da sede de 30 horas para as quais o conselho de gerência apenas atribui 732 escudos por dia para ajudas de custo, quando, por vezes, é para suportar três e quatro refeições. Os maquinistas têm, enfim, de pagar do seu próprio bolso para trabalhar para a imprensa. É a questão do regulamento de carreiras, também. O conselho de gerência também nos fez uma proposta de regulamento de carreiras que não quis passar para o papel - uma proposta que não entendemos muito bem. Em termos de AE também não admitimos que o conselho de gerência esteja a limitar a nossa capacidade e liberdade negocial ao dizer que já assinou com os sindicatos da UGT.

- O que é que o maquinista português precisava para que houvesse serenidade na empresa. Que ganhasse tanto como um colega inglês ou espanhol? O que falta para haver estabilidade social na CP?

- Nós conhecemos bem o país em que nos situamos não queremos ganhar tanto como os pilotos da TAP, queremos sim um vencimento justo e adequado à função que desempenhamos. Queremos ganhar o mesmo que outros trabalhadores deste país com funções idênticas, não queremos é degradar o vencimento de ano para ano, tendo sempre aumentos inferiores à inflacção na ordem dos três, quatro por cento. Se aceitamos esta situação por muito tempo, qualquer dia

ceberg»

npre
que

pro-
ções
sala-
a do
ne-
o de
uma
con-
o na

fun-
ia, a
istas
ento
do-
pas-
stões
for-
vem
sível

ue se
n os
n os
pela
ugal,
me-
ida e
alho.
utras
amo.
s que
mo-
para-
con-
ra a
resa,
o não

s que
esteja
idade
dizer
indi-

inista
a que
presa.
no um
ol? O
tabili-

em o
amo-
tanto
TAP,
venci-
ado à
amos.
esmo
dores
dênti-
legra-
o para
entos
na or-
cento.
ão por
er dia

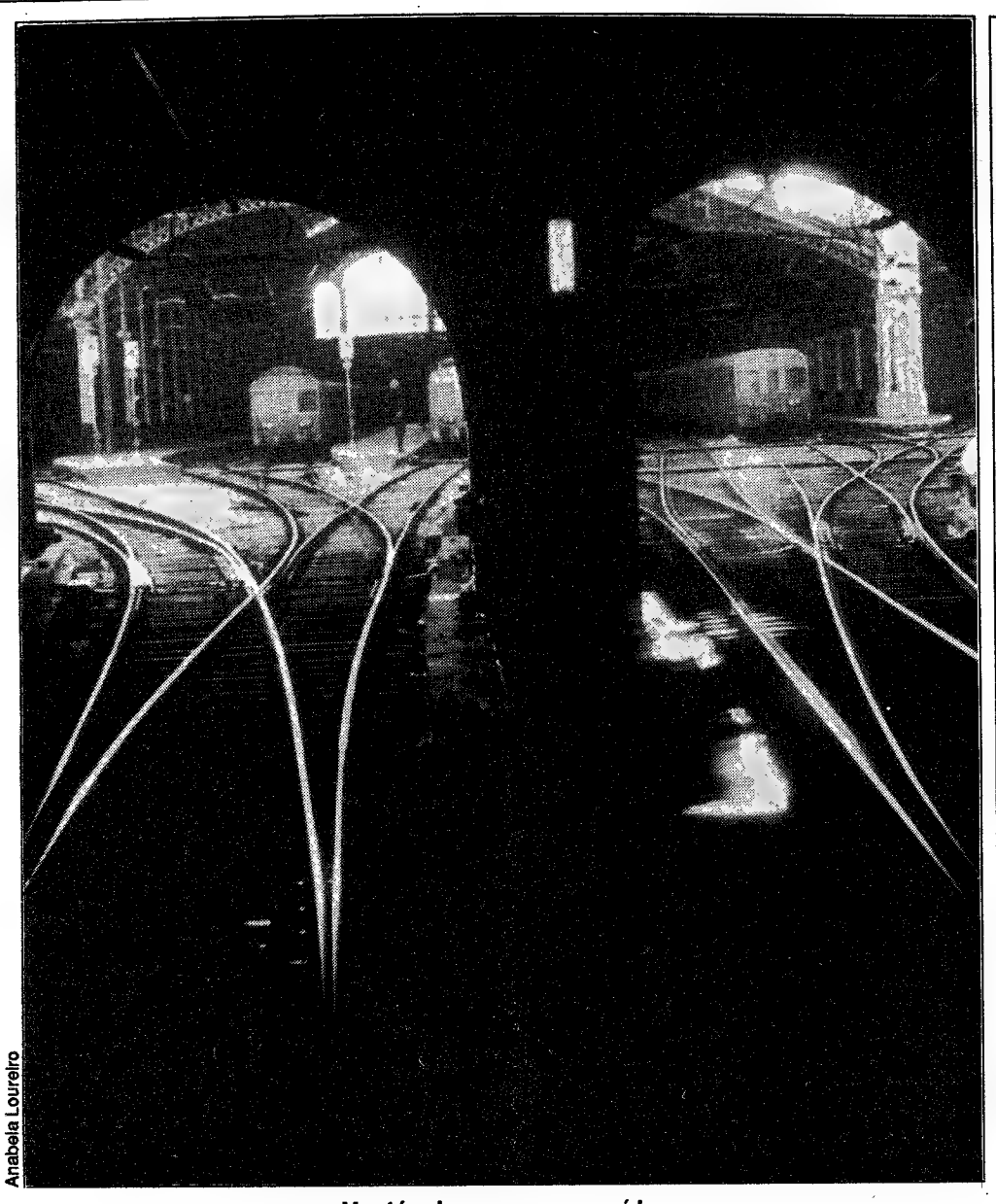
fosse, também aqui, determinante.

A melhoria do serviço a prestar ao público numa empresa desta envergadura leva a investimentos que, pela sua envergadura, levam anos a concretizar. Daí que custe realmente entender porque não se tenta, pelo menos, minimizar as actuais carências.

O conselho de gerência repete que não tem «maiores disponibilidades financeiras» e também não cede. O resultado tem estado à vista e a tendência é para agravar-se. Temos dos piores caminhos-de- ferro da Europa e os portugueses habituaram-se nos comboios - a serem transportados muitas vezes de forma indigna. (Ler, nesta página «Uma viagem ao terceiro mundo»).

As notícias são, assim, desanimadoras. Uma gerência que vai investir mais de 200 milhões de contos nos próximos anos para modernizar os seus serviços não abre os cordões à bolsa e à boa maneira portuguesa, com o pessoal, procura gastar o mínimo, até ao fim. Nos caminhos- de- ferro, esta orientação - comum a tantos outros sectores de actividade está a conduzir a uma situação de extrema tensão social.

P.A.



Anabela Loureiro

Um túnel com poucas saídas

Linha de Sintra em hora de ponta

Uma viagem ao terceiro mundo

Qualquer peritagem da CEE, solicitada por utentes da linha da Sintra, sobre as condições como estão a ser transportados nas horas de ponta, resultaria, seguramente, numa pesada condenação da CP e do próprio Estado português.

O DL acompanhou o tráfego ferroviário naquela rede durante a recente greve dos maquinistas, a horas de ponta, e o mínimo que se pode escrever, com as letras todas, é que em Portugal ainda se transportam passageiros como se não fossem humanos.

O comboio «mais apertado», durante esses dias sai de Sintra às 7 e 43. Na estação das Mercês despeja centenas de estudantes que seguem, via férrea fora, até à escola que fica a uns 500 metros. O próprio maquinista - que se esconde das objectivas dos fotógrafos - pára a composição mais tempo do que deveria. Espera a passagem das crianças diante do comboio e depois carris fora, experiente que é na linha. Os miúdos lá vão, brincadeiras de manhã, até à escola. Até um dia, um comboio mais apressado...

No Cacém a lotação está perfeitamente esgotada mas continua a entrar gente. O interior das composições começa a assumir o ar simultaneâmente resignado e gozado do nosso Povo. Rafael, um menino que o pai vem entregar à família, em Lisboa, bebe o leite, o pessoal ajeita-se, há ainda uma certa alegria.

Daí para a frente já é Carnaval. De Queluz para diante, passa a haver dois tipos de passageiros. Os que se enlataram dentro das carruagens e os que têm de viajar pendurados. Gente de todas as idades, que até fuma pelo caminho, sorri até ao fotógrafo que vai registando as imagens do Portugal terceiro mundista. Começam as primeiras discussões dos mal dormidos e das senhoras e senhores que prefeririam ter carro para se deslocar e se vestem a preceito. Fala-se de tudo, refila-se por nada. «O Mário Soares está outra vez em Itália, desta vez deve ser para saber se a Torre de Piza já está na vertical»; a «Caixa-Geral de Depósitos nunca mais acaba a sede inteligente que custa 14 milhões de contos», o novo «Palácio da CEE em Belém dava para fazer outra linha de Sintra».

Anabela Loureiro

Rafael:o pequeno almoço no comboio

Na Amadora a situação começa a ser dramática. Até alí, os passageiros pendurados viajavam do lado esquerdo do comboio, sem o risco de colidir com outra composição. O maquinista tem a preocupação de reduzir a velocidade nas curvas mais apertadas para não cair ninguém, mas a partir dessa estação, os passageiros penduram-se do lado direito do comboio. Ou seja, de minuto a minuto, cruzam-se com carruagens que vêm em sentido contrário, a escassos centímetros dos ombros mais distantes das pegas de ferro onde se agarram como podem. O «espectáculo é impressionante quando os comboios se juntam, em sentido contrário, a alta velocidade. As pessoas fecham os olhos, unem-se como se estivessem a fazer amor, sorriem quando o pesadelo passou. Até cigarros são acessos.

Em Portugal, em 90, é assim. Que nos salve o espírito: no Rossio, até piropos bonitos há. Uma senhora que gostaria de ser VIP e vêio todo o caminho a tentar não ficar amarrotada, procura ser a primeira a sair. Sai mas com gosto: «Oh filha, conseguiste chegar vestida»...

Pereira de Almeida

não temos um vencimento minimamente digno.

- A greve levou a situações de extrema tensão social e até do ponto de vista de segurança poderia ter levado a casos graves, basta ver como estão a ser transportados os passageiros da linha de Sintra. Se houvesse um acidente humano provocado pelo execesso de passageiros num desses comboios, vocês, maquinistas não se sentiam, de algum modo, também responsáveis?

- De maneira nenhuma, se isso viesse a acontecer atribuíamos total responsabilidade ao conselho de gerência...

- Um maquinista pode conduzir um comboio que leva vinte vezes mais passageiros do que deveria transportar.

- Em termos de regulamento de segurança o maquinista não tem nada a ver com o transporte de passageiros. Se o comboio vem ou não superlotado, com execesso de lotação. Para isso existe o revisor, o chefe da estação, o maquinista apenas tem de conduzir e controlar a situação em termos de frenagem.

- Então está a transferir essa responsabilidade para outros colegas da CP?

- Desculpe, o maquinista apenas pode verificar , através do espelho retrovisor, se vêm pessoas penduradas nas portas e reduzir a velocidade. Inclusivamente, estamos sujeitos, no final da viagem, a ser chamados à atenção «por é que perderam tempo»e estamos sujeitos a ser processados disciplinarmente por termos perdido um minuto ou dois. Mas esta situação que me põe, passa-se agora em situações de greve mas é comum ao dia a dia. Por isso dizemos que, em caso de acidente a responsabilidade é do conselho de gerência da CP porque nestes períodos de greve, naquelas manifestações que ocorreram em Queluz e Oeiras, a CP iludiu o utente do caminhos- de-ferro ao oferecer-lhe transporte alternativo insuficiente. São precisos 20 autocarros para levar os passageiros de um só comboio. Quanto a nós, mais valia ele resolver o conflito que tem connosco do que estar a gastar 800 escudos por minuto em alternativos (há dois anos era assim). Nós tivemos acesso a um documento que revelava esse dado.

Por isso, o único responsável é o conselho de gerência que não dá condições aos passageiros para viajar em segurança e de uma forma digna.

- Resumindo, quando é que vai acabar este conflito?

- Só quando atingirmos os nossos objectivos que não são tão exagerados como querem fazer crer e que o conselho de gerência tenha a ombridade de negociar connosco. Até o senhor ministro dos Transportes apelou ao conselho de gerência que fizesse um esforço suplementar para ultrapassar o conflito. A CP já devia ter ouvido o apelo do senhor ministro.

- Concluindo, se o conselho de gerência não mudar de posição, dia 24 vocês vão votar a proposta de greve total?

- Exactamente.

- E essa proposta tem possibilidades de ser votada favoravelmente?

- Tem 95 por cento de possibilidades de ser aprovada.

- E na sua opinião acha que o conselho de gerência cede, até lá?

- Não sei, não estamos ligados a nenhum partido, não temos informações de centrais sindicais porque não estamos ligados a nenhuma, de qualquer das formas pensamos que era uma boa medida do conselho de gerência, evitar que esta proposta viesse a ser aprovada.

- E de quantos dias seria a greve?

- Vai ser definido na assembleiageral. Pode ser de uma semana seguida, por exemplo, 24, 48 horas, cinco dias seguidos, vamos ainda analisar o assunto. Em termos de requisição civil, como já disse, ela não resolve o problema. O conflito mantêm-se latente mas quero dizer isto: em Fevereiro e Março de 89 fizemos greves de 24 horas, fomos indicados para fazer serviços mínimos, o sindicato deu indicações aos seus associados para que esses serviços não fossem feitos, porque eram ilegais. O Governo, nesta greve, anunciou que não se decidia pela requisição civil como fez com os controladores aéreos. Se o Governo vier a fazer a requisição civil, nós vamos analisar o assunto com serenidade. Quando sentimos uma carreira unida, uma carreira com vontade de ir até ao fim nós poderemos, inclusivamente, decidir a não aceitação da requisição civil.

P.A.

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Os durienses sabem produzir um excelente vinho. Ignoram como comercializá-lo

Vinho do Porto: entre a incerteza e a esperança

Armazém de vinho do Porto

É o escândalo: os vinhos de pasto do Douro estão a vender-se a preços mais altos que os do vinho do Porto ! Tudo começou com uma política que pretendia lançar o Porto no estrangeiro por um processo já antigo de preços baixos, não pela venda de um produto de qualidade.

As coisas foram-se arrastando e, hoje, uma garrafa do generoso vinho do Douro vende-se em França por 375$00, ou por mais uns 2 a 3 por cento na Bélgica.

A situação foi revelada durante a Feira do Vinho que a Casa do Douro promoveu na Régua durante o fim-de-semana, retomando uma tradição perdida, que data dos tempos do marquês de Pombal. A Feira do Vinho da Régua chegou a ter tão grande repercussão, que só encontrava paralelo na sua congénere de Leipzig.

Criada, em 1756, por Sebastião José, a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, a situação de monopólio da comercialização do vinho generoso por parte daquela instituição forçava os viticultores a, todos os anos, em Fevereiro, descerem à Régua para apresentar os seus produtos, para estes serem controlados, classificados e vendidos.

Com a extinção da Companhia em 1834 (embora voltasse a ser restabelecida em 1838) terminou esta forma de comercialização, que dava vida e fez crescer a Régua. A Casa do Douro retomou, agora, a quase esquecida tradição, como novo impulso para os vinhos a cujo destino preside, e que vivem momentos simultaneamente de incerteza e de esperança.

Presentemente, a comercialização do «Porto» é feita, em mais de 99 por cento, pelos exportadores. Uma situação que parece necessário alterar, embora Mesquita Montês, presidente da direcção da Casa do Douro reconheça «ser dificil abrir uma guerra contra quem domina totalmente o mercado».

Há ainda escassos dias, as já múltiplas adegas cooperativas da região demarcada estabeleceram entre si um protocolo para a exportação directa, a partir de 1995, de 20 por cento da sua produção. As adegas cooperativas representam apenas 40 por cento da produção total da região, o que se traduzirá apenas por uma contribuição modesta para a exportação.

De resto, a tarefa apresenta-se como muito pouco fácil, na medida em que as adegas cooperativas se mostram totalmente ignorantes dos problemas da exportação e da divulgação do seu produto, tema a que sempre se têm mantido alheias.

No entanto, «as dificuldades não são inultrapassáveis, acrescenta Mesquita Montês. Trabalhando em conjunto, poderemos ficar libertos dessa muleta. Para já, estamos a exportar directamente um por cento da produção das cooperativas. Há estudos em curso, vamos contactar um gabinete de informações. Precisamos de ter consciência perfeita do que é a exportação. É certo que partimos com 300 anos de atraso. Vamos andando, lentamente, mas com vontade».

A qualidade dos vinhos generosos do Douro tem vindo a aumentar e a melhoria na substituição das cepas tem sido mesmo «espectacular». Olha-se como «promissor» o aparecimento de produtores-engarrafadores, facto permitido pela nova legislação que retirou ao Entreposto de Gaia o monopólio do envazilhamento.

Desde a pré-adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, em 1984, entrou em actividade o Projecto de Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes e Alto Douro, financiado pelo Banco Mundial, cujos resultados começam já a ser visíveis. Uma segunda fase desse projecto vai entrar em execução nos próximos meses e terá a duração de 5 anos. Para além de serem destinadas à elaboração de indispensáveis infra-estruturas, ao saneamento básico e ao desenvolvimento dos produtos alimentares, as verbas da CEE, da ordem dos 40 milhões de contos, irão financiar o não menos indispensável programa de reestruturação das vinhas do Douro.

Mesmo assim, vozes críticas, são de opinião que, relativamente à vitivinicultura, aqueles dinheiros irão beneficiar especialmente as grandes empresas, que dispõem de técnicos especializados e de valores mínimos de propriedades acima dos 3 hectares.

Uma família inglesa

Embora Miguel Torga tenha escrito que o vinho do Porto é «a única riqueza de que somos senhores exclusivos», a verdade poética nem sempre está conforme à realidade.

Grande parte da produção e a maior fatia da exportação estão nas mãos de companhias estrangeiras, por vezes multinacionais. Para fazer jus a Júlio Dinis, o maior peso ainda continua a caber aos britânicos, mas no mercado já não faltam os japoneses, os espanhóis, os australianos e até mesmo os brasileiros e os colombianos.

Ultimamente apareceram os norte-americanos. Com alguns receios por parte dos produtores locais, que não admitem serem essas companhias, ou suas afins, as autoras das falsificações de Porto que se produzem «em quantidades industriais» no Canadá, nos Estados Unidos e na África do Sul. Para lá têm sido levados, além das cepas, os técnicos , os caseiros e até trabalhadores especializados.

As falsificações mais semelhantes ao produto original são as da Califórnia. Com uma estranha peculariedade: é que, ao contrário do vinho generoso do Douro, o vinho da Califórnia, à medida que vai envelhecendo, perde qualidade. Os norte-americanos aceitam um produto bem diferente do genuíno e, pelo Douro, receia-se que, mercê da sua capacidade financeira e de um hábil jogo de influências, essas grandes companhias (que estão a fazer enormes plantações de vinha e arrancando a complementar oliveira, o que é proibido por lei) queiram produzir um «novo» vinho do Porto.

De resto, a maioria dos grandes e médios produtores locais são absentistas: advogados no Porto, médicos em Coimbra, deixando a propriedade -- onde só vão a férias — aos cuidados de caseiros ou de familiares menos afortunados.

Os pequenos produtores, cujas «mãos calosas espremem o xisto até o fazer ressumar» de vinho generoso, para voltar a citar Torga, esses pouco ou nada podem fazer.

A pipa de Porto»da última colheita foi vendida por 110 ou 120 contos. Parece muito dinheiro, mas não lhe faltam os descontos. Para começar, 24 a 25 contos de aguardente por pipa, a que devem somar-se os custos do granjeio agrícola que, só no ano passado, cresceram em 40 ou 50 por cento, o facto de o preço de venda do produto não ter aumentado desde há muito tempo e da inflação ter ultrapassado os 12 por cento. Assim, cada pipa acaba por não render mais do que uns breves 50 ou 60 contos.

«Mesmo assim, afirma Joaquim Mouta, produtor de S. João da Pesqueira, vale mais a pena produzir vinho generoso do que depositar o dinheiro no banco».

Os pequenos e os grandes

Aquele viticultor, que é um dos poucos a produzir o seu vinho na sua própria adega, é da opinião que a solução para os actuais problemas é a produção e a comercialização trabalharem em de mãos dadas», como, ainda este ano, se passou a fazer na região de Bordéus, onde a situação era semelhante.

No Douro, os problemas

Vinhas em subvidouro, uma imagem inesquecível

Salão nobre da Casa do Douro, na Régua

avultam, desde a abrupta orografia (com inclinações de 40 e mais graus) à escassez de mão-de-obra («Os trabalhadores preferem ir para o Porto carregar tijolos a andar a subir e descer essas encostas violentas, carregados de cestos de vindima com 70 quilos de uva!»), a situação geográfica, a distanciação agravada por difíceis e onerosos transportes: «Tudo isto, acrescido da falta de ligação entre os exportadores e a produção poderá cavar a ruína deste vinho ímpar no mundo», acrescenta Joaquim Mouta. Um problema a resolver antes que 1992 nos bata à porta...

Os pequenos proprietários são algo como 32 mil, dos quais apenas 200 colherão para cima das 100 pipas. Os restantes ficam-se pelas 5 pipas ou ainda menos. A fuga a uma situação de miséria está no associativismo e já há hoje 22 adegas cooperativas na região do Douro a produzir tanto Vinho do Porto como maduro de pasto, um produto hoje com assinalável cotação. Outro tipo de produtores são as grandes companhias exportadoras que se abastecem a si próprias. Por último, um pequeno grupo que produz por conta própria, sem condições monetárias para a exportação directa e que tem de sujeitar-se à procura dos exportadores.

Seja como for, a produção tem aumentado consideravelmente, de 70 mil pipas em 1974 para as 150 mil na última colheita. Para os próximos 5 anos espera-se a plantação de novos 2 500 hectares de vinha, o que se traduzirá, em 1995, numa produção de mais 175 mil pipas de mosto generoso.

Um novo consumidor

De qualquer maneira, de momento, o primeiro problema a resolver é a questão dos «preços de ruína» por que está a ser pago o vinho do Douro. A imagem do «Porto» que temos estado a vender ao estrangeiro não é a da qualidade, mas sim a do baixo preço (coisa que tem um tanto a ver com a desvalorização do escudo, do que sempre resultava algum lucro, mas também com formas ocultas de transferências cambiais para fora do país).

O Instituto do Vinho do Porto parece, agora, ter entrado pelo bom caminho, iniciando uma campanha de esclarecimento do consumidor para a maneira de escolher um vinho. O que não é uma tarefa fácil.

Difícil, também, é conseguir encontrar novos clientes. Embora exista um, bem potencial, mas renitente, ao contrário do que se poderia esperar: os próprios portugueses.

Uma nova imagem

A Casa do Douro, extremamente controversa ao longo dos seus 52 anos de existência, tem agora novos estatutos e pretende criar uma nova imagem, com iniciativas que vão além mesmo dos problemas vinícolas.

O presidente da sua direcção, Mesquita Montês, anunciou, durante a Feira do Vinho, a intenção da Casa do Douro de «desenvolver o duriense». O projecto inclui a criação, na Régua, de um museu e de uma enoteca. Negociações com o Instituto do Vinho do Porto deverão permitir a cedência por esta entidade de um palacete do século XVIII, que será transformado em arquivo histórico e biblioteca, onde se guardarão inúmeros documentos actualmente mal preservados.

Mesquita Montês salientou o impulso significativo dado à iniciativa pela visita ao Douro, em 1988, do Presidente Mário Soares, o apoio da Secretaria de Estado da Cultura para que a Casa do Douro pudesse usufruir das regalias fiscais inerentes à Lei do Mecenato, também o apoio da secretaria de Estado do Turismo, ao abrigo do Fundo de Turismo. Paralelamente, informou terem sido estabelecidos contactos com a Câmara do Peso da Régua para um ambicioso projecto autárquico de preservação de todo o centro histórico, infelizmente ou muito degradado ou vítima dos habituais insensatos atentados arquitectónicos.

Roby Amorim

Centro Português de Design tem quatro milhões para programas de formação

Passados seis meses do início efectivo da sua actividade o Centro Nacional de Design passou a designar-se Centro Português de Design, dirigido pelo arquitecto Sena da Silva. A explicação, segundo o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, está «na necessidade de uma melhor identificação internacional da associação e na criação de uma nova categoria de sócios, que permita uma mais próxima participação de empresas e entidades nacionais».

Este centro, cujo plano de acção foi ontem apresentado numa conferência de Imprensa, pretende, assim, dinamizar a promoção do design no âmbito empresarial. Ou seja, criar na sociedade portuguesa um ambiente inovador em que o *design* e a qualidade dos produtos se tornem referência de uma nova cultura material. Promover a articulação e a integração das necessidades das escolas de formação, das indústrias e do próprio mercado na área de *design*, são alguns dos objectivos que se propõe concretizar o Centro Português de Design, o qual é financiado no âmbito do PEDIP com uma verba inicial de quatro milhões de contos.

O lançamento de acções de introdução do design em sectores industriais de que destaca a madeira, mobiliário, textêis, calçado, cerâmica e vidro, de seminários e cursos com designers estrangeiros, de prémios com vista a galardoar iniciativas no domínio do design industrial são algumas das actividades agendadas por este centro até 1992.

Para fazer face aos mercados europeus concorrentes, a indústria portuguesa terá de seguir uma estratégia de desenvolvimento em que o *design* e a criatividade terão uma palavra a dizer. Segundo Mira Amaral, reconhece-se hoje na sociedade portuguesa a falta de *design* criativo. «Se por um lado, não há tradição no uso do *design*, por outro, nos poucos casos de utilização, tem-se recorrido geralmente à cópia do que se vê nas Feiras Internacionais ou, em certos casos, à importação de *design* estrangeiro mediante contratos com profissionais habilitados» - afirmou o ministro.

«O *design* dos produtos portugueses oferecidos é, na generalidade dos casos, desajustado e envelhecido, o que torna problemático em alguns sectores a conquista de novos mercados de exportação ou a manutenção dos já existentes» - afirmou o ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, na conferência de Imprensa de apresentação deste novo projecto, financiado no âmbito do PEDIP.

A acrescentar a este quadro na indústria nacional há ainda a situação no ensino do *design*, cujas escolas e universidades na maioria «padecem do mal generalizado das universidades portuguesas no seu afastamento da realidade empresarial, para não dizer do seu próprio divórcio. É por isso imperioso actuar na reforma do ensino do *design* e na promoção da utilização crescente do *design* pela indústria portuguesa com vista à sua sobrevivência, após o Mercado Único de 1992» referiu o ministro.

Para a Quinta Patiño

Entregues seis projectos de reconversão turística

O prazo de entrega de projectos para a conversão da Quinta dos Sobreiros, mais conhecida por «Quinta Patiño», em complexo turístico já expirou, tendo sido apresentados seis aos promotores do concurso.

Os projectos são da autoria de outros tantos arquitectos portugueses, dos dez para o efeito convidados pelo grupo Espírito Santo, que adquiriu há mais de um ano a propriedade, localizada perto do Estoril, à viúva de Antenor Patiño, o falecido multimilionário boliviano, apelidado de «rei do estanho».

Um dos concorrentes revelou ao DL que aquele grupo financeiro pretende criar na propriedade, de cerca de 60 hectares, uma estância turística do tipo da Quinta do Lago, no Algarve.

O palácio da quinta, onde decorreu no Verão de 1968 uma festa espaventosa, em que esteve presente todo o chamado *jet-set* internacional, será aproveitado para estalagem e sede de clube para milionários.

Mandado construir por Patiño em 1920, o palácio foi projectado pelo arquitecto Castro Freire e, só para quartos de dormir, dispõe de 21 divisões.

Na propriedade serão ainda erguidos um hotel com cem quartos e um complexo de 80 moradias.

A viúva de Antenor Patiño, há alguns anos a residir alternadamente em Portugal e nos EUA, conservou uma parcela do terreno, onde pretende fazer construir uma vivenda.

Este empreendimento é um dos quatro do género que estão previstos ou em curso no sopé meridional da serra de Sintra, incidindo os outros na Quinta da Beloura, perto do Linhó, adquirida por um grupo brasileiro; na Penha Longa, por iniciativa de um grupo japonês; e nas cercanias do Autódromo do Estoril, em ligação com a respectiva empresa.

MALHAS DA JUSTIÇA

Foi o vinho, senhor

Há, entre as más línguas, quem diga que «o vinho é que induca» mas Dionísio sabe bem que assim não é. Se não fosse o vinho, Dionísio não tinha ameaçado o seu sobrinho dilecto com a arma nem estaria em Tribunal, respondendo por um acto que o envergonha de morte. Mas está. Aos 56 anos, o pedreiro cabo verdeano que mora na Reboleira do Sul, resolveu, com meios tintos, disparar dois tiros de aviso e o sobrinho, sem meias tintas, decidiu queixar-se à polícia.

Dionísio está arrependido. Há quatro anos que vive sozinho, desde que a sua mulher se foi, para Cabo Verde. Não tem mais ninguém, a não ser aquele sobrinho, de quem gosta como um filho. Comprou a pistola de alarme, adaptada, na feira das galinheiras, vai para sete anos. Já se embriagou várias vezes, confessa, mas nunca disparou um tiro. «Se eu não tinha bebido, isto não acontecia» lamenta-se. «Foi só por brincadeira» garante.

Mas o juiz não está pelos ajustes, muito menos para brincadeiras. Uma arma ilegal, uns copos a mais, um pequeno defeito na vista para falhar a pontaria... Dionísio usou e abusou. O juiz não abusa. Apenas usa o poder de que dispõe e condena o réu ao pagamento de 24 mil escudos ou a 90 dias de prisão. Arma e carregador revertem a favor do Estado. Dionísio não mais será tentado a disparar, pelo menos com aquela arma, nem mesmo só por brincadeira. Talvez resista também à tentação de beber uns copos a mais, agora que se prepara para ir ter com a mulher em Cabo Verde.

Emília Trindade

CULTURA

olhar de mocho

Elogio do elogio

Um programa de literatura pode ter a ver com a vida pública e pessoal dos autores, ou, utilizando o vocabulário da moda, dos «agentes literários». Recordem-se, por exemplo, a «Sort of Life» e «Ways of Escape» do Graham Greene, as várias obras biográficas e autobiográficas da Simone de Beauvoir, ou entre nós, os «Diários» do Torga e as «Contas-Correntes» do Vergílio Ferreira. Nada mais *literário* que ouvir dos autores a descrição da própria vida, as andanças em que se viram metidos, o modo como a obra literária foi gerada entre amores e pontapés inevitáveis a quem tem carreira e deixa obra.

Porém, o «Elogio da Leitura» da Isabel Bahia deixa a impressão de nem ser peixe nem carne: o programa navega na linha fronteiriça que separa a mera publicidade (feita ao autor escolhido) da literatura de autoexplicação da obra. É pena. O consumidor de programas fica com a impressão de lhe estarem a impingir algo, não se sente atraído a descobrir, por dentro, a obra e a pessoa.

Ontem as sortes ditaram a Agustina Bessa-Luís. Belas imagens fotográficas da cidade nortenha, jardins da escritora, mas depois intragáveis tiradas moralistas sobre os mais gratuitos temas, quase diríamos banalidades de temas, que qualquer iniciado nas carreiras jornalísticas faz a qualquer pessoa, independentemente de ela ser literata, funcionária pública ou desportista na reforma.

Os «sermões» debitados por Agustina sobre a morte, a emancipação da mulher, enfim, a paisagem de todas as vidas, não convencem nem sublinham as virtudes literárias de quem parecia um Santo António a pregar aos peixinhos.

Gostaríamos, sim, de ouvir a grande Agustina a falar do modo como viveu a sua vida, concretizando factos e instituições que se foram atravessando no seu caminho, revelando-nos o modo como se foi libertando desses e de outros obstáculos, como viveu os degraus que a sua história deixou prantados na porta da sua casa.

Para além dos autores já mencionados, nacionais e estrangeiros, poderíamos ainda avançar com o filão do Fernão Mendes Pinto. Ele deixou-nos literatura e autobiografia e de modo tão genial e paradigmático que poderia inspirar Isabel Bahia para reestruturar os seus programas. Além disso, ninguém poderá elogiar o Camilo e o Eça sem os enquadrar nas respectivas atribulações das suas vidas. Este é, seria, o ponto interessante, para que um programa sobre literatura não fosse esotérico ou cripto-intelectual. O melhor elogio da leitura é o que dispensa elogios. Uma sugestão, uma [illegible] a explorar pelos que gostam de livros.

José Sousa Monteiro

Alberto Pimenta apresentou ontem na Vala Comum o seu último livro, «Um Enlace Feliz»

Um triste teatro

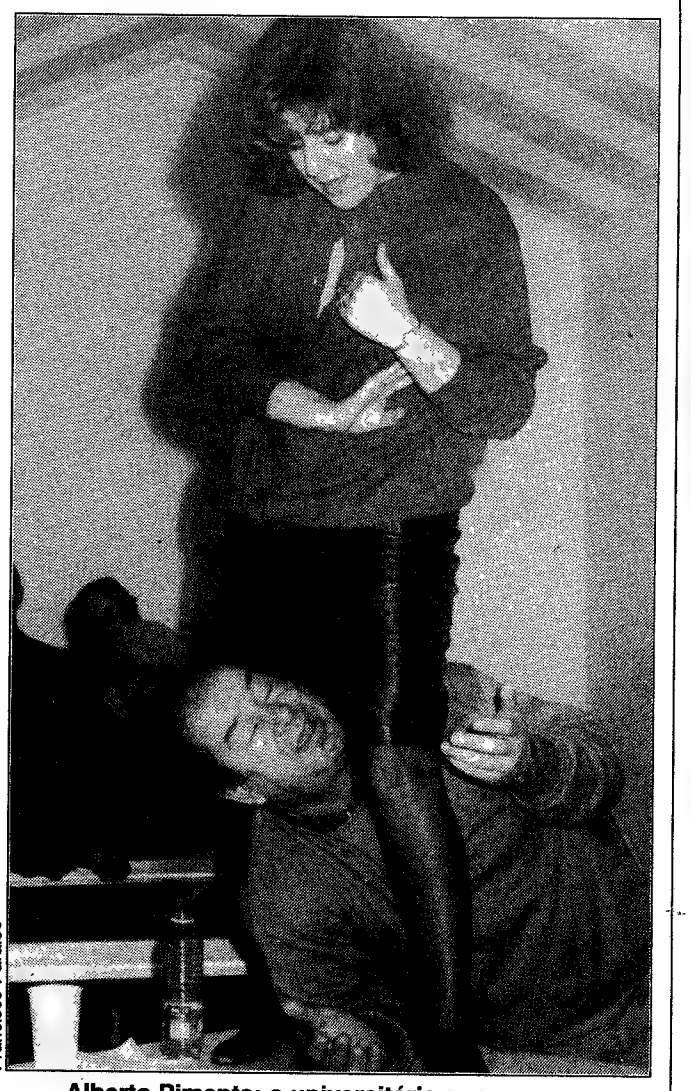
Pimenta bem jura que a Bíblia «praticamente» não leu e Homero também não, apesar de já o ter citado. E que de Safo só ouviu falar, que Aristóteles e Platão «nem era preciso» consultar, Heródoto idem, e Roland Barthes (isso mesmo, misturado com os clássicos), Racine, Moliére. Shakespeare, argumenta o poeta, «é outra coisa», já que «as melhores penas do "Romeu e Julieta" atiram para o porno como quem não quer a coisa». Mas melhor, disse e escreveu ele, é o «Satyricon», «feito a balde sem regras nem gramática». Sonetos de Camões confessa conhecer uma meia dúzia, de Petrarca dois. Thomas Mann, para Pimenta, é «chato». São declarações de forma constantes em «Um Enlace Feliz», livro acabado de publicar com a chancela Destinos e ontem recitadas pelo autor durante a apresentação do título na Vala Comum, galeria cita na Rua do Meio, à Lapa.

Os ditos em questão parecem desculpar a Alberto Pimenta uma bem pouco humilde vocação para a marginália literária, no prosseguimento do tom e do estilo de velhas literaturas de cordel dedicadas ao escárnio e ao mal-dizer ou à refrega porno-satírica dos costumes portugueses histórica e antropologicamente enraízados. Mas este poeta que encara a poesia como um exibicionismo da palavra, talvez por isso também um dos mais bem sucedidos «performers» nacionais, como ao fim da tarde de ontem mais uma vez se comprovou, não se limita - longe disso - ao suporte pobre, «alternativo», «underground» do formato «fanzine», sendo esse o caso vertente deste livrinho com capa de papel recuperável e folhas transparentes, que se lê em rápidos dez minutos sem nos oferecer, como também já é seu hábito, nada de novo.

É que Alberto Pimenta é também quem assina o luxuoso, e caro, «Metamorfoses do Vídeo», uma «charge» à obra de Ovídio que a aliteração imediatamente sugere, logo nos levando a congeminar que o senhor sabe mais das literaturas sérias e ilustres do que pretende, falsamente ingénuo. E depois há o resto: Pimenta, convém que se saiba, é, nas horas de expediente, um típico professor universitário, com a estatura e o perfil correspondente aos demais das Universidades portuguesas, afoito aos linguajares estabelecidos e debitante das histórias nobres da mesma Literatura de que se ocupa o «JL». Podem crer: ele leu o Homero, o Petrarca, o Camões, mas afinal, como dizia o outro, coitado, «o poeta é um fingidor»...

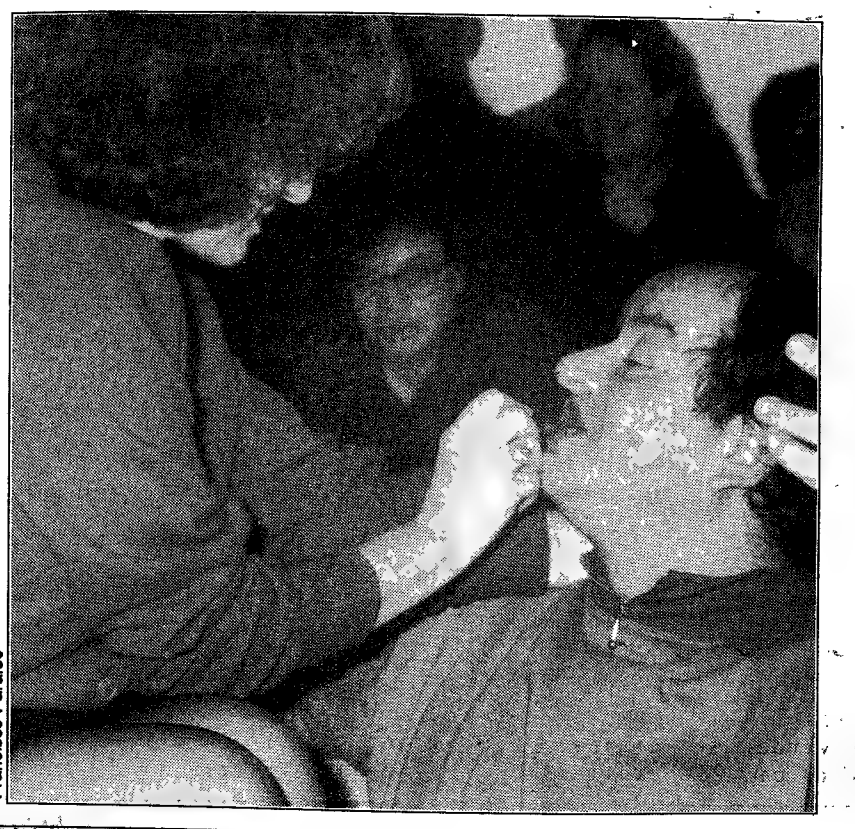
Ou seja: Alberto Pimenta não é um «operador cultural» inocente, a sua marginalidade literária é um «bluff», as referências vanguardistas que utiliza estão tão mortas ou mais quanto os poetas ancestrais que cita em menosprezo e, ainda por cima, nem sequer escreve muito bem aquilo que escreve, que até era pedir o mínimo. Não está em questão a sua pública e conhecida falta de gosto (por exemplo: qual será o alcance, a motivação, o sentido, seja o que for que disponha de conotação poética, na repetição que ocupa quase todas as páginas de «Um Enlace Feliz» - «Cagalhão do Meio Dia»?), ou a encenação, forjadíssima, de uma certa perversidade sexual (sexual?) sem objecto nem sujeito, apenas ostentada como um vício de forma. Os juízos morais não andam muito em voga, na verdade, e às tantas torna-se inútil insistir que já não há maldição na sexualidade nem é tão importante, como foi em tempos que já lá vão, manifestar que a poesia pode viver de matérias-primas menos aristocráticas ou menos românticas. Estas afirmações são sempre mal interpretadas e é errado mantê-las em terra de surdos.

Nem se pede, igualmente, a Pimenta, que seja mais coerente consigo próprio, dado que cada um tem direito às suas contradições e até às suas incoerências. Afinal, nós leitores só lemos quem escolhemos ler. Impõe-se, isso sim, que Alberto Pimenta não pretenda enganar aqueles, precisamente, que lhe acharam alguma graça ou valor. O poeta não é um autor de cordel, um Apollinaire de sarjeta: é um universitário, um literato, um pavão da semiologia textual e da síntaxe que se faz passar por aquilo que não é. Não há verdade na poesia de Alberto Pimenta, nem a sua de universitário visivelmente frustrado nem a sua (pretensa) de autor «menor».



Francisco Paraíso

Alberto Pimenta: o universitário que quer ser um «autor menor»



Francisco Paraíso

Resta a sua faceta de «performer», apesar dos equívocos que neste campo Pimenta também cultiva. Porque as «representações» que realiza uma vez por outra não consistem exactamente em performances, serão «acontecimentos» e agem pela surpresa, mas revelam-se mais como simples «sketches» de teatro. Ontem, com a ajuda de outros intervenientes, Alberto Pimenta fez-nos rir, mesmo quando tínhamos consciência de que este seu «enlace feliz» acaba por ser o teatro infeliz de si mesmo.

Rui Eduardo Paes

Grupo Académico estreia-se no mercado discográfico

Coimbra tem novos sons

José Carlos, Luís Miguel, António José, Manuel, Henrique e Jorge

«Canções d'Aqui» é um título. O título do primeiro álbum do Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra, lançado recentemente. Os dez temas que integram o «LP» reflectem «a nossa maneira de estar em Coimbra», diz Jorge Cravo, a voz e um dos compositores do grupo.

Justamente com Jorge Cravo e António José Moreira - guitarrista e compositor - conversámos há dias, aqui na redacção do DL, sobre o disco, a actividade e os projectos do Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra.

Assim, ficámos a saber que este grupo existe desde 1982 e é constituído por meia dúzia de elementos: António José Moreira e Henrique Ferrão nas guitarras, José Carlos Ribeiro, Luís Miguel Martins e Manuel Pera nas violas e Jorge Cravo na voz. Quatro são já licenciados: Jorge Cravo em História, José Carlos Ribeiro e Henrique Ferrão em Medicina, Luís Miguel Martins em Engenharia Civil; António José Moreira está no 4º ano de Física e Manuel Pera no 5º de Engenharia Civil. Não enjeitando a música tradicional de Coimbra, o Grupo Académico optou, neste seu primeiro trabalho discográfico, por composições inéditas, maioritariamente da autoria de alguns dos seus elementos: J. Cravo e A. J. Moreira. M. Porto completa o naipe das dez composições que integram o disco «Canções d'Aqui».

O Grupo - como nos disseram Jorge Cravo e António José Moreira - aposta na evolução, mas sem grandes rupturas. Pode dizer-se que a linha melódica dos fados, baladas e canções coimbrãs "está lá", nas suas novas composições, mas recusando o velho tom das letras pseudo-românticas, demasiado passadistas para o seu gosto. Por outro lado, o acompanhamento feito por duas guitarras e três violas, permite um maior diálogo entre o cantor e a parte instrumental. Alguns dos temas agora transpostos para o vinil, datam já de 1983, mas nunca tinham sido apresentados publicamente.

A qualidade é uma das - ou mesmo a maior - preocupações deste Grupo Académico de Coimbra: por essa razão eles recusam certas saídas. Segundo Jorge Cravo e António José Moreira, o grupo não tem pressa em atingir as metas que desde a fundação se propôs atingir.

No País e no estrangeiro

Para além das festas académicas onde se apresentam com natural regularidade, os seis elementos do Grupo Académico de Fados e Canções de Coimbra têm actuado praticamente por todo o território nacional e também no estrangeiro, a solicitação quer de colectividades, associações estudantis ou municipais.

No que toca a deslocações ao estrangeiro, este grupo coimbrão conta já no seu activo actuações na Jugoslávia, Alemanha, França e Espanha. Mas também fez programas televisivos, designadamente para a RTP e ainda para estações de TV em França, Holanda e Japão.

Voltando ao primeiro disco do grupo liderado por Jorge Cravo, ao fim e ao cabo o motivo nuclear destas linhas, adiantaremos que se trata de um trabalho muito sério, onde em primeiro lugar é justo destacar a dignidade com que é apresentado. Voz extraordinariamente bela a de Jorge Cravo, excelente suporte dos instrumentistas, tudo isto servido por músicas e letras que, ao não enjeitaram a tradição, antes a completam e enriquecem na medida em que souberam evoluir sem a tal ruptura desnecessária a que já nos referimos.

No lado A de «Canções d'Aqui», que começa com dois temas da autoria de Jorge Cravo (Elegia para um Choupal e Toada da Noite), podem ouvir-se depois «Formas», «Meu Fado» e «Canção de Natal», respectivamente da autoria de M. Porto/J. Cravo, J. Cravo/A.J. Moreira e M. Porto/J. Cravo.

No lado B, dois temas também da responsabilidade exclusiva de J. Cravo: «Propósito» e «Condição». Os restantes são de Cravo e Moreira (Canção para Despertar, Desencanto e Balada da Despedida - 4º Ano de História 87/88). Para quem gosta de boa música popular portuguesa. Para quem gosta das boas vozes e dos bons temas de Coimbra, eis aqui um disco que não poderemos deixar de recomendar.

Rodrigues Borges

Casa da Cultura da Língua Portuguesa forma-se no Porto

Uma nova fundação, a «Casa da Cultura Portuguesa», vai constituir-se no Porto sob a égide da UNESCO e Ministério dos Negócios Estrangeiro, revelou à agência Lusa uma fonte da Universidade do Porto.

A iniciativa partiu desta Universidade, nomeadamente do seu reitor, Alberto Amaral, apoiado pelos professores Nuno Grande, Adalberto Dias de Carvalho e Abel Mendes, estando agendada para 28 de Fevereiro a cerimónia pública da sua constituição no Círculo Universitário do Porto.

A nova fundação, sediada no Porto, tem por objectivos «a construção de um espaço de iniciativas onde as culturas dos países de língua oficial portuguesa se conjuguem pelo complexo e frutuoso jogo das suas identidades e diferenças».

A realização regular de congressos e exposições sobre a cultura e língua portuguesa, a aorganização de centros de documentação, o apoio a projectos de cooperação cultural e a edição de uma publicação para a comunicação entre as instâncias culturais dos diversos países, são outros dos objectivos da fundação.

A «Casa da Cultura de Língua Portuguesa» vai procurar igualmente criar um «colégio de estudos pós-graduados», construir uma residência para receber investigadores dos diferentes países e manter uma estreita colaboração com os departamentos governamentais e com as instituições ligadas à cooperação.

A Universidade do Porto, a comissão de coordenação da região Norte, as fundações «Oriente», «Engenheiro António de Almeida», e «Cupertino de Miranda», e o «Centro de Estudos da Cultura e Ensino dos Países de Língua Oficial Portuguesa» são as entidades subscritoras da Casa da Cultura.

B R E V E S

«IIIº Cantar José Afonso» em Setúbal

Integrado no «IIIº Cantar José Afonso», o Círculo Cultural de Setúbal organiza amanhã, às 21 e 30, no Teatro Luiza Tody, um espectáculo de homenagem a Nelson Mandela, por Titina e o Grupo Sossabe.

Também à mesma hora e no mesmo local, num espectáculo de música popular portuguesa, intitulado «cantar Zeca», actuarão quarta-feira «Disto & Daquilo», Américo Pereira e «Rui Serra e a Banda do Andarilho». Quinta-feira, e a encerrar o «IIIº Cantar José Afonso», terá lugar a actuação dos «Lucifer Fere» e «Censurados», nas instalações do Clube de Futebol «Os Sadinos», junto à Praça de Touros.

O «IIIº Cantar José Afonso», que este ano tem por tema «a luta contra o racismo e a violência da extrema direita», teve início no passado domingo com um debate sobre o racismo, pelo actor João Grosso, no Círculo Cultural de Setúbal.

Leonel Moura expõe em Coimbra

Uma exposição de Leonel Moura, patente até 16 de Março na Galeria do CAPC, marca o início do ciclo «A Arte das Ideias - As Ideias da Arte», com que o Círculo de Artes de Coimbra retoma a sua actividade expositora até ao fim do corrente ano.

Propondo-se como um desafio aos operadores estéticos dos, e para, os anos 90, integrará, além de exposições, comunicações, videos, seminários e *performances* de diversos artistas, ensaístas, pedagogos e bailarinas e coreógrafos portugueses.

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, fica na Rua Castro Matoso, 18.

Objectos saloios no Museu Municipal de Loures

«Objectos do dia-a-dia do saloio», podem ser vistos até dia 3 de Junho na sala de Etnografia do Museu Municipal de Loures.

Resultado de uma nova campanha de enriquecimento das reservas etnográficas, levada a cabo na região do Bairro e Tojalinho, a exposição demonstra o empenho do Museu Municipal, em colaboração com a comunidade, na realização do levantamento e estudo de materiais que permitam reconstruir o quotidiano perdido no concelho de Loures.

Beuys & Girls: exposição de arte postal

A Galeria Monumental, a do Campo dos Mártires da Pátria, prepara uma exposição de arte postal, de ambições universalistas, a partir nada mais nada menos que de Joseph Beuys.

Para o tema "Beuys & Girls", serão admitidos todos os trabalhos sem qualquer condicionalismo de suporte ou dimensão, desde que recebidos no Apartado 21256 - 1131 Lisboa Codex, até ao dia 28.

Recordando Beuys, "isto quer dizer que a ideia de criatividade não pode ser apenas um slogan ou um piedoso desejo".

Fica o alerta para possíveis interessados, e o «DL» voltará ao assunto logo que disponha de mais elementos. Porque sabe-se apenas que os organizadores prometem expor tudo, mas não farão devoluções de trabalhos.

Anthony Quinn saíu do Hospital

O actor Anthony Quinn teve alta este fim-de-semana do Hospital nova-iorquino de Mount Sinai depois de ter sido operado ao coração no passado dia 8, foi hoje anunciado. Quinn, de 74 anos, recuperou «muito bem» da operação e terá agora de passar uma ou duas semanas de repouso na sua casa de Nova Iorque. Os médicos afirmam que o actor poderá regressar no futuro à sua actividade, embora Anthony Quinn não tenha planos imediatos de o fazer.

SERRA DA ESTRELA

Excursão dias 3 e 4 de Março c/partida de Lisboa.
Marcações pelo tel. 988 58 68.

Com um novo filme já com título e projecto, João César Monteiro está preocupado com as intenções do secretário de Estado da Cultura. Se os custos se inflacionam - diz - é o fim do cinema português: «é preciso que sejam tão baixos que não comportem o preço de um polícia»

Mais vale prevenir do que remediar

«Recordações da Casa Amarela» continua o seu périplo pelo Mundo, guiado pela estrelinha do Leão de Prata de Veneza e pelo prestígio do cinema português no estrangeiro. Em breve o filme de João César Monteiro irá até Nova Iorque e S. Francisco, até Singapura e Capetown.

Há pouco passou nos festivais não competitivos de Gotemburgo e Roterdão. Com êxito, pelo menos é o que se deduz do relato do cineasta. Na Suécia o filme foi exibido numa sala de 700 lugares, esgotada, e na Holanda correu doze vezes, com salas bastante cheias. César em Gotemburgo apresentou o filme e foi entrevistado na TV, em Roterdão teve a alegria de rever Iosseliani (fazem anos no mesmo dia) e de receber do seu confrade Jean-Marie Straub um ramo de túlipas («tinham-lhe dito que o filme era uma comédia sexual e ele ia um bocadinho de pé atrás»). Regressado a Lisboa, João César Monteiro contou-nos isto e disse do presente e do futuro. Mais do que uma entrevista, foi uma conversa, um destes dias na esplanada do Príncipe Real. Assim.

- Quantos espectadores fez o teu filme por cá?

- Uns 40 mil, mas ainda está a fazer. É bom, mas a minha atitude é sempre a mesma: nas tintas para o público.

- Nas tintas, mas dá-te gozo...

- Dá-me um certo gozo porque é cada vez mais difícil desembaraçarem-se de mim. Mas, por outro lado, é-me cada vez mais difícil fazer aquilo que quero.

- Como é isso?

- É que há sempre uns tipos (os mesmos de sempre...) que têm ideias muito precisas sobre os filmes que os outros devem fazer. Às vezes para não pensarem naquilo que eles próprios deviam fazer.

- Explica lá isso.

- Não explico. Estou a ser sibilino. Refiro-me aos amigos, os que têm o poder e sempre o tiveram.

- É que te dão conselhos...

- Pois. Só não entendo é como se pode ser simultaneamente conselheiro do dr. Santana Lopes e do sr. César Monteiro. É que não rende... nem a receptividade é a mesma.

- E tu não estás interessado...

- Não, não estou. Não estou nada interessado em que fechem ou desfigurem o cinema português, nem que este secretário de Estado tenha a veleidade de reeditar aquilo que o dr. Lucas Pires fez em 1981.

- E que foi...

- Fechou o cinema durante dois anos com aquela história sinistra que o que era importante era fazer filmes para Bragança. O dr. Lucas Pires e os seus conselheiros cinematográficos foram ao ponto de anular um plano de produção já aprovado (eu não era concorrente...), o que prejudicou a vida de alguns colegas meus.

- Estás a dizer isso porquê? Sabes das intenções do novo secretário de Estado?

- Não faço ideia. Mas também ninguém estava à espera que caísse o tecto da sala do capítulo dos Jerónimos. Acho que foi bom que caísse, porque isso vai ocupar o dr. Santana Lopes durante um ano. Digo isto a título de providência cautelar. Desejo que não se passe nada, mas antes prevenir do que remediar. Também não estou a armar em Cassandra que prevê catástrofes. Estou é a dizer que, tanto quanto nos for possível, tentaremos não ser apanhados desprevenidos.

- Contra quê?

- Sabemos que ao longo destes anos tem havido várias veleidades de destruir um edifício que tem sido pacientemente elaborado por alguns de nós. Quando digo «alguns» não acho que sou generoso, mas acho que estou a ser verdadeiro. Há um tipo italiano chamado Tonino de Bernardi...

- Não conheço.

- É um italiano que faz filmes e que tem um argumento original de Pasolini para fazer, «O Pai Selvagem». Com 50 e tal anos, tem o futuro cinematográfico nas mãos do Joaquim Pinto, porque as portas restantes estão todas fechadas. Até o Straub pediu ao Joaquim Pinto para ver se arranja algum na Gulbenkian. O que toda a gente diz lá fora é que a chamada Europa está cada vez pior para um certo tipo de cinema e que, apesar de tudo, Portugal é provavelmente o único sítio do Mundo onde ainda se podem fazer coisas desde que com poucos custos. Se este secretário de Estado inflacionar os custos a níveis europeus, isso significa o fim do cinema português.

- O Nicholas Ray perguntou um dia a Buñuel porque é que ele fazia filmes tão baratos. O Buñuel respondeu-lhe: «É porque quero ser livre». É por isso que dizes que a inflação dos custos significa o fim do cinema português?

- É porque é preciso que os custos sejam de tal forma baixos que não comportem o preço de um polícia... A partir de um certo nível é o dinheiro que comanda. Esta atitude não é nova. O paradigma disto é um sr. chamado Rossellini que fez sempre filmes com custos baixos.

- Com mais dinheiro pode surgir a mediania?

- Claro. E a mediania é o que as televisões produzem.

- Bom, César, e agora, qual é o próximo filme?

- Estou a preparar «A Comédia de Deus ou O Pintelho da Rainha Vitória».

- Bom, sem entrar em pormenores, que filme é esse?

- É uma pequena história, continuação das desventuras do sr. João de Deus, um personagem que estamos a tentar recompor e retomar de filme para filme guiados por modelos os mais ilustres e, uma vez mais, Charles Chaplin.

- Que tinhas a ver com Chaplin nunca ninguém topou...

- Excepto o sr. David Robinson, crítico do «Times» e a maior autoridade em Chaplin. Ele topou isso e por acaso estava no júri do Festival de Veneza, o que só me trouxe benefícios.

- Já meteste o projecto no IPC?

- Não. Tenho um produtor que trata desses assuntos.

- E que é...?

- O sr. Paulo Branco, que até agora tem sido impecável comigo.

- Porque é que ele não te passa «À Flor do Mar» no Picoas, que tem um público tão jovem?

- Volta a haver, de facto, um público muito jovem (sobretudo estudantes), que enche os cinemas. No Festival de Gotemburgo até vinham de Estocolmo (já não digo da Lapónia), para ver os filmes. E há também gente nova no cinema que vai tentando não se prostituir, e que sabe que onde há muito dinheiro é ele que comanda tudo. Aqui é ainda cedo para falar nisso, mas na Europa é preciso ter um grande estofo moral para resistir a um certo clima de envenenamento. Iosseliani, na conferência de Imprensa do Festival de Roterdão, a primeira coisa que disse foi «eu não me prostituí». Aqui ainda não tivemos necessidade de declarar isso em público.

- E há gente nas mesmas condições por esse mundo fora.

- Há, de facto, duas ou três dezenas de bons cineastas espalhados pelo Mundo, desde Taiwain até Tibliss, passando quiçá por Lisboa, o Canadá e mesmo a América (estou-me a lembrar de Cronenberg e de Robert Kramer, por exemplo). É esse cinema que a mim me interessa e não outro qualquer, nem essa coisa artificial que é o cinema europeu. Europeu? Então e os africanos? E nós, somos europeus de que lado? Nós a única coisa que temos virado para a Europa é o cu.

- Esse cinema que te interessa circula muito pouco.

- Não circula, mas não significa que não tenha público. Ponham-no a circular e ver-se-á.

- Aqui...

- Aqui, o monopólio de exibição é quase exclusivamente norte-americano. Mas, mesmo no cinema americano há dois filmes por ano que dão dinheiro. O resto é menos competitivo que o nosso. A maior parte dos produtos americanos dão prejuízo, com excepção dos «tops».

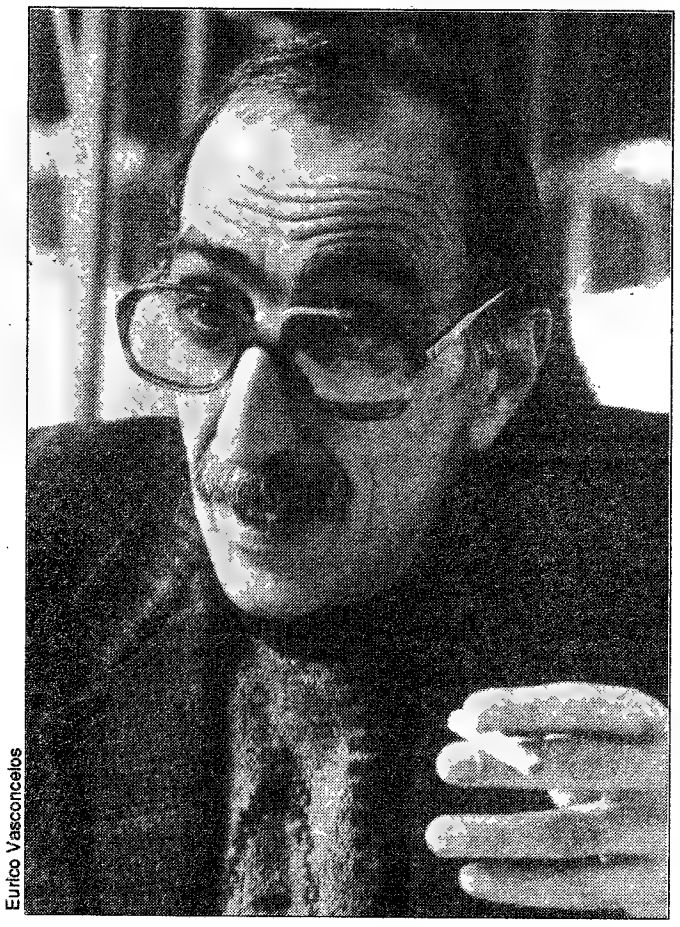
- Falámos do monopólio de exibição por cá, mas há o Picoas.

- Há o Picoas, agora, mas são duas salas. Durante o ano não dá vazão. E o Paulo Branco também não está muito interessado em que aquilo se transforme no gueto do cinema português. Tem necessidade de mais salas. Ele diz que não se pode ainda dar ao luxo de passar o Straub. Com o sucesso do meu filme e, a seguir, com o do Mário Grilo, que à partida não apontavam para estadas tão grandes em cartaz, há filmes na prateleira. Com duas salas, quanto mais os filmes pegarem menos se podem passar.

- Isto a propósito do «À Flor do Mar»?

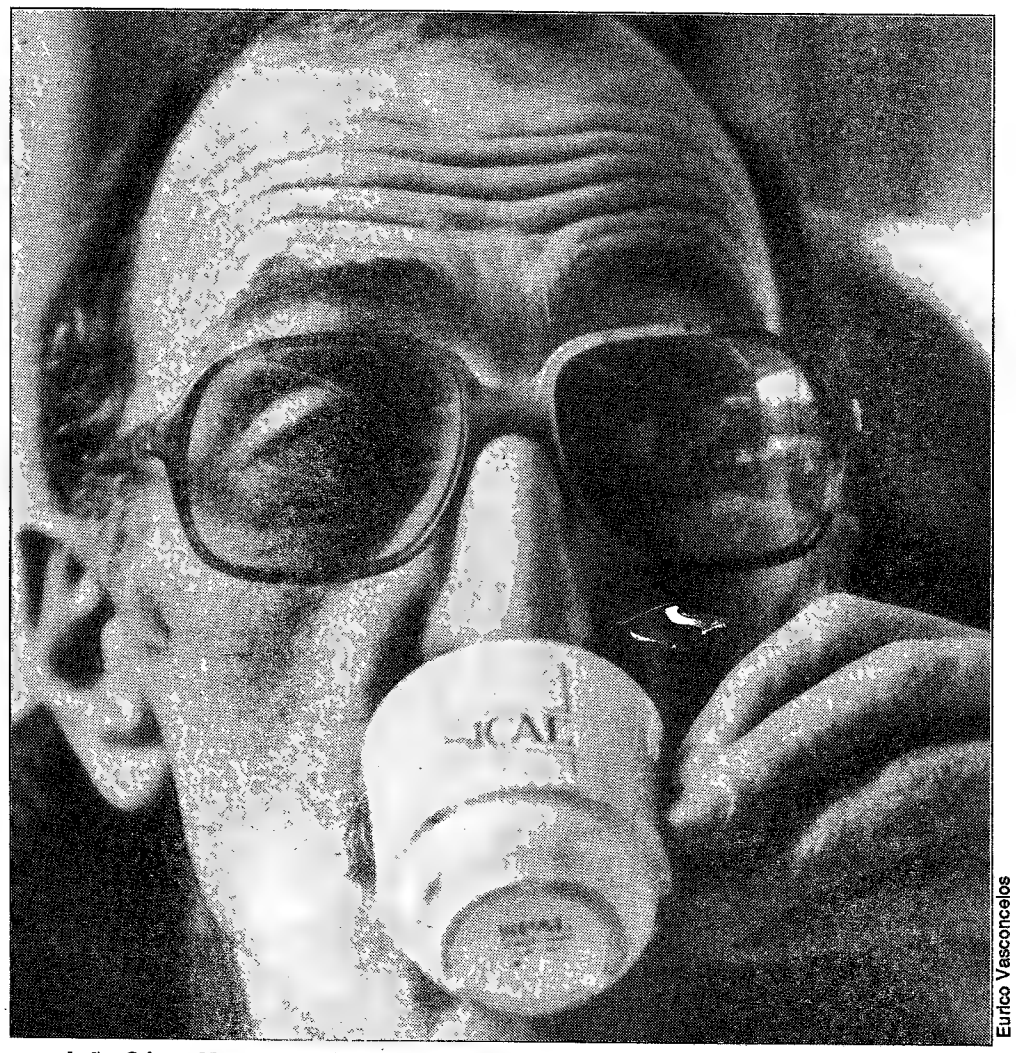
- Também.

Rodrigues da Silva



Eurico Vasconcelos

João César Monteiro: «Portugal é provavelmente o único sítio do Mundo onde ainda se podem fazer coisas, desde que com poucos custos»



Eurico Vasconcelos

João César Monteiro: «A partir de um certo nível é o dinheiro que comanda»

Não é assim tão frequente assistirmos à passagem do 10º aniversário de uma galeria de arte. Mas se o facto só por si já constitui notícia, assume outras proporções quando, para o assinalar, a Leo mostra um conjunto de obras de exposições ali realizadas que, simultaneamente, retrospectivam uma década da produção artística portuguesa

Inventário lúdico

Mário Botas, *Leo*, tinta-da-china sobre papel, 1980

Não foi por acaso que António Vieira de Castro, director da aniversariante, escolheu um pequeníssimo desenho a tinta-da-china sobre papel, de Mário Botas, para capa do *inventário* de «Dez anos de actividade» da pequena galeria da Travessa da Queimada (ao Bairro Alto).

Se o pintor de poetas (ou melhor, de heterónimos) foi um dos principais responsáveis pela sua concretização (recaindo sobre o seu trabalho a responsabilidade de inaugurar o novo espaço expositivo), coube-lhe ainda a capacidade de retratar de forma emblemática esse desejo.

Consequência de uma disponibilidade e interrogação colectivas, na dinâmica e voluntariedade do arquétipo Leão (leo) foi encontrado o nome e orientação que tem definido uma actividade hoje referênciada como a principal responsável pela divulgação (e afirmação) da nova escultura, e também a de pequeno formato ou de parede.

Não sendo um exclusivo dos novos artistas (naturalmente as gerações finalistas de 70, da ESBAL e também da ESBAP), foram sobretudo esses que fizeram a Galeria Leo, que neles se encontrou. Referimo-nos a José Pedro Croft e Rui Chafes, sem esquecer a pintura objectual, ou escultura de papel já então desenvolvida por Luís Camacho, exemplos infelizmente omissos, tendo António Vieira de Castro optado por mostrar pintura-pintura deste artista.

Percorrendo atentamente a exposição «10 anos de actividade da Galeria Leo», não deixa de surpreender que seja o professor jubilado da ESBAL, Lagoa Henriques, o terceiro artista inventariado, com uma *assemblage* (alumínio e calcário), precisamente de 1980. Surpreendem menos os nomes de Isabel Meyrelles (*sem título*, 1984, barro cozido para uma peça a partir de um desenho de Cruzeiro Seixas), João Bento d'Almeida (*Casa Malcriada*, 1985, calcário e metal) e João Cutileiro (*O Artesão Negro*, 1978, ruivina e Estremoz corrente) para exposições de 1984, 85 e 86, respectivamente.

Surgida na ressaca da vaga de *performances* que, no final dos anos 70, estigmatizou quase todos os artistas portugueses de vanguarda, estranha-se que três artistas do Porto (provavelmente) só na Leo tenham encontrado condições para a realização, em Lisboa, de instalações que, (e disso não temos a menor dúvida) em nada se assemelhariam à contundência das ali realizadas antes de se tornar espaço público.

Assim, na exposição «10 anos de actividade da Galeria Leo», faculta-se documentação relativa às instalações de Gerardo Burmester (*Portugal é um país bem porreirinho*, 1984), Silvestre Pestana (*Bio-virtual*, video, 1985) e Rui Chafes (*Pássaro ofendido*, 1986).

Se aqui somos confrontados com o carácter para-museológico desta exposição não comercial, o acrílico sobre cartão, assinado Escada/Calhau, de 1972, reafirma-o definitivamente.

Chegados a 1988/89 (recorde-se que esta exposição é uma «selecção de obras significativas de algumas exposições que durante dez anos se efectuaram nesta galeria»), sente-se um nítido abrandamento de intervenção que, as recentes mostras de Alberto José Caetano (*Aurum*, Dezembro de 89) e Tomás Féria (*Perante a paisagem, todas as paisagens*, 1990) podem muito bem ser o (em nossa opinião, desejável) reencontro da Galeria Leo com o leão.

Jorge Fallorca

B R E V E S

Trienal de Arquitectura

As gralhas é isso que têm: tornam os textos incompreensíveis, subvertem-lhes o sentido, às vezes fazem os jornalistas passar por gagos da escrita. Ontem, na reportagem sobre a Trienal de Arquitectura de Sintra, mesmo no final, o que deveria lá estar e se escreveu foi isto: "Os especuladores especulam, os arquitectos arquitectam, os habitantes habitam (ou não habitam)". Saiu outra coisa, que não se recorda. Já basta ter saído uma vez... As nossas desculpas, com a impossível promessa de que não se repetirá.

Amália dia 2 em S.Carlos

Ao fim de meio século de actividade artística, e depois de ter pisado diversos palcos nacionais e internacionais, Amália Rodrigues vai actuar, pela primeira vez, no Teatro S. Carlos, rompendo assim com a barreira que o separa da chamada música ligeira. Trata-se de um espectáculo de gala, promovido pelo Banco Comercial Português, e que se realiza no próximo dia 2 de Março, às 21 e 30, segundo confirmou esta manhã o DL junto do agente artístico da fadista. Entretanto, está previsto para Novembro, o regresso de Amália Rodrigues a Madrid, onde se apresentará num espectáculo, dirigido por Pedro Almodóvar.

Impressionado com o registo dramático que define a artista, o próprio cineasta ofereceu a sua colaboração a Amália, que a aceitou.

Amália, segundo Almodóvar, possui "duende"...

Amália vai a Madrid

Stevie Wonder: digressão em África

O cantor norte-americano Stevie Wonder participa, em Abril, no décimo aniversário da independência do Zimbabwe, com três concertos em Harare.

Frank Cooley, promotor da iniciativa, disse que as receitas dos espectáculos se destinam a apoiar financeiramente as organizações humanitárias em África.

Os três concertos, marcados para os dias 14, 18 e 20, serão transmitidos directamente pela televisão, via satélite, para os Estados Unidos, países europeus, emirados árabes e alguns estados africanos.

Depois do Zimbabwe, Steve Wonder segue para o Quénia, Ghana, Senegal, Guiné, Zambia, Nigéria, Tanzania, Etiópia, Botswana e Namíbia.

Paul McCartney: concerto no Brasil

Paul McCartney marcou dois concertos, para os dias 19 e 21 de Abril, no estádio do Maracá, no Rio de Janeiro, com uma capacidade conjunta de 300 mil pessoas.

Trata-se da primeira vez que um ex-Beatle canta no Brasil, um dos países onde o grupo de Liverpool teve e tem uma das maiores falanges de apoio. Se os dois concertos esgotarem, trata-se dos maiores espectáculos de sempre no Brasil. Anteriormente, só Tina Turner tinha conseguido encher o Maracaná, o que lhe valeu uma menção no «Guinness Book».

Os concertos brasileiros de Paul McCartney inserem-se na segunda parte da sua digressão mundial que compreende 26 concertos nos Estados Unidos, Japão e Brasil, para uma audiência total estimada em um milhão de pessoas.

Esta segunda parte iniciou-se no dia 1 de Fevereiro, em Detroit, e compreende uma participação dia 21, em Los Angeles, na entrega dos «Grammys» (Paul McCartney receberá um «vitalício») e seis concertos em Tóquio (dias 3, 5, 7, 9, 11 e 13), terminando dia 21 de Abril, no estádio do Maracaná, no Rio de Janeiro.

«A Magia da Idade»

A medicina perante o envelhecimento

Não é fácil escrever sobre um livro como este, tão arredado tematicamente dos assuntos a que nos temos dedicado. Há, no entanto, várias razões para não deixar que o silêncio envolva esta obra dee Pascoal Montezuma de Carvalho, médico em Coimbra, filho de um dos maiores (e também dos mais injustamente esquecidos) vultos da cultura portuguesa contemporânea, o prof. Joaquim de Carvalho.

A Magia da Idade é um título sugestivo e até poético, mas, verdadeiramente, é o subtítulo que nos introduz na temática desenvolvida nas 391 páginas do livro: «Reflexão Médico-Sociológica sobre o Envelhecimento».

Estamos, por conseguinte, perante um ensaio de uma actualidade indesmentível, que aborda, não apenas o problema biológico e psicológico do envelhecimento, mas ainda o do próprio estatuto social da velhice, ou mais precisamente do velho, através da história. Ou seja: ao mesmo tempo que prova que a capacidade criadora e criativa do velho é extraordinariamente superior àquela que a sociedade actual lhe reconhece, o autor demonstra que o estatuto social do velho sofreu constantes alterações ao longo dos séculos, não sendo uma inevitabilidade histórica o actual estado de degradação desse estatuto, fruto de uma concepção exageradamente utilitária da existência.

Este ensaio procura preparar-nos, por outro lado, para um tempo, já começado a ser vivido nas sociedades mais desenvolvidas economicamente, em que o peso demográfico do velho será determinante: «No futuro muito próximo, ser centenário não é mais um esquecimento de Deus, é antes uma realidade em que toda a sociedade tem que dar as mãos, desde a científica à médica, passando pela estatal, e acabando no homem comum. Terá que haver toda uma interajuda para que a velhice valha a pena ser vivida. O século XXI vai entrar como o do rejuvenescimento. Preparemo-nos para ele.»

António Apolonário Lourenço

Pascoal Montezuma de Carvalho
***A Magia da Idade*/Reflexão Médico-Sociológica sobre o Envelhecimento**
Edição do Autor
Coimbra/1989

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

O DOUTOR JORGE RAMOS SILVA, Mm.º Juiz de Direito do 2.º Juízo do Tribunal Judicial de Sintra

Faz saber que, dos autos de processo correccional n.º 2456/88, que correram seus termos pela 1.ª secção deste 2.º Juízo, nos quais é autor o Ministério Público, sendo assistente Cesário de Aguiar Constança Custódio e réu ANTÓNIO MANUEL DUARTE PECHILGA, residente na Estrada da Ericeira, Lote 16, em Lourel, dos mesmos consta a sentença de que se transcreve a sua parte dispositiva... «10. Com tais fundamentos julgo, pois, procedente, por provada, nos termos expostos, a douta acusação do assistente — com a qual, aliás, o Ministério Público concordou — e, em consequência, condeno o réu ANTÓNIO MANUEL DUARTE PECHILGA, como autor material de um crime de injúrias previsto e punido pelo artigo 165.º do Código Penal, na pena de dois (2) meses de prisão (que, nos termos do art.º 43.º, n.º 1, do Código Penal, substituo por igual tempo de multa, à razão de 1 000$00 por dia, ou 40 dias de prisão em alternativa dessa multa) e em vinte e quatro (24) dias de multa à mesma taxa diária, ou seja, na multa única de oitenta e quatro (84) dias, à taxa de 1 000$00 (mil escudos) por dia, ou cinquenta e seis (56) dias de prisão em alternativa — tudo nos termos do art.º 46.º e 43.º, n.º 2, do Código Penal.
11. Pagará o Réu, ao Estado, a título de taxa de Justiça. Esc. 20 000$00, bem como as custas do processo, com 3 000$00 de procuradoria e igual quantia de honorários a favor da sua ilustre defensora oficiosa (art.ºs 171.º, n.º 1, 173º, n.º 184.º, alínea C), e 195, n.ºs 1, al. a), e 2, do C.C.J.; 16.º do Decreto-Lei n.º 49 213, de 29/8/69; 2.º do Decreto-Lei n.º 366/80, de 10 de Set.º e Decreto-Lei n.º 223/83, de 27 de Maio).
12. Pagará o réu ao assistente ofendido, a título de reparação pelos danos não patrimoniais que sofreu, a quantia de Escs. 30 000$00 (trinta mil escudos — (art.ºs 128.º do Código Penal; 34, § 2.º, do Cód. Proc. Penal de 1929; e 483, 496 e 562 e segs. do Código Civil).
13. Nos termos do art.º 175, n.ºs 1, 2 e 4, do Código Penal, e porque o assistente ofendido o requereu, ordeno se dê da condenação do Réu conhecimento Público, à custa dele.
14. Boletim ao Registo Criminal.» Sintra 6 de Outubro de 1988 (a) Jorge Ramos Silva.

Para constar, se passou o presente, que vai ser devidamente assinado.

Sintra, 6 de Fevereiro de 1989
O Juiz de Direito,
(Jorge Ramos Silva)
O Escrivão de Direito,
(Manuel Carlos Pereira Pedro)

DESPORTO

Cavaco recebeu dirigentes da FPF

A realização em Portugal do próximo Campeonato do Mundo de futebol, na categoria de sub-19, foi um dos assuntos abordados na audiência de 45 minutos que o Primeiro-Ministro concedeu à direcção da Federação Portuguesa de Futebol.

«*Viemos sensibilizar o Primeiro-Ministro para os custos que comportam a organização de um Campeonato do Mundo de futebol e para a instalação do Comité Executivo*« — disse João Rodrigues, presidente da FPF, no final da reunião.

Para aquele dirigente, Cavaco Silva mostrou-se empenhado em resolver as dificuldades financeiras da Federação Portuguesa de Futebol para o mundial de sub-19, prometendo para breve a apresentação de uma resposta concreta.

Além da realização, em Portugal, do Campeonato do Mundo de sub-19, a Federação Portuguesa de Futebol levou até Cavaco Silva problemas que se relacionam com o policiamento dos estádios e com a recuperação das verbas do totoloto.

Amadora em Braga sob protesto

O Estrela da Amadora vai defrontar o Braga sob protesto, amanhã às 20 horas, no jogo de desempate correspondente à quarta eliminatória da Taça de Portugal, informou uma fonte do clube.

A Federação Portuguesa de Futebol não acedeu ao pedido dos dois clubes para a realização do encontro a 27 de Fevereiro, dia em que se disputa a quinta elimintória da Taça e em que o vencedor do jogo deverá defrontar o Marco.

BREVES

Estatuto perdido: Um decreto-lei assinado pelo Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, retira à Federação Portuguesa de Motociclismo o estatuto de «utilidade pública».

Este despacho governamental baseia-se em parecer da Procuradoria-Geral da República, segundo o qual «a Federação Portuguesa de Motociclismo se vem regendo por estatutos ilegais».

Neste momento, o Ministério Público já instaurou um processo judicial tendente a obter a declaração de nulidade dos estatutos e consequente extinção da FPM.

Toda essa situação resulta da recente auditoria mandada efectuar pela Direcção-Geral dos Desportos às contas da Federação Portuguesa de Motociclismo, que terá apurado uma brecha financeira de aproximadamente 50 mil contos.

Óbito: O antigo ciclista Joaquim Fernandes, faleceu ao princípio da madrugada de hoje no Hospital do Barreiro. O antigo atleta que tinha 78 anos e era natural de Coina, ganhou a Volta a Portugal em 1939, pela equipa da CUF do Barreiro, batendo as «estrelas» do ciclismo português naquela época, José Maria Nicolau (Benfica) e Alfredo Trindade (Sporting).

Na volta de 1939, que teve 30 etapas e 2617 quilómetros, participaram 43 ciclistas, tendo desistido 21. O vencedor ganhou com a média de 30,522km/hora, e por equipas o triunfo pertenceu ao Benfica.

O funeral de Joaquim Fernandes realiza-se amanhã, da Igreja Paroquial de Coina para o Cemitério de Santo António da Charneca.

JOSÉ DO ROSÁRIO SPENCER

FALECEU

Francisco de Paula Spencer e sua mulher, José da Purificação Santos Spencer e filhos, João dos Santos Spencer e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas, saindo da Igreja de Santos-o-Velho para o Cemitério da Ajuda. Às 10.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

Agência Mágno — Tel. 534167

Atletismo

Queda de recordes em Braga

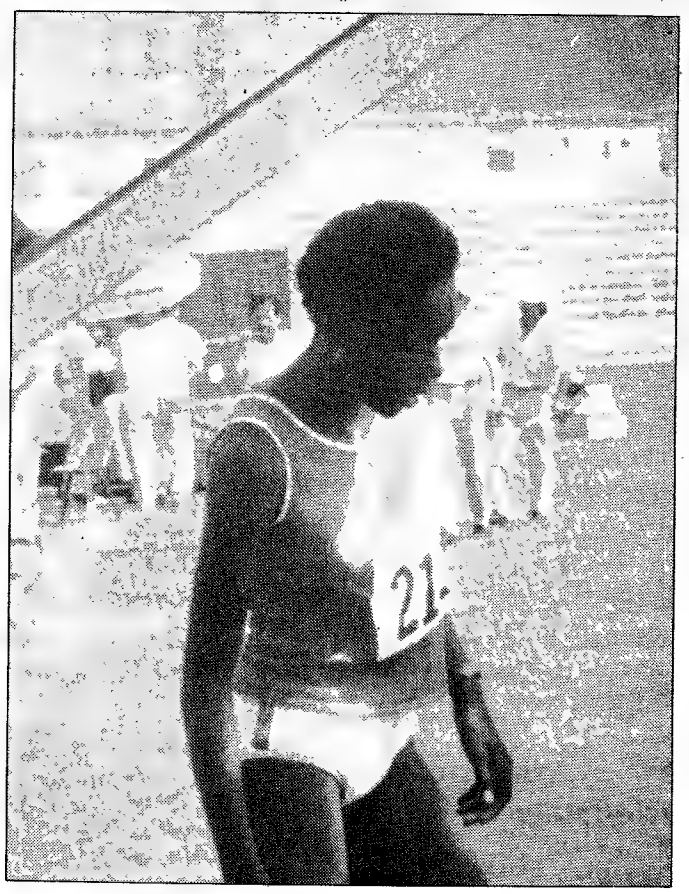
Seis recordes nacionais absolutos e dois de juniores constituíram balanço positivo dos campeonatos de Portugal que se disputaram na pista coberta (única que existe no nosso país) de Braga.

Figuras preponderantes dos campeonatos: Lucrécia Jardim (duas vitórias e um recorde nos 200 metros), Elsa Amaral (recorde dos 800 m), Ana Oliveira (que saltou mais além), Emília Tavares (a melhor nas barreiras), Isilda Gonçalves (sem concorrência nos 3000 metros marcha), Pedro Palma (5 metros com vara) e quanto aos juniores realce para João Lobo (800 metros) e Mário Aníbal (a pular mais alto). Os novos campeões nacionais de pista coberto são:

60 m — Arnaldo Abrantes (individual), 6,94 e Lucrécia Jardim (SLB), 7,48.

200 m — Luís Cunha (SLB), 21,70 e Lucrécia Jardim (SLB), 24,40 — recorde de Portugal.

400 m — Pedro Curvelo (SLB), 48,47 e Elsa Amaral (FCP), 54,87 — recorde de Portugal.



Lucrécia Jardim: a moreninha do Benfica foi figura de proa com duas vitórias e um recorde

800 m — António Abrantes (SLB), 1.50,97 e Elsa Amaral (FCP), 2.09,96.

1500 m — António Monteiro (SCP), 3.46,57 e Mariana Bastos (Casa do Benfica do Porto), 4.25,06.

3000 m — Mário Silva (Braga), 8.12,04 e Helena Lobo (Braga), 9.38,74.

Comprimento — António Veiga (individual), 7,22 e Ana Oliveira (individual), 7,22 e Ana Oliveira (individual), 6,28 — recorde de Portugal.

Altura — Mário Aníbal (SLB), 2,10 — recorde de Portugal e Graça Borges (SLB), 1,71.

Triplo — Paulo Palma (SCP), 15,08.

Vara — Pedro Palma (SLB), 5,00 — recorde de Portugal.

Peso — Fernando Alves (SLB), 16,61 e Teresa Machado (SCP), 15,97.

60 bar. — João Lima (SCP), 8,20 e Emília Tavares (individual), 8,58 na meia-final — recorde de Portugal.

5000 m marcha — Hélder Reis (Imortal), 20.12,24.

3000 m marcha — Isilda Gonçalves (União do Montijo), 14.28,96 — recorde de Portugal.

Árbitro preso ao intervalo

Julgamento de Cinfães adiado por uma semana

A insólita detenção do árbitro (Armando Portulês) do encontro Cinfães-Paredes (quando decorria o intervalo) teve ontem mais um episódio com presença no Tribunal de Cinfães, acompanhado pelo seu advogado (Lourenço Pinto que também exerce as funções de presidente do Conselho de Arbitragem). O árbitro de Coimbra viu-se acompanhado por elevado número de colegas e de dirigentes, nomeadamente da APAF, Associação Portuguesa de Árbitos de Futebol e o julgamento ficou adiado para a próxima segunda-feira por decisão da juiz Ana Paula Portela que resolveu atender o pedido do dr. Lourenço Pinto, por forma a permitir a organização da defesa.

Alvalade visitado por «amigos do alheio»

Os jogadores do Sporting, Litos, Sérgio e Portela foram «aliviados» de alguns valores que guardavam nas instalações do clube, mercê da visita que foi feita por um qualquer coleccionador de «bens alheios». Os furtos, de que foram vítimas alguns dos jogadores que não se deslocaram ao Funchal para defrontar o Nacional, foram comunicados à Polícia Judiciária.

Barcínio Pinto vai demitir-se

Barcínio Pinto, que há alguns anos vem desempenhando o lugar de chefe do departamento de futebol de «Os Belenenses», anunciou o propósito de apresentar o pedido de demissão alegando estar a ser vítima de «*incompreensão e alguns ultrajes*». Recorde-se que Barcínio Pinto está directamente ligado ao recente «caso-Macaé» e os associados, que não esqueceram «falhas» anteriormente cometidas pelo departamento de futebol, certamente que não lhe perdoam que o clube venha a perder na secretaria.

Entretanto, circulam notícias de que Barcínio Pinto poderá vir a ser indigitado para presidir ao executivo da Associação de Futebol de Lisboa, organismo que abandonou para ingressar no seu clube, tendo exercido as funções de vice-presidente da direcção.

Distúrbios e violência

A polícia iraniana prendeu 30 pessoas que protestavam pelo adiamento de um encontro de futebol da fase final do campeonato nacional, no Estádio Shiroudi, em Teerão.

Os adeptos iranianos, que não foram avisados com antecedência da suspensão do jogo, mostraram a sua insatisfação com o lançamento de pedras à fachada do estádio, enquanto gritavam «slogans» contra os membros da Federação de Futebol do seu país.

O director da federação, Hassan Aminbarksh, assegurou que a partida teve de ser suspensa porque o relvado estava coberto por um lençol de água devido às fortes chuvadas que caíram na capital iraniana.

BELFAST: Quinze adeptos de futebol e 48 polícias ficaram feridos nos confrontos registados em Belfast, durante um jogo entre duas equipa locais.

A polícia disparou balas de borracha para dispersar os adeptos das duas equipas (Linfield, protestantes, e Donegal, católicos) que se envolveram em confrontos nas ruas perto do Estádio de Windsor Park, onde decorreu o jogo, tendo incendiado vários autocarros.

Morreu Pinheiro Machado

Morreu ontem em Lisboa, Justino Pinheiro Machado, antigo presidente da Federação Portuguesa de Futebol. O extinto contava 88 anos e possuía o cartão n.º 86 de associado do Sport Lisboa e Benfica, onde se filiara no ano de 1923. Pinheiro Machado foi um homem que sempre se distinguiu pela coerência, educação, culto da respeitabilidade e primores de elegância, no desempenho de diversos cargos, quer no clube da sua afeição quer nos diferentes organismos desportivos ligados ao futebol, basquetebol, andebol e hóquei em campo.

O funeral realiza-se hoje pelas 15 horas, da Igreja dos Anjos para o Cemitério da Amadora.

Outro benfiquista que desaparece

À hora de encerrarmos esta edição, recebemos a notícia de que faleceu hoje o antigo dirigente do Sport Lisboa e Benfica, Paiva das Neves. Outro benfiquista que sempre pautou a sua conduta pelo rigor de comportamento e pelo aprumo no relacionamento. Serviu o Benfica em diversos cargos e, pelo mérito da sua acção, lealdade e dedicação, foi galardoado com as insígnias devidas aos dirigentes de «corpo inteiro».

Lendl e Becker mantêm duelo

Becker ganhou na Bélgica e Lendl respondeu com vitória na Austrália. A luta pelo primeiro lugar no «ranking» mundial é disputadíssima entre os dois campeões

Ivan Lendl e Boris Becker continuam numa luta verdadeiramente titânica pela posse da primeira posição do «ranking» mundial, com nenhum dos dois a querer ceder neste começo de temporada. O jovem alemão-federal, sempre à espreita de uma escorregadela do checoslovaco, conquistou no passado domingo os Campeonatos da Bélgica em recinto fechado, que se disputaram em Bruxelas. Mas Lendl manisfesta uma saúde férrea, não verga um milímetro, e respondeu com o título do Open do Canadá, também decorrido na passada semana. É certo que os dois primeiros classificados da tabela ATP não passearam a sua classe pelas provas em que saíram vitoriosos, e receberam mesmo oposição digna de monta mas, nos momentos decisivos, Lendl e Becker revelam a fibra que distingue os verdadeiros campeões da restante concorrência.

Dos dois Championship Series (a categoria mais elevada do ATP Tour, o novo circuito profissional masculino), o de Toronto era, indiscutivelmente, o mais importante, distribuindo prémios monetários no valor de um milhão e 200 mil dólares, exactamente o dobro do «prize-money» oferecido em Bruxelas.

Por esta razão, foi o «open» canadiano a prova preferida pela maioria dos artistas das raquetas, ao mesmo tempo que aproveitaram a proximidade geográfica, por serem quase todos residentes nos Estados Unidos, incluindo o número um mundial.

Que torneio não gostaria de contar com vedetas como Ivan Lendl (n.º 1 ATP), Brad Gilbert (5.º), John McEnroe (4.º), Aaron Krickstein (8.º), Jay Berger (10.º), Tim Mayotte (12.º), Kevin Curren (22.º), Jim Courier (21.º), Andrez Gomes (18.º), e Jaime Yzaga (26.º), estes dois últimos confirmados no Estoril Open do próximo mês de Abril?

Esta parada de estrelas permitiu aos espectadores (mais de cem mil numa semana) que afluíram ao Sky Dome, assistir a brilhantes espectáculos tenísticos, dos quais são de destacar as meias-finais, onde Lendl bateu McEnroe por 6-3 e 6-2, e Mayotte desfez-se de Gilbert por 6-3 e 7-6 (8/6).

Um Lendl-McEnroe constitui já um daqueles clássicos que ficam para a história da modalidade, entre dois rivais desde os tempos de juniores. Este foi o 33.º confronto entre ambos, e o «mano a mano» apresenta-se equilibrado, com 18 triunfos para o checoslovaco e 15 para o norte-americano. Contudo, nos últimos tempos regista-se uma superioridade nítida do terrível Ivan, que leva sete vitórias nos últimos oito embates. O êxito de «Big Mac» sucedeu o ano passado no, entretanto extinto, torneio de Dallas. A desfeita, pelos parciais de 6-3 e 6-2, revelou-se talvez demasiado pesada para um McEnroe que, na véspera, ostentava orgulhosamente a fraca oposição de Jay Berger (6-4 e 6-0) no dia em que perfazia 31 anos.

Ivan Lendl: ele é o maior

O melhor encontro do torneio sucedeu, nos quartos de final, com Lendl a ultrapassar «in extremis» o norte-americano de origem sul-africana Kevin Curren, por apertados 6-7 (4/7), 7-6 (14/12) e 6-3. Curren, a fazer valer o seu serviço «canhão», chegou mesmo a dispor de sete «match-points» no «tie-break» da segunda partida. «É preciso ter muita sorte para triunfar em encontros como este — admitiu o número um mundial — pois se para salvar um ponto de jogo já é uma grande sorte, imagine-se o que é evitar sete.» Curren, por seu lado, lamentou-se apenas de não ter conseguido «adiantar-se quando estava em posição favorável».

Depois deste calafrio, Ivan Lendl correu para o título, desfazendo-se na final do Tim Mayotte em apenas 64 minutos, por 6-3 e 6-0. O norte-americano ainda chegou a manter o empate até aos 3/3 da primeira partida, mas depois, o checo não deu mais hipóteses, e somou nove jogos de enfiada para ganhar o 86.º título da sua carreira, o seu sétimo Open do Canadá (que alterna anualmente entre Toronto e Montreal), e embolsar cerca de 28 mil contos.

Este foi o 17.º encontro entre ambos os jogadores, e Lendl impôs-se em todas as ocasiões, a última das quais na semana anterior, em Milão, como demos conta na devida altura. Mayotte está, decerto, a criar uma psicose.

Primeiro para Becker

Ao contrário de Lendl, que já vai no seu terceiro título consecutivo na presente época, o campeão do mundo (que é diferente de número um do «ranking») Boris Beker só agora logrou conquistar o seu primeiro torneio de 1990, depois das tentativas goradas de Sydney e no Open da Austrália.

Aconteceu no 600 mil dólares de Bruxelas, e o alemão-federal derroutou na final o seu compatriota Carl-Uwe Steeb pelos parciais de 7-5, 6-2 e 6-2.

A caminhada de ambos para a final foi algo diferente. Steeb passou sucessivamente sem problemas pelo sueco Thomas Hogsted, pelo seu companheiro de selecção da Taça Davis, Eric Jelen e, nas meias-finais, pelo checo Miloslav Mecir.

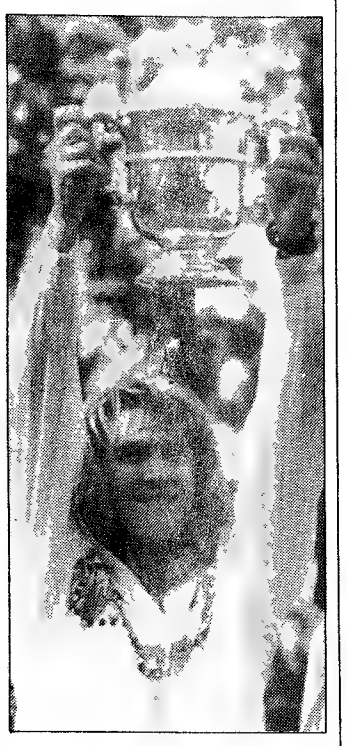
Já Becker sentiu maiores dificuldades para ultrapassar o italiano Paolo Cane, o francês Guy Forget (que só cedeu no «tie-break» da terceira partida), e o sueco Magnus Gustafsson. A final significou ainda para Becker a desforra do triunfo imposto por Steeb nos quartos de final de Sydney.

A tarefa do Boris Becker ficou, aliás, muito facilitada, logo que soube da impossibilidade de Stefan Edberg (n.º 3 ATP) e de Jimmy Connors (19.º) estarem presentes, devido a lesões contraídas nas finais de Flinders Park e Milão, respectivamente. Foi para colmatar estas ausências que a organização chamou, à última da hora, Carl-Uwe Steeb (15.º), depois de o norte-americano Andre Agassi (7.º) ter rejeitado um convite semelhante.

Os organizadores belgas não ficaram, contudo, satisfeitos com esta solução de recurso, e fizeram sentir à Associação dos Tenistas Profissionais (ATP) o seu descontentamento. Recorde-se que, segundo os regulamentos do ATP Tour, a ATP compromete-se a garantir, pelo menos, dois jogadores classificados entre os dez melhores do mundo em todos os Championship Series. Ora o torneio de Bruxelas fazia parte desta categoria superior de eventos tenísticos, e do seu lote de estrelas só Boris Becker integra o «top ten».

Esperemos que a ATP tenha tirado deste caso as conclusões necessárias para que tal não volte a suceder (as organizações investem centenas de milhares de dólares e querem ver contrapartidas), para bem da credibilidade do ATP Tour, o novo circuito profisisonal masculino que nasceu em Janeiro último, embora viesse a ser concebido há cerca de dois anos.

Hugo Ribeiro



Steffi Graf comanda

A alemã-federal Steffi Graf continua no lugar cimeiro do «ranking» mundial, segundo a lista semanal agora divulgada pela associação profissional de ténis feminino.

Martina Navratilova (EUA) e Gabriela Sabatini (Argentina) ocupam os segundo e terceiro lugares da tabela, seguidas das norte-americanas Zina Garrison e da espanhola Arantxa Sanchez.

SEAT TERRA
MAIS CARGA POR MENOS
DESDE 1.077.000 ESC.

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.
Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

I Série N.º 43
Dia 20 de Fevereiro
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 7/90:
Ratifica a Convenção Europeia em Matéria de Adopção de Crianças, aprovada, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 4/90, em 20 de Dezembro de 1989.

Decreto do Presidente da República n.º 8/90:
Ratifica a Convenção Europeia para a Prevenção da Tortura e Penas ou Tratamentos Desumanos e Degradantes, aprovada, para ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 3/90, em 5 de Dezembro de 1989.

Assembleia da República

Lei n.º 5/90:
Amnistia de infracções de natureza disciplinar imputadas a funcionários ou agentes da Polícia de Segurança Pública.

Lei n.º 6/90:
Regime de exercício de direitos do pessoal da PSP.

Lei n.º 7/90:
Regulamento Disciplinar da Polícia de Segurança Pública.

Lei n.º 8/90:
Bases da contabilidade pública.

Gabinete do Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores

Decreto do Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores de 2 de Fevereiro de 1990:
Exonera, sob proposta do Presidente do Governo Regional, e a seu pedido, o dr. Álvaro Cordeiro Dâmaso do cargo de Secretário Regional da Economia.

Decreto do Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores de 2 de Fevereiro de 1990:
Nomeia o Prof. Doutor Ma´rio José Amaral Fortuna Secretário Regional da Economia.

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 62/90:
Cria a Missão Militar junto do Colégio de Defesa OTAN (altera o Decreto-Lei n.º 233/81, de 1 de Agosto).

Portaria n.º 139/90:
Visa a abertura de um concurso especial para atribuição de um fogo de renda económica dos Serviços Sociais das Forças Armadas.

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 140/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão de Organização e Recursos Humanos dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Cascais (grupo I).

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 14/90:
Altera o quadro de pessoal da Direcção-Geral das Relações Colectivas de Trabalho.

Despacho Normativo n.º 15/90:
Determina que nas requisições, comissões de serviço ou outras situações de trabalhadores designados pelo Estado para o exercício de funções em empresas públicas ou equiparadas e que não estejam abrangidas pelo regime geral de segurança social sejam as entidades empregadoras a suportar a quota-parte das contribuições para os fundos de pensões. Revoga o Despacho Normativo n.º 28/89, de 27 de Março.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 63/90:
Aprova os novos estatutos do Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo (INSCOOP).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 141/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Monte da Fonte do Corcho», «Monte do Outeiro» e outra, situadas na freguesia do Salvador, concelho de Serpa.

Portaria n.º 142/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade da Zambujeira e Matinho», situada na freguesia de Crato e mártires, concelho do Crato.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: - Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sul. Períodos de chuva fraca ou chuvisco, em especial no litoral e a partir da tarde. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 metros.

Regiões do Sul: - Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco. Neblinas ou nevoeiros matinais. Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento moderado de Norte. Aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã: - Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado a forte, mas sendo geralmente fraco no Funchal.

Depois de amanhã: - Céu geralmente pouco nublado e vento Nordeste moderado, mas sendo fraco no Funchal.

AÇORES

Todos os grupos: - Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a forte no quadramte Oeste. Aguaceiros. Descida das temperaturas mínimas. Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 5 a 6 metros.

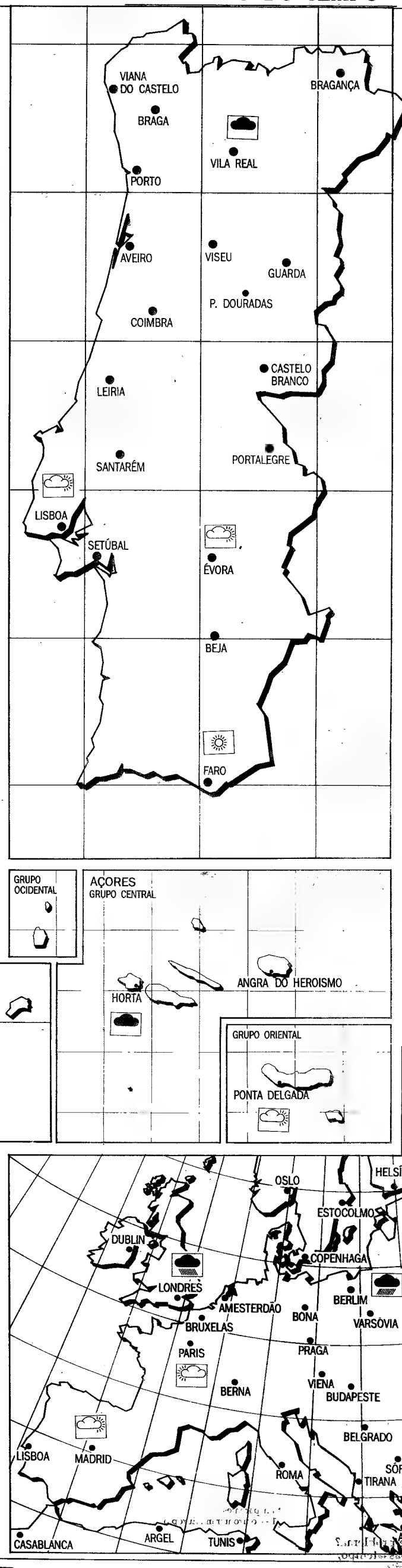
Amanhã: - Céu muito nublado. Vento Sul forte, soprando por vezes muito forte e com rajadas nos grupos Ocidental e Central. Períodos de chuva e subida das temperaturas em especial da mínimas.

Depois de amanhã: - Períodos de céu muito nublado. Aguaceiros nos grupos Ocidental e Central e períodos de chuva passando a aguaceiros no Grupo Oriental. Vento moderado do quadrante Oeste.

Amanhã
No Continente:

Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se ainda muito nublado, pela madrugada e manhã, nas regiões do Norte e Centro. Vento fraco a moderado de Norte.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica



Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.50	2,7m	04.56	1,7m
—	—	17.24	1,6m

Amanhã

00.14	2,9m	06.06	1,4m
12.51	2,9m	18.22	1,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	6	6	Neblina
V. Castelo	14	14	Nevoeiro
Vila Real	8	9	M. nub.
Porto	12	13	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	14	14	Encoberto
C. Carvoeiro	14	14	M. nub.
C. Branco	8	10	M. nub.
Portalegre	13	13	M. nub.
Lisboa	11	12	Neblina
Évora	12	12	Limpo
Beja	11	11	Limpo
Sines	11	12	Nevoeiro
Faro	10	10	Limpo
Sagres	10	11	P. nub.
P. Delgada	9	10	P. nub.
Horta	8	11	M. nub.
Funchal	14	15	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 17; Porto, 17; Faro, 19; P. Delgada, 15; Funchal, 22.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	2	3	Nevoeiro
Londres	11	12	Chuva
Paris	8	8	P. nub.
Bruxelas	11	11	M. nub.
Amesterdão	12	12	Encoberto
Genebra	2	2	Neblina
Roma	3	3	Nevoeiro
Oslo	6	6	P. nub.
Copenhaga	5	9	Chuvisco
Estocolmo	8	8	M. nub.
Berlim	10	10	Chuva
Viena	1	1	Nevoeiro
Varsóvia	1	3	Neblina
Atenas	6	7	Neblina
Moscovo	-12	-12	Neve

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-9	2	Limpo
Houston	11	18	Trovoada
Los Angeles	5	16	Limpo
Montreal	-19	-12	Limpo
Nova Iorque	-7	2	Limpo
S. Francisco	4	13	Limpo
Toronto	-11	-1	Limpo
Vancover	0	6	Chuva
Washington	-5	2	Limpo
Hong Kong	13	21	Chuvisco
Melbourne	10	27	Limpo
Pequim	0	5	Nevoeiro
Perth	15	27	Limpo
Singapura	25	31	Trovoada
Sydney	18	28	Limpo
Tóquio	6	13	V. forte
Wellington	10	22	V. forte

AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Apeadeiro do Areeiro: Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Conde Barão:** Moz Teixeira, Rua Poço dos Negros, 117, Tel. 601961; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Marquês Pombal:** Liberal, Av. Liberdade, 219, Tel. 543641; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Brandoa - Amadora:** Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Império, Rua 1.º Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alto Pina: Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49 A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Baixa:** Valadas, Rua da Madalena, 235, Tel. 872060; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Lapa:** Mota Capitão, Rua São Félix, 45 B-C, Tel. 660720; **Metro - Anjos:** Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40, Tel. 8141122; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **São Sebastião:** Sá Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 554672; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 2230090. Permanente; **Parede:** Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A, Tel. 4938149. Permanente; Jardim, Av. Conde Oeiras, 120 - Reboleira, Tel. 4953424. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9260206. Até às 22 h; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Sintra:** Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Tel. 9232747. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, Lote 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 7-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Seixal:** Seruca, Lopes, Tv.ª Paz - Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 22 h; **Montijo:** Higiene, R. José Joaq. Marques, 142, Tel. 2310370. Até às 22 h; **Moita:** Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029.

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa — TUTOBOLA

A UNIÃO NACIONAL REUNIDA NO ESTORIL

UMA SOCIEDADE MENOS DIVIDIDA

por desigualdades afrontosas e injustiças

À capacidade de produzir em condições de exportar considerada essencial pelo secretário do Comércio

Ex-dirigente da FRELIMO expulso da Tanzânia

Tanzânia expulsa Simango

O governo da Tanzânia expulsou do país Urlah Simango, antigo dirigente da Frente de Libertação de Moçambique, e deu-lhe 48 horas para sair, segundo revelaram ontem fontes bem informadas. Simango tinha chegado à cidade de Moshi, para assistir a uma reunião do comité de Libertação da Organização de Unidade Africana. Samango tencionava apresentar o seu caso ao comité, em virtude de ter sido suspenso das funções de dirigente da Frelimo, no fim do ano passado.

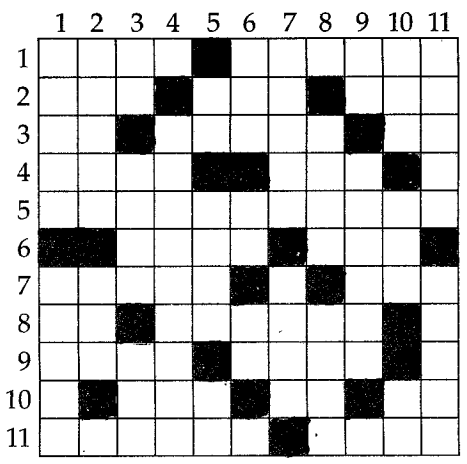
União Nacional reúne no Estoril

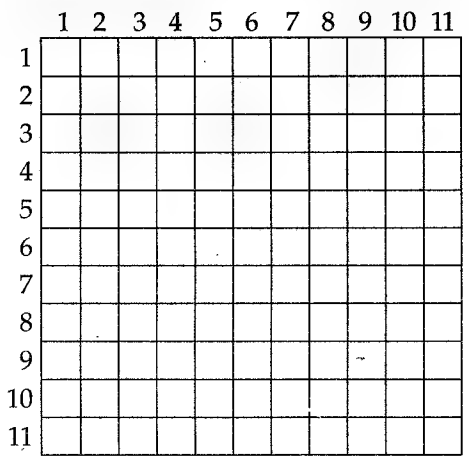
«Uma sociedade menos dividida por desigualdades afrontosas e injustiças», foi o desejo expresso pelo conselheiro Albino dos Reis, no discurso inaugural do Congresso da União Nacional que, com cerca de 500 participantes, se efectuou esta manhã na sala principal do Hotel Estoril-Sol. Na mesa, presidida por Albino dos Reis, além dos ministros do Interior e do Ultramar, viam-se o prof. Bissaia Barreto e o dr. Cerqueira Lopes da comissão central da U.N. e o dr. Melo e Castro, da comissão executiva.

Colóquios culturais

Segundo a tradição dos anos anteriores, vai o Colégio Moderno realizar uma série de colóquios e conferências sobre diversos temas culturais. A direcção deste grande estabelecimento de ensino convidou uma série de personalidades bem conhecidas para colaborar

PALAVRAS CRUZADAS





PROBLEMA N.º 17862

HORIZONTAIS:

1 - Fosso. Poisam no mar (os aviões).
2 - Rogo. Fecha as asas para descer mais depressa. Cantão da Suíça.
3 - Abreviatura de radiano (unidade de ângulo). Filtra. Átomo.
4 - Maquinismo para tecer. Consentimento. Artigo definido.
5 - Separarias.
6 - Erva-doce. Sua Senhoria (inv.).
7 - Bolha de ar. Textualmente.
8 - Prefixo de negação. Consideração.
9 - Ramada. Dás aviso de alguma coisa em voz alta.
10 - Nome de mulher. Prata (s.q.). Mil e cinco em romano.
11 - Carimbada. Doença que dificulta a respiração.

VERTICAIS:

1 - Talha. Voltas.
2 - Estar em fogo. Eia!
3 - Verso (abrev.). Vale espanhol nos Pirenéus. Substância fabricada pelas abelhas.
4 - Lastimava.
5 - Apelido. Ninhos. Preposição latina que designa movimento.
6 - Suspiros. Césio (s.q.). Pronome pessoal.
7 - Cidade de Itália. Resta.
8 - Artigo definido. Encoleriza. Feiticeira.
9 - Ruténio (s.q.). Ofícios divinos.
10 - Arara. Agarrei. Milímetro.
11 - Utopias. Embriaguez (bras.).

PROBLEMA N.º 16672

HORIZONTAIS:

1 - Cidade de Espanha.
2 - Cidade dos Camarões nas margens do Sanaga. A Pérsia.
3 - Imperador romano célebre pela sua crueldade. Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
4 - Pronome pessoal. Cidade de França.
5 - Interjeição designativa de uma pancada ou queda ou de um procedimento rápido. Causaras amuo a.
6 - Azedume.
7 - Coar. Cento e um em romano.
8 - Cânticos em honra da Virgem ou dos santos. Sepulturas.
9 - Naquele lugar. Cabelos brancos. Arsénio (s.q.).
10 - Cidade da Alemanha. Tecido de algodão ou linho muito transparentes.
11 - Confrontaram. Europio.

VERTICAIS:

1 - República da extremidade setentrional da América do Sul.
2 - Mulher que compra e vende roupas usadas. Nome de peixe.
3 - Adivinharás. Disfarçar (fig.).
4 - Reino da Federação Indochinesa. Preposição e artigo (pl.). Vê.
5 - Estima. Grei.
6 - Estado da Europa setentrional ao N. da Alemanha.
7 - Pátria de Abraão. Aversão.
8 - Estirpe. Antes do meio-dia.
9 - Caminhar. Sapo do Amazonas. Utensílios domésticos.
10 - Quinto filho de Jacob. Fixasse.
11 - Alternativa. Vais para fora. Ouro (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 861

HORIZONTAIS: 1 - DEVAGAR. SE. 2 - Amarradas. 3 - Ibéria. Osso. 4 - Manas. Ur. 5 - Ili. Ralada. 6 - Eauze. Total. 7 - Lisa. Ganir. 8 - Rio. Gaia. 9 - Açor. Os. 10 - Armaram. 11 - Ioio. Zelais.
VERTICAIS: 1 - Daimiel. VAI. 2 - Embalais. Ro. 3 - Vaenius. Ami. 4 - Arrã. Zarcão. 5 - Gris. Rói. 6 - AAA. Goraz. 7 - Rd. Pata. Me. 8 - AO. LONGE. 9 - SSS. Atiá. Aa. 10 - Sudário. 11 - Foral. Ases.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 671

HORIZONTAIS: 1 - Pamplona. Um. 2 - Avia. Uivara. 3 - Sósias. Mu. 4 - SSS. Sais. Ka. 5 - Oásicos. 6 - Urubu. 7 - Aram. Caá. 8 - Agiria. Rm. 9 - Tu. Crimeia. 10 - Ás. Aa. Oiros. 11 - Marimbas. Só.
VERTICAIS: 1 - Passau. Atam. 2 - Avós. Ragusa. 3 - Missouri. 4 - Pai. Abarcai. 5 - Assumiram. 6 - Ousai. Aí. 7 - Ni. Icon. Moa. 8 - Aviso. Seis. 9 - Sic. Ir. 10 - Uruk. Araós. 11 - Mamariam. Só.

PROVÉRBIO: DEVAGAR SE VAI AO LONGE.

EFEMÉRIDES

1567

• Morre Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro.

1909

• No diário parisiense «Le Figaro» é publicado o «Manifesto do Futurismo», do poeta italiano Emilio Filipo Marinetti, com o qual é lançado o movimento estético conhecido por «Futurismo».

1976

• Morre, em Paris, René Cassin, Prémio Nobel da Paz em 1968 e presidente da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas.

1978

• Morre, em Lisboa, o escritor açoriano Vitorino Nemésio, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1983

• Francisco Lucas Pires, 39 anos, é eleito presidente da comissão política do CDS, tornando-se o mais jovem líder dos partidos portugueses.

• A Polícia italiana anuncia a detenção de Michele Greco, conhecido como o «Papa», o principal chefe da mafia siciliana.

1988

• A agência noticiosa norte-americana UPI é vendida ao grupo World News Wire.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Filme de Ron Howard, c/Steve Martin e Mary Steenburgen
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
O MASSACRE DE HALLOWEEN
Filme de Charles Martin Smith, c/Marc Price e Tony Fields
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
NÃO HÁ NADA QUE NÃO ME ACONTEÇA
Com Bud Spencer e Gary Guffey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXO EM BRAZA
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos

UM MUNDO À PARTE
EM EXIBIÇÃO — SALA 3 — QUARTETO — PUB — MAIORES 12 ANOS

Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
O TAPA BURACOS
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Filme de Wes Craven, c/Michael Murphy
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
LEVIATHAN
Com Richard Crenna
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546085
UM VERÃO DE AMOR
Filme de Ingmar Bergman
Às 18.30 horas.
WILL SUCCESS SPOIL ROCK HUNTER
Filme de Frank Tashlin
Às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Harel Reisz
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ÁFRICA TERRA DE ESTRANHAS PAIXÕES
Filme de Chan Hoodley, c/Jane Cilliers e Sandra Prinfloo
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
O MASSACRE DE HALLOWEN
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808

Marlon Brando, em «Assassinato Sob Custódia»

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
OS AMANTES DE MARIA
Filme de Andrei Konchalovsky
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00 e 22.00 horas.

VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
DOIS AMIGOS DOIS DESTINOS
Filme de David Sperstein
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
A ESCANDALOSA GILDA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
GOZO ALUCINANTE
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
SOMBRAS NA TEMPESTADE
Filme de Terrell Tannen, c/Ned Beatty e Mia Sara
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378

Sociedade Portuguesa de Electrometalurgia, S.A.
Pessoa colectiva n.º 502 130 652
C.R.C. de Nelas n.º 62
Sede: Canas de Senhorim
Capital social: 2 000 000 000$00

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos dos artigos 376.º e 377.º do Código das Sociedades, convocam-se os Accionistas desta Sociedade para se reunirem, em assembleia geral, no próximo dia 30 de Março, pelas 11.00 horas, no Largo de São Carlos n.º 4-4.º Esq.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Deliberar sobre o relatório da gestão e as contas do exercício;
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
4. Deliberar a alteração ou eliminação do n.º 2 do artigo 11.º dos Estatutos;
5. Deliberar sobre a afectação de capital ao exercício da indústria mineira e sobre a alteração dos Estatutos decorrente desse exercício.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1990.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
Benjamim Mendes

C.A.L.D.U.N. — CONSTRUÇÃO E ARRANJO DE LOCAIS, DESENVOLVIMENTO URBANÍSTICO NATURAL, S. A.

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 13, 4.º
Telef. 65 91 07
1000 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos e para os efeitos dos artigos 376.º e 377.º do Código das Sociedades, convocam-se os accionistas desta Sociedade para se reunirem em assembleia geral no próximo dia 26 de Março, pelas 17.00 horas, na Sede social, com a seguinte ordem de trabalhos;

1. Deliberar sobre o relatório da gestão e as contas do exercício;
2. Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
3. Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
(assinatura ilegível)
Lisboa, 16 de Fevereiro de 1990

CARTAZ

SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
OS REIS DA NOITE
Filme de Eddie Murphy
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 12.00, 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
Encerrado para descanso

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
O GOLPE DO DRAGÃO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS
ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS
MIRAMAR 1
Telef. 2841744
CINEMA PARAÍSO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

M IRAMAR 2
CLUBE
DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30; Sáb. Dom. e Feriados às 15.30, 18.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA
ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO LISBOA

A BARRACA
CINEARTE
Largo de Santos, nº 2 - Telef. 665360 ou 686300

«A Pécora», em cena no Teatro da Comuna

De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom. às 16 horas
MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita.

TEATRO DE CARNIDE
Azinhaga das Freiras- Telef. 7145178
Sextas e Sábados às 21.30 horas
DIVINAS PALAVRAS
De Rámon del Valle-Inclan.

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas. Dom. às 17.00 horas, descanço à 4ªFeira
SALA NOVA
PÉCORA de Natália Correia.
SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00 e 21.30; Domingo às 16 horas.
A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo O Bando.

CAFÉ TEATRO
FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24 horas.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - Telef. 607299
De 3ª a Dom. às 22.00 horas
E O ZÉ QUE ZÉ
Textos de Mário Cesariny de Vasconcelos, Fernando Pessoa, José Manuel Ribeiro, Lauzier e Stig Dagerman. Encenação de José Carretes.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - Telf. 661515/669205
De 5ª a Sáb. às 21.30, Dom. e Feriados às 16 horas
SALADA
De Tristan Rémy, é um trabalho colectivo dos actores da Cornucópia.

TEATRO DA MALAPOSTA
Odivelas - Telef. 9873299
A TARANTELA VERMELHA
De Salvatore Cuffaro. Às 15.00 horas

RITZ CLUBE
R. da Glória, 57 - Telef. 325140
De 5ª a Sábado às 21.30; Sábado e Domingo às 16.00 horas
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC
Parque Mayer - Telef. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e 22.45. Domingos e Feriados às 16 horas
AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/ Camilo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30 horas. Domingos às 16 horas
HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt Brecht.

TEATRO MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento,

teatro da Cornucópia

SALADA

(TEXTOS dos PALHAÇOS)

«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — **Jornal de Letras**

«uma autêntica explosão lúdica» — **Diário de Notícias**

«um momento de teatro divertido e despretencioso» — **O Jornal**

«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — **Semanário**

«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — **Expresso**

«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — **Independente**

«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — **Fim de Semana**

CARNAVAL: HORÁRIO ESPECIAL
Dia 26 — 2.ª-Feira às 21.30H; Dia 27 — 3.ª-Feira às 16.00H; Dia 28 — 4.ª-Feira — Descanso

5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;
3.ªs e 4.ªs-Feiras — Matinées para escolas

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

CONCERTO NA AULA MAGNA
23 de FEVEREIRO (21h 30m)

GABRIELA BENACKOVA

Música: Richard STRAUSS
Orquestra Sinfónica do TNSC
Direcção Musical: Jacques DELACOTE

CONCERTOS

Bilhetes à venda na bilheteira do T.N.S.C. e agências ABEP e ALVALADE. Também na AULA MAGNA no próprio dia do Concerto.

Preço máximo: 3.500$00
Preço mínimo: 750$00

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS: RTP / antena 1 / Rádio Comercial / CORREIO da MANHÃ RÁDIO / O INDEPENDENTE

CARTAZ

75-B. Telef. 601866
Sába. e Dom. às 16 horas
A LINGUAGEM DOS SEMAIS
De António Botto.

TEATRO MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52 - Telf. 897017
3ª, 4ª e 5ª, às 21.30. Sextas e Sábados às 20.30 e 23.00. Dom. e Feriados às 15.00 e 18.00 horas.
SEVERA
De Júlio Dantas

VARIEDADES
Parque Mayer - Telef. 326037
De 3ª a Domingo às 21.30; Domingos e Feriados às 16.00 horas
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana.

TEATRO VILLARET
Av. Fontes Pereira de Melo, 31-A - Telef. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45; Domingos e Feriados às 16.00 e 21.30 horas
ORA BATE...BATMAN'SO.

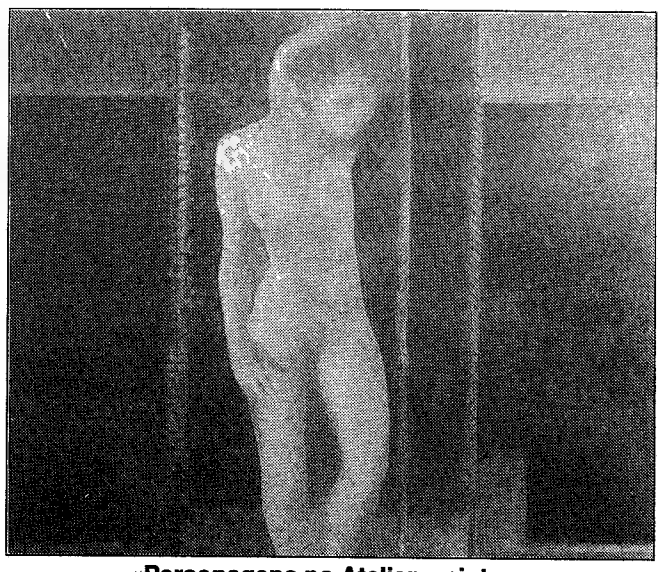
OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL
TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 4ª a Sáb. às 22 horas ; Dom. às 17 horas
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe La Féria.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): a exposição "Arte Namban - os portugueses no Japão"
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: Até Abril, as exposições "A Lançadeira - tecelãs de Cachopo", "Tramas e Sortil´rgios" de Teresa Segurado Pavão, "Bonecas com Traje da Índia" e "Joias" de Ana Campos; Em exposição permanente "Técnicas de Fiação e Tecelagem"; e ainda "As Bandeiras do Mês"
BIBLIOTECA NACIONAL: até 10 de Março, a exposição de desenho "Retratos", de Miguel Pereira Coutinho.
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile; nas galerias do Centro de Arte Moderna, a exposição "Panorama da Cerâmica Espanhola Contemporânea" e "Página Dupla" de Raymundo Sesma.
GALERIA DN (R. António Maria Cardoso, 41): até 9 de Março, de segunda a sexta das 10 às 19 e sábados das 9 às 13, pintura e desenho de António Fernando., «Personagens no Atelier».
GALERIA ALMADA NEGREIROS - SEC (Av. da República, 16): até 25 de Fevereiro, diariamente das 10 às 20 horas, "Pintura Mexicana Contemporânea", com mais de duas dezenas de obras de 13 artistas plásticos do México.



«Personagens no Atelier», pintura de António Fernando na Galeria DN

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz de Roma; **20.45:** Musical; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Obras de Bela Bartok; 17.30: O reportório de guitarra em homenagem ao guitarrista Andres Segovia de quem se celebra hoje a efeméride do nascimento em 1893; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Canções e melodias de Mussorgsky, cantadas em russo pelo baixo Boris Christoff; **19.35:** Álbum Musical. - Obras de Rimsky-Korsakov, Ysaye, Schubert, Sibelius, Brahms e Tchaikovsky; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto Nocturno. Obras de Dohnanyi, Dvoorak, Elgar, Britten e Mozart; **23.00:** Eurorádio - As Schubertíadas de Hoohenems, 1989; **00.40:** Serão ao estilo do século XX de Lutoslawski, Iannis Xenakis, Bruno Maderna e Emile Naoumoff; **02.00:** Música na Madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

VOZ DE LISBOA

15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO

16.00: Pólo Norte; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine

VOZ DE LEIRIA

15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.

MUNICÍPIO DE LISBOA
ANÚNCIO N.º 1/90

Concurso público para «Fornecimento de fardamentos dos serviços municipais, durante o ano de 1990».

1 — Concurso público promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — 1.ª Repartição do Departamento de Serviços Eléctricos e Mecânicos (ex-DST-E), Av. 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa — Telefone 60 51 11.

2 — Concurso público nos termos do Art.º 49.º do Decreto-Lei n.º 235/86, de 18 Agosto.

3 — Concurso público para «Fornecimento de fardamentos aos serviços municipais, durante o ano de 1990».
a) — O preço base do concurso é de 51 935 500$00 com exclusão do IVA.

4 — a) — O programa de concurso e caderno de encargos podem ser examinados na 1.ª Repartição do Departamento de Serviços Eléctricos e Mecânicos (ex-DST-E), Av. 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa, durante as horas de expediente.

b) — Podem ser solicitadas cópias à repartição acima indicada, até oito dias antes do termo do prazo para a entrega das propostas, mediante o pagamento de Esc. 644$00 (25$00/folha + IVA).

5 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17.30 horas do 20.º dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

b) — A sua entrega far-se-á na morada indicada no n.º 4 alínea a).

c) — As propostas deverão ser redigidas em português.

6 —
a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.

b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.º 4, alínea a), a partir das 14.00 horas, do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.

c) — A caução é de 5% do valor total da adjudicação, a prestar no prazo de 10 dias, após a data da recepção da comunicação da adjudicação do fornecimento.

7 — O prazo de validade das propostas é de 90 dias.

8 — A adjudicação será feita à proposta considerada mais vantajosa, atendendo aos seguintes critérios:
— Qualidade;
— Preço;
— Prazo de entrega.

Paços do Concelho de Lisboa, em 1989/12/28.

Pel'O Vereador,
Pedro José Del-Negro Feist

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

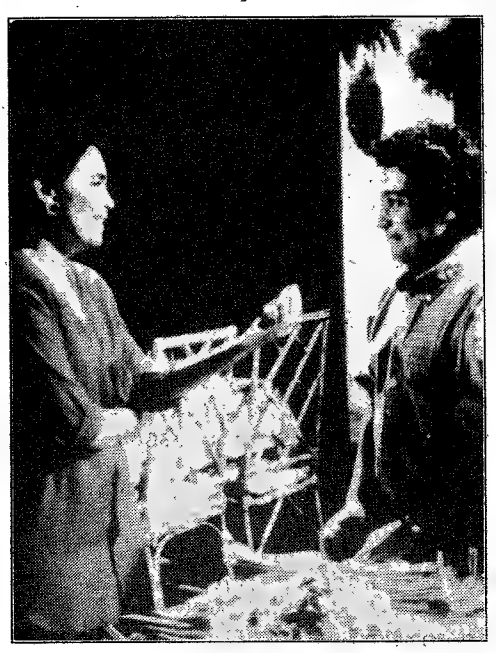
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
Último episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - RUA SÉSAMO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.10 - CRÓNICA DO CRIME
Mike Torello continua empenhado em combater a onda de criminalidade que atinge alguns estados da América do Norte. Agora, o seu objectivo é chegar aos «chefões» da Mafia dos Casinos e do jogo, senhores todos poderosos que, nos anos 50, controlavam inclusive a justiça do país. É um dever doloroso para Torello, um homem que começa a pôr em causa o próprio sistema policial e jurídico, que parece favorecer os marginais. Ray Luca foi sempre o «calcanhar de Aquiles» do detective. Agora, a sua missão é incriminar Manny, o mafioso da «velha guarda» que é o líder de toda a organização.
23.00 - 24 HORAS
23.30 - REMATE

RTP-2

16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
44º episódio
18.25 - MUSIC BOX
19.10 - MAX FOLLIES

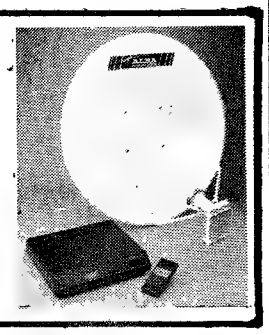
No 2º Canal às 21.30, em Cinemadois, «Subway - Subterrâneo», com Christophe Lambert e Isabelle Adjani

19.35 - CLÁSSICOS DA TV
"Estrada 66"
20.30 - CINE MAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«Subway - Subterrâneo»: um filme de Luc Besson, com Christophe Lambert, Isabelle Adjani, Richard Bohringer, Jean-Pierre Bacri, Michel Galabru. França, 1985 - duração 110 minutos. Fred, um jovem algo desconcertante que parece viver numa espécie de adolescência tardia, sai de uma festa em Paris ao volante do carro da anfitrã, a bela Helena, levando consigo importantes documentos roubados do cofre do marido desta. Perseguido pelos homens da segurança, refugia-se no metro e mais tarde telefona a Helena propondo-lhe a troca dos papéis por dinheiro ou por uma noite com ela. Marcam encontro numa plataforma do metro , que se revela uma armadilha. Fred consegue escapar, refugiando-se nos subterrâneos da manutenção dos sistemas do metro, apenas conhecidos por uma pequena e bizarra comunidade de marginais.



A telenovela «Vale Tudo», no 1º Canal às 21.15

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - SEXTA, DIA 13
14.15 - VILA FAIA
15.10 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - TELEVISÃO-A CAIXA QUE MUDOU O MUNDO
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.25 - LOTAÇÃO ESGOTADA
23.35 - 24 HORAS
00.05 - REMATE

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS CAMPBELLS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.15 - A ROTA MARÍTIMA DA SEDA
19.10 - DESENHOS ANIMADOS
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - LUSITÂNIA EXPRESSO
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - HISTÓRIAS DE PORTERHOUSE
22.30 - SÉCULO XX - CORAGEM PARA FALHAR
23.20 - SOM DA SURPRESA

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

AOS CONDUTORES
"Mal pressinta a presença de crianças, prepare-se para travar!"
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

D L

«Em Portugal estamos muito alheios à pobreza»

Padre Agostinho Jardim, «Jornal de O Dia», 19.02.90

A PERGUNTA DO DIA

Dias Teixeira, provador de vinhos da Casa do Douro

Nestes últimos anos, quais as melhores colheitas de Vinho do Porto?

«As colheitas de 1963 e de 1970 podem considerar-se as colheitas do século. Por outro lado, também tivemos a de 1988, que representou um enorme desastre, tanto do ponto de vista da qualidade como da quantidade. Um ano para esquecer...

O ano de 1979 foi razoável para o Vinho do Porto, o de 1982 nada mau e do 85 constituiu uma boa colheita.

Ao contrário de que afirma uma crença geralmente popularizada, não há um ciclo para os *vintage* . Estas coisas não são como as previsões do "Seringador", a proporem ciclos de três em três anos para épocas secas ou épocas húmidas. Os *vintage* são assim como uma espécie de Eusébio, e Eusébios só aparecem muito raramente. Por isso mesmo deveria haver um muito maior rigor na classificação da sua qualidade...»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

As crónicas de Joaquim Letria e de Manuel Alegre

«Depois do marxismo-leninismo» - artigo de Vital Moreira

Um novo direito dos cidadãos: a acção popular

A situação dos professores em Portugal

O cartoon de Pedro Palma

ENTREVISTA

Manuela Moura Guedes é jornalista da RTP. Começou como locutora, numa altura em que também era conhecida pelas canções. Hoje, é uma presença forte do Jornal das Nove

«Não escolho meios caminhos para fazer perguntas»

D.L. - Considera-se uma personalidade pública?

M.M.G. - Não sei o que entende por isso, mas se é o facto de o público ter acesso à minha imagem, claro que sim. Agora, se é no sentido de que sou do domínio público, não, não...

D.L. - Isso perturba-a?

M.M.G. - Sim, claro!

D.L. - Porquê?

M.M.G. - Não gosto que devassem a minha vida, percebe. É um trabalho que está exposto ao público, mas eu própria não estou. A partir da altura em que o meu trabalho acaba, sou tanto do domínio privado como qualquer outra pessoa.

D.L. - Como veio parar à televisão?

M.M.G. - Respondi a um concurso que estava a ser divulgado na televisão...

D.L. - Concurso para?

M.M.G. - Locutora. Concorri porque insistiram comigo para concorrer, nunca tal me tinha passado pela cabeça...

D.L. - Que achou da experiência?

M.M.G. - É engraçada ao princípio. Fascina, sobretudo para alguém que não tinha tido qualquer contacto com televisão.

D.L. - Como é que se tornou jornalista?

M.M.G. - Porque pedi, porque quis e porque lutei muito para isso...

D.L. - E porquê?

M.M.G. - Porque achava que tinha características para ser jornalista.

D.L. - Quais são as características necessárias?

M.M.G. - Olhe, antes de mais nada, gostar dos outros ou interessar-se por eles. Não digo gostar de toda a gente, porque é um pouco ridículo. Mas digo interessar-se pelo bem-estar das pessoas, ser mediadora entre aquilo que as pessoas consideram que é inatingível, por exemplo, quem dirige os destinos de um país...

D.L. - Acha que tem essas características?

M.M.G. - Acho que sim, pelo menos tenho tentado.

D.L. - Que é que mais a seduz no trabalho jornalístico?

M.M.G. - É informar as pessoas, no sentido de fazer alguma coisa por elas, per-

cebe? Eu fico muito satisfeita quando acabo um jornal ou uma reportagem e penso: consegui fazer alguma coisa, ou seja, chamar a atenção das pessoas quando algo está mal, ou, pelo contrário, chamar a atenção dos governantes, seja de quem for, e mostrar isto está bem, serve de exemplo...

D.L. - Acusam-na de ser uma pessoa muito agressiva quando faz entrevistas...

M.M.G. - E então?

D.L. - Que pensa disso?

M.M.G. - Não, não sou agressiva...

D.L. - Não é agressiva?

M.M.G. - Não... Não é uma questão de ser agressiva é uma questão de ser directa. Não escolho meios caminhos para fazer perguntas. Na minha vida pessoal sou assim, acho que os jornalistas ainda mais devem ser assim. Aliás, não percebo por que é que se tem medo de fazer perguntas!

D.L. - Tem notado reacções negativas em relação a esse seu estilo de fazer entrevistas?

M.M.G. - Na altura, noto reacções de pessoas que não estão a gostar...

D.L. - E depois?

M.M.G. - Comentários? Não, não fazem. «Rosnam» assim um boa noite entre dentes, o sorriso já não é o mesmo da entrada, mas, fora isso, não fazem comentários.

D.L. - O que pensa da informação produzida pela RTP?

M.M.G. - Não me apetece estar a falar sobre isso, não acho que seja correcto...

D.L. - E do Jornal das Nove?

M.M.G. - É uma informação especial, que aprofunda mais as coisas, procuramos ver qualquer assunto das diversas perspectivas em que ele pode ser encarado...

D.L. - Por que é que deixou de cantar?

M.M.G. - Não por ter deixado de gostar, mas porque não sei se as pessoas se habituariam a ver-me apresentar o Jornal das Nove e a cantar ao mesmo tempo. Estou dependente das pessoas que estão do lado de lá, daí que tenha que pensar nelas e naquilo que lhes vai na cabeça...

D.L. - Team saudades dos tempos das canções?

M.M.G. - Do estúdio sim, mas não tenho grandes saudades de aparecer em público. Não gosto, nem a cantar, nem a falar. Fico aflita. Ver as pessoas à minha frente torna-me extremamente tímida e inibida. Com a câmera estou lindamente, não me faz impressão nenhuma, com as pessoas à minha frente começo a olhar para elas e não consigo estabelecer relação... Não sei que é que se passa na minha cabeça...

D.L. - Que faz nos tempos livres?

M.M.G. - Leio, vou pouco ao Cinema, faço ginástica, estou com o meu filho...

D.L. - E que gosta de fazer menos no seu dia a dia?

M.M.G. - Levantar-me, de manhã... Adoro dormir. Acho que é das boas coisas que a vida tem.

A.J.T.

meteorologia

Arroz à Agostinho

Há metafísica e há física. Nos casos favoráveis, há uma osmose das qualidades físicas com o desejo de atingir as Verdades com maiúscula.

Meu falecido amigo, Florêncio, teve uma bolsa de pós-graduação, para Itália, quando acabou em Lisboa em parte, e no Porto outra parte, o curso de arquitectura. Contudo, ficou nessa bela terra de arquitectos só algumas semanas. Voltou. Tinha saudades do bacalhau. — Mas qual foi o significado desse objecto de nostalgia? Apenas um símbolo? A pátria do microcosmo? A fixação do essencial? Florêncio já não o dirá.

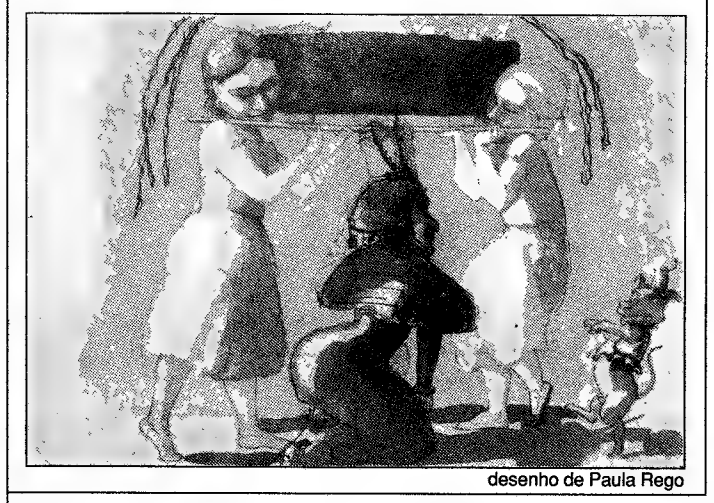
Quando alguém, antigamente, me perguntava porque me tinha instalado em Portugal, e especialmente no Porto, em vez de longas hesitações, respondia: — Porque não é proibido fumar nos eléctricos. Aliás, não tardou muito a chegar a interdição... Eu fiquei. — A resposta que se queria humorística, era um pouquinho mais do que isso.

Agora li, no *Jornal de Letras*, uma entrevista com Agostinho da Silva — meu admirado poeta, mais poeta quando reflecte do que nos versos de ocasião; soube então que ele gosta muito de variadíssimos doces, «mas essencial para mim é sempre o arroz-doce. Porquê? Porque nasci numa terra em que o arroz-doce era bem feito... e aquilo ficou». Confesso que a declaração não me surpreendeu por de mais.

O arroz-doce de Agostinho, o «fiel amigo» de Florêncio, a minha pequena liberdade de fumar onde noutros países é proibido, tudo funciona como um equivalente físico a qualquer metafísica ocultada.

De resto, como em muitos negócios embora não em todos, Agostinho da Silva, terá razão: o arroz-doce vale o elogio público e a deslocação; sei de um restaurante no alto da Graça que suscita o pecado da gula. Gula, que para o filósofo, será mais do que isso.

Jorge Listopad



desenho de Paula Rego

A.M.A. ® Auto Monumental de Aveiro S.A

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

Resultados duvidosos dos apoios da CEE

Os apoios comunitários *«não podem ser encarados como uma varinha mágica»*, diz o secretário de Estado da Integração Europeia, Vítor Martins. Por outro lado, acusa o comissário Cardoso e Cunha de *«ignorância»* quando este afirma que Portugal não está a aproveitar os recursos do PEDIP e os seus dez milhões de contos disponíveis.

Quem tem razão? Vítor Martins tem-na, de certeza, quando considera que os apoios financeiros não são *«varinha mágica»*. Cardoso e Cunha é capaz de não estar longe da verdade quando defende que esses mesmos apoios não estão a ser devidamente aproveitados.

É bom referir que aproveitar não é o mesmo que gastar, pois que gastos têm sido milhões e milhões de contos. Em benefício de algumas empresas, com certeza, mas com duvidosos efeitos na estrutura económica do país.

Para melhor elucidação dos nossos leitores, a colaboradora do DL e economista Isabel Braz analisa a situação. E o panorama não é dos mais agradáveis. A estrutura empresarial portuguesa está ainda longe de ser moderna, nas mentalidades e nos métodos de trabalho.

Caracterizada por um peso excessivo de pequenas e médias empresas, algumas de raiz puramente familiar, com empresários que na sua maioria não têm mais do que a quarta classe, apresenta-se mais virada para o lucro rápido e fácil, na maior parte dás vezes à custa do fisco e dos salários baixos, do que para uma modernização que implica investimentos que, mesmo sendo oferecidos, obrigam a uma transparência de contas que os leva a rejeitar os milhões à sua disposição.

Pág. 7

Correio electrónico impõe informatização

Está a ser desenvolvido a nível da Europa comunitária um projecto de «office automation» que força as empresas a modernizarem-se para sobreviver no mercado

Está a ser criada a nível comunitário uma forma avançada de escritório electrónico, que vai revolucionar o relacionamento entre agentes económicos. Demonstrações de produtos e serviços, consultas, mensagens, compras e vendas, facturação, gestão de contas-correntes e até pagamentos vão passar a ser efectuados através de um serviço integrado de correio electrónico, já a funcionar a nível experimental em diversos países, incluindo Portugal.

Desta forma, as empresas portuguesas, grandes médias ou pequenas, que queiram ser protagonistas num futuro que se avizinha breve, têm, forçosamente, que seguir a via da informatização. É que o relacionamento funcional entre as suas parceiras da Comunidade Europeia vai deixar de ser feito pela via do telefone, do telex, do telefax e da tradicional carta, para passar a ser efectuado através do computador.

Não podem, portanto, pensar que as suas parceiras modernizadas estão dispostas a manter duas estruturas administrativas paralelas, uma tradicional e outra informatizada, para efectuarem os seus negócios, tanto mais que a nova forma de relacionamento exige alguns investimentos na normalização de meios e métodos de trabalho. Ser-se interactivo é a chave do futuro.

A liderar este processo em Portugal estão os CTT-Telecomunicações. Embora o director comercial da empresa, Godinho Ferreira, reconheça que *«as telecomunicações portuguesas estão na cauda da Europa em capacidade de utilização e de oferta»*, a verdade é que não se pode deixar de dar resposta às solicitações da Comunidade. É o sector de negócios que se alarga e que necessita de meios para se tornar mais eficaz, seguro e rápido.

Pág. 8

Fruticultura: modernização ainda está muito verde

Modernizar a fruticultura portuguesa exige algo mais do que dinheiro. Com os pomares caracterizados por uma idade avançada, localizados em explorações com dimensões mínimas, geridos por agricultores idosos e sem os meios financeiros necessários ao rejuvenescimento, a fruticultura vive momentos de expectativa.

Júlio Sebastião, presidente da Direcção da Associação de Agricultores do Oeste (AAO), eleita este fim-de-semana, refere os pontos fracos do sector.

Este dirigente aponta a necessidade de se avançar com a normalização *«para não entrar no País tanta fruta estrangeira»* e denuncia *«interesses políticos»* na manutenção da não normalização.

Entretanto, a AAO prepara-se para levar a cabo iniciativas industriais agro-alimentares, onde poderá contar com sócios da África do Sul e dos EUA.

Domingos Galante, secretário-geral da Associação Nacional dos Armazenistas, Importadores e Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas, aborda, por outro lado, a importância do Mercado Abastecedor de Lisboa e comenta o actual impasse quanto à definição dos terrenos onde será edificado.

Pág. 6

Uma desinflação durável? - a análise de Geraldo Dias
Pág. 3

Imposto singular no plural
Pág. 3

Metro quadrado a 500 contos em Lisboa
Pág. 2

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONÓMICA PARA A AGRO-INDÚSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX 73 54 17 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

BREVES

Portline junta-se a noruegueses

Portklav é a designação da empresa resultante da "joint-venture" feita pela Portline e o grupo norueguês Torvald Klaveness. O objectivo é a operação de navios graneleiros "capesize", próprios ou afretados, à escala mundial.

Estas empresas serão proprietárias, em partes iguais, de um primeiro navio com cerca de 150 mil toneladas de porte bruto, que está a ser construído no Japão e cujo preço rondará os sete milhões de contos.

É intenção da Portklav aumentar a sua frota própria, à medida que se desenvolverem os contratos de transporte.Na devida oportunidade, afirmou fonte da Portline, investigar-se-á com a Solisnor (empresa concessionária da exploração da Setenave) as possibilidades de lhe encomendar a construção de navios.

A.I.Portuense apoia Ludgero Marques

Ludgero Marques recandidata-se à presidência da direcção da Associação Industrial Portuense com o apoio dos actuais corpos gerentes, revelou fonte da A.I.Portuense à Lusa

Os responsáveis da associação manifestaram a Ludgero Marques a sua «*total confiança para constituir uma lista que corresponda aos desafios que a associação terá de vencer*».

O candidato anunciou já diversos apoios à sua candidatura, entre os quais os de Américo Amorim, João Oliveira e Ilídio Pinho.

Bolsa: Lisboa sobe e Porto desce

Na Bolsa de Valores de Lisboa foram transaccionados, na última semana, 4,8 milhões de títulos que movimentaram 8,4 milhões de contos.

Estas transacções significaram um crescimento de 23,5 por cento em relação à semana anterior e tiveram por principais animadores os fundos de investimento mobiliários e de pensões.

Os "papéis" mais procurados foram as obrigações, que, com 3,9 milhões de títulos, produziram um volume de transacções de 4,7 milhões de contos, mais 62 por cento do que na semana anterior.

Entretanto, na Bolsa do Porto foram batidos vários recordes na semana passada, com a operação que materializou o domínio do Banco de Comércio e Indústria pelos espanhóis do Santander.

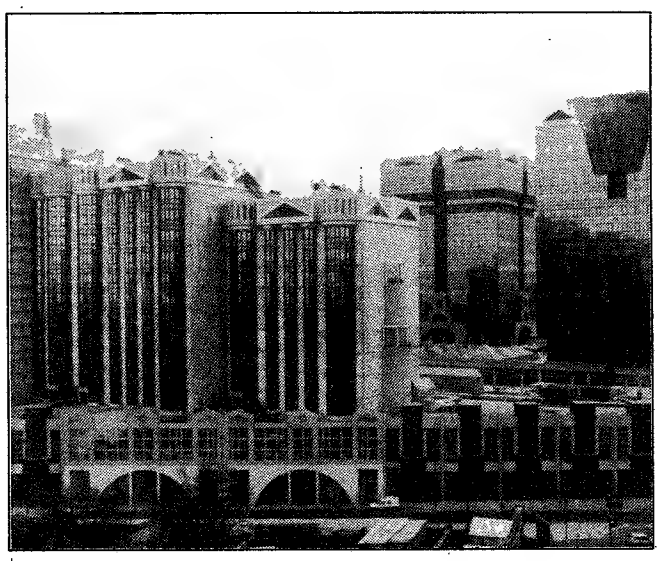
Apesar desta transacção, que envolveu quatro milhões e 109128 acções, cuja venda a 6 500 escudos mobilizou uma verba de 26,7 milhões de contos, a tendência para a baixa nesta Bolsa acentua-se. Diz a Lusa que esta foi a sexta semana consecutiva de baixa.

Metro quadrado a 500 contos nos escritórios de Lisboa

Trespasses podem tornar-se não compensadores com previsível alteração da lei do arrendamento, avisa a mediadora imobiliária George Knight

Os preços dos escritórios em Lisboa deverão atingir no próximo Verão os 500 contos por metro quadrado, prevê um estudo efectuado pela mediadora imobiliária George Knight, no qual se aconselha grande cautela na aquisição por trespasse de espaços alugados com rendas baratas, pois que se prevê uma alteração da legislação do arrendamento que irá colocar os preços em valores mais reais.

A situação referida da alta de preços dos escritórios deve-se à pressão da procura sobre a oferta, já que os empreendimentos (essencialmente portugueses, ingleses e suecos) que se encontram na fase de planeamento e construção só deverão estar disponíveis no mercado no próximo ano.



Amoreiras: trespasses a mil contos o metro quadrado

Desvio atinge 80 por cento

O mesmo estudo refere que cerca de 80 por cento das instalações onde funcionam escritórios na capital resultam do desvio da utilização tradicional de prédios antigos, originariamente orientada para uso habitacional.

Os restantes 20 por cento são espaços modernos que estão completamente vendidos e alugados, atingindo-se um crescimento dos valores investidos acima dos 50 por cento durante 1989, especialmente em espaços entre 100 e 250 metros quadrados.

Por outro lado, a Baixa e a avenida de Roma mantêm-se como pólos de convergencia das intenções de instalação por parte do comércio, mas o centro comercial das Amoreiras ascendeu à posição de localização mais procurada, com níveis de renda próximos dos sete mil escudos por metro quadrado e trespasses a serem pagos a mil contos o metro quadrado.

Construção civil

Segundo o estudo da George Knight, enquanto alguns terrenos em localizações centrais foram vendidos no início de 1989 a preços situados entre os 75 e os 100 contos por metro quadrado de área de construção aprovada acima do solo, no Verão passado e repentinamente foram pagos preços excepcionamente elevados: acima dos 300 contos.

Em resultado desta situação, alguns promotores estrangeiros que adquiriram propriedades há 12-18 meses atrás «*têm sido tentados a obter um rápido e substancial ganho através da sua venda, valorizadas que estão pela obtenção das respectivas licenças de construção*».

Contudo, estudos actuais e minuciosos sobre as áreas de desenvolvimento a longo prazo atribuem importância crescente a lugares com preços mais baixos e que têm sido considerados como localizações secundárias, em virtude de se prever uma ligeira descompressão do interesse sobre o centro de Lisboa.

Habitação

O mercado da habitação é considerado pela George Knight como «*o mais turbulento*», existindo grandes variações entre os preços pretendidos e os efectivamente pagos.

Em termos gerais, diz, a carência persistente de apartamentos de qualidade e de pequenas, mas modernas, moradias tiveram como efeito um aumento médio dos preços de 25 por cento num único ano.

«*Esperamos que a procura por parte de compradores provenientes da cada vez mais numerosa classe média portuguesa, reforçada pela necessidade de acomodação de executivos ao serviço de companhias estrangeiras, continue em 1990 num nível próximo do verificado em 1989, puxando o preço de venda de apartamentos de qualidade, completamente equipados, para valores acima dos 400 contos por metro quadrado*», afirma o estudo em referência.

Investimento

A George Knight considera que a legislação restritiva sobre o arrendamento tem prejudicado o interesse de grandes investidores.

Em particular aponta o sistema de trespasse, que proporciona avultadas quantias em troca do direito de uso de instalações, mas que mantém as rendas em níveis artificiais.

Por outro lado, acrescenta, os raros fundos imobiliários portugueses têm optado por uma política conservadora e investido principalmente em edifícios de escritórios em localizações secundárias, com taxas de remuneração de capital de 15 por cento, enquanto alguns investidores têm negociado contratos de arrendamento segundo padrões europeus com taxas de rendimento de 14 por cento.

Esta empresa mostra-se, no entanto, convicta de que a legislação sobre o arrendamente terá alterações antes de 1992, provavelmente já no final do próximo ano.

«*Esperamos que isto passe a permitir a criação de arrendamentos de longo prazo com rendas fixadas segundo condições da livre concorrência e actualizadas em cada três ou cinco anos e que simultaneamente se asssista a um desmantelamento gradual do actual sistema de trespasse*», acrescenta o documento.

Nesta conformidade «*aconselha vivamente*» um comportamento muito cauteloso para os que possam estar neste momento a considerar a possibilidade de pagamento de um trespasse em troca do benefício de uma renda baixa, «*que pode não vir a manter-se indefinidamente*», pois proximamente poderemos assistir à sua subida para valores mais reais.

Sectores perspectivam estratégias económicas

Nomes sonantes reúnem-se em debate aprofundado

As relações banca-indústria na perspectiva de um mercado interno deverão constituir o grande tema de debate promovido pela SaeR sobre avaliação de risco e estratégia de empresa. António Sousa Gomes, presidente do IPE, por um lado, e Ricardo Espírito Santo Silva Delgado, pelo outro, irão dissecar as estratégias das diversas formações empresariais e, conforme dito por um elemento da própria companhia de «rating», ir-se-á ver como os sectores perspectivam o desenvolvimento da economia portuguesa.

O encontro promovido pela Sociedade de Avaliação de Empresas e Risco (SaeR) terá lugar no próximo dia 2 de Março, em Lisboa, com o objectivo de analisar os diversos sectores da economia, linhas estratégicas, concorrência externa e processo de privatizações, sendo dado início a um contacto directo com os responsáveis das empresas.

O objectivo, conforme foi dito, é fazer «uma reflexão em conjunto sobre as respostas que hoje se exigem à gestão empresarial». Isabel Fernandes, da SaeR, que considera que todas as questões a abordar «*são extremamente relevantes*», acrescentou que o painel sobre relações banca-indústria poderá definir linhas «*para um sector financeiro com capacidade de criar núcleos estruturantes para o fortalecimento da economia*».

Como os principais interessados irão olhar para esta questão e quais as vias que defenderão será certamente o prato forte do painel. António Sousa Gomes abordará as estratégias de um grupo empresarial e as escolhas de parceiros para conquistar mercados, enquanto que as estratégias de um grupo financeiro, da área financeira até hoje, serão apontadas por Ricardo Espírito Santo.

Estas duas participações foram consideradas de grande importância pois que, se o IPE pode ser considerado «*o grupo industrial mais estruturante da economia nacional*», o sector financeiro «*estará altamente representado por um grupo que desempenha forte papel em Portugal*».

Matéria de reflexão

Este encontro, destinado a um público restrito, já que se dirige exclusivamente a empresários, gestores e quadros superiores de empresas, destina-se, essencialmente, a reunir matéria de reflexão concreta sobre os factores que vão influenciar a actividade empresarial nos próximos dez anos.

Empresas e sectores dos anos 90 e factores de risco e de sucesso em Portugal será o tema abordado por Ernâni Lopes, presidente da SaeR, enquanto José Roquete analisará as privatizações dos bancos portugueses, bancos satélites ou autónomos, cabendo a Rui Machete, presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, a abordagem do tema negociações directas nas privatizações e as suas vantagens e desvantagens.

Ernâni Lopes, em recente encontro com jornalistas, para apresentação da inciativa da sua empresa de «rating», afirmou considerar que não devem ser adiadas certas reformas e disse que os grupos económicos em embrião devem contar com um período de 20 ou 30 anos para se tornarem elementos estruturantes da economia nacional.

Disse ainda o presidente desta sociedade que faz a análise de risco e avaliação de empresas e atribui coeficientes de risco a títulos de rendimento certo, que o Estado deve pensar em termos de futuro e não em função das circunstâncias. A presença de Tavares Moreira, governador do Banco de Portugal, dará o tom ainda mais formal à iniciativa da empresa presidida pelo ex-ministro das Finanças.

Na hora do IRS

Pagantes e contentes

O contribuinte é, por definição, figura sofredora. É certo que há quem sofra mais que outros mas, quando toca a pagar, as contas estão feitas. O secretário de Estado para os Assuntos Fiscais garante que «vamos pagar menos impostos». Os portugueses refilaram, pagaram e, agora, «milagre», recebem (nem todos, nem todos...) parte do que, no que se refere ao IRS, foi retido na fonte.

Descontentes, continuam a ser muitos, que isto de reforma só seria aceitável por todos se os impostos fossem, de uma penada, abolidos. Mas o que de espantoso está a acontecer - as Finanças, pressurosas, a devolverem dinheiro - deve entrar nos anais da história fiscal. Diga-se que há desmancha-prazeres que lembram que a rectificação, no final do ano, sem uma explicação governamental, se deve ao aumento das receitas que o Executivo não esperava e que são provenientes dos impostos directos.

Enfim, há que acrescentar que, na realidade, o Governo viu o seu Orçamento de Estado enriquecido com mais 65 milhões de contos, trazidos pelo IRS.

Amanhã vai ser dito que a Reforma Fiscal foi um êxito e, já se sabe, os que apontam as continhas todas vão dizer (e nós lembramos já) que entre 1988 e 1989 os impostos directos tiveram um aumento de 32,2 por cento, o que correspondeu a mais 138 milhões de contos do que fora orçamentado.

A questão do IRS -apesar de, desde há uns dias, haver muitas pessoas satisfeitas por estarem a receber cheques com a devolução de verbas retidas a mais- continua a não ser pacífica. Até hoje o Governo não apresentou contas desdobradas, por escalões, desse imposto. E seria interessante saber quem pagou mais e pagou menos, em conformidade com os rendimentos.

É certo que se aproximam novas medidas de deduções e abatimentos. Ponto inicialmente proposto pela oposição e parceiros sociais, foi desde sempre recusada pelo Governo. Agora, face ao reforço orçamental alcançado, aí as temos. Contudo os escalões, acreditando no que disse o primeiro-ministro, continuarão na mesma.

Assim, temos que, nos escalões, não se mexe e, se as deduções e abatimentos vão ser revistos, isso deve-se, dizem do lado oposto ao Governo, ao facto deste não ter tido, inicialmente, a sensibilidade das receitas que iria obter com um imposto que não deu hipótese de fuga, pelo menos aos trabalhadores por conta de outrem.

Os cinco contos, quase inesperados, que muitos portugueses irão receber, conforme disse Oliveira e Costa, não fazem esquecer, a uma vasta lista de pessoas que gostam das contas certas, a injustiça fiscal que o imposto em causa consubstancia. E até devem ter razão, pois que, segundo demonstram, ele só beneficia uma minoria, já que trouxe o agravamento do imposto sobre o trabalho e o desagravamento dos impostos sobre o capital.

Passada a estranheza de ver o Fisco devolver, a tempo e horas, o que foi retido a mais, conhecidas que são as histórias de contribuintes que esperaram longos anos para que fossem repostas verbas indevidamente cobradas, os portugueses irão deitar contas à vida. Que ninguém se admire se, dentro em breve, se ouvirem muitas vozes clamarem que, afinal, pagaram mais que o que pagavam anteriormente. Os portugueses são assim e nada há a fazer, por muito que custe governar.

Oliveira e Costa, a quem não se nega o valor e empenhamento posto nesta reforma, garante que a Oposição deveria ser mais prudente nas críticas que faz, para que não saia desacreditada, nomeadamente quando afirma que houve um empréstimo forçado.

Porém não nos podemos esquecer de um estudo feito por Medina Carreira que, partindo de um vencimento igual para contribuintes em situações civis idênticas, concluiu que sairiam muito mais penalizados aqueles que só tivessem rendimento do seu trabalho.

No Estado em que vivemos, a transparência é fundamental. Perguntamos, então: será possível que o contribuinte possa ter acesso às contas feitas, que, se a uns apontam para a devolução de dinheiro, a outros diz que ainda terão de pagar? E já nem se cai no que Oliveira e Costa classificou de «crítica doentia», falando do possível juro que possa ter sido tirado dos impostos retidos na fonte. Julgamos, sim, que todos, cidadãos e Estado, por serem de boas contas, devem querer contas transparentes.

Até para que não se fale em eleitoralismo ou demagogia, numa altura em que se aproximam eleições

. Como certa, a acusação de que a verdadeira reforma fiscal ainda está por fazer e só será alcançada quando deixar de abranger unicamente a política de rendimentos e passar a considerar o todo social. Chamar, ao sistema em curso, imposto único, é falso e só poderá haver maior justiça quando se globalizarem todos os impostos.

O período eleitoral já está a ser uma preocupação do Governo. Que acontecerá agora, sabendo-se, como se sabe, que ano em que o Executivo não mexa na progressividade das taxas e das deduções será de grande agravamento dos impostos? E, recordamos, o primeiro-ministro já garantiu que não irá mesmo mexer nessas taxas e deduções.

Almeida Henriques

Mais de um milhão para apoiar emprego próprio

Dois mil e 200 candidatos (mil jovens e 1200 adultos) vão beneficiar este ano do programa que visa o apoio à criação do próprio emprego de jovens (com mais de 18 e menos de 25 anos) desempregados e adultos desempregados de longa duração (mais de um ano). Estão mobilizados 1,2 milhões de contos.

Para se aceder a este programa, é necessário estar-se profissionalmente qualificado para o exercício de actividades independentes. Serão concedidos apoios técnicos e financeiros aos projectos que apresentem viabilidade económica regional e sectorial.

Aos candidatos que pretendam exercer uma actividade profissional no âmbito do artesanato, prevê-se ainda o apoio ao escoamento da produção conjuntamente ou não com os outros tipos de apoio previstos no programa.

O programa decorre no âmbito do Instituto do Emprego e Formação Profissional, dando acesso a um apoio financeiro não reembolsável (subsídio de instalação) correspondente a 12 vezes o salário mínimo nacional. Igualmente será concedido um subsídio de formação durante a frequência da respectiva acção.

No que respeita ao apoio técnico, está prevista a frequência de um curso de formação em gestão, que visa o desenvolvimento de atitudes e de capacidades empresariais básicas; o apoio na elaboração do projecto e na orientação na resolução de dificuldades que possam surgir no desenvolvimento do negócio durante o período de um ano após o início da actividade; o apoio ao escoamento da produção, no donínio do artesanato, aos candidatos que, pos si só, não o possam assegurar.

Inquérito

Entretanto, a Secretaria de Estado do Emprego vai lançar dentro de dias um inquérito às necessidades de formação profissional das empresas para 1991 e 1992. O objectivo desta iniciativa é o de fornecer os dados actualizados e credíveis que permitam perspectivar a curto e médio prazos as necessidades de formação e aperfeiçoamento profissionais nas empresas, bem como avaliar as acções de formação entretanto realizadas, em ambos os casos, quanto ao tipo de formação/sectores de actividades/profissões.

Os resultados do inquérito permitirão, igualmente, ajustar a matriz de prioridades a respeitar nas candidaturas aos apoios nacional e comunitário à formação profissional. Recorda-se que no quadriénio 90/93 deverão estar envolvidos nas acções de formação cerca de 700 mil beneficiários.

Uma desinflação durável?

O movimento de desinflação observado num passado recente foi decisivamente influenciado por factores de ordem conjuntural - por exemplo desinflação externa - favorecendo a ideia de que alguns resultados conseguidos poderão ser reversíveis.

Aos níveis profundos da relação salarial, do Estado e da gestão monetária persistem factores de pressão inflacionista que podem desencadear efeitos de generalização da alta dos preços. Em termos de estruturas, não estão criadas as condições para uma alta sustentada das produtividades dos factores que permita - num quadro interno e externo - a melhoria da remuneração dos mesmos sem provocar o crescimento dos preços.

É urgente criar as modalidades de uma inserção externa mais favorável, pois a inflação é também o resultado estrutural das relações do país com o exterior e sem ganhos de competitividade não se ultrapassam os círculos viciosos desvalorização/inflação. A manipulação das taxas de câmbio não pode fazer esquecer que os países menos desenvolvidos têm tendência a ver as suas taxas de câmbio sobredeterminadas com custos para os mais fracos.

As debilidades produtivas na indústria, agricultura, comércio e serviços são também portenciadoras do processo inflacionista num contexto de insuficiência e desajustamento dos modelos de consumo face aos modos de produção e onde a esfera da reprodução é subsidiária de recursos cuja multiplicação no contexto do modelo de acumulação é problemática.

A inflação estrutural tem a ver com as dificuldades das alterações reais em matéria de produção, despesa e rendimento, com os problemas da criação de condições que dispensem uma função de sustentação do emprego por parte do Estado e que permitam alternativas às formas de pseudo-validação publicamente consentidas.

Face ao crescimento, especialmente em contexto de grandes mudanças, a taxa de inflação aparece como o resultado de todas as incompatibilidades e sobe ao mesmo tempo que a batalha pela partilha das mais-valias da produtividade.

Face à iniquidade e ineficácia da política monetária, no contexto de um sistema financeiro de que alguns beneficiam de rendas de situação e outros são penalizados, em presença de dificuldades na concertação social, a alta dos preços aparece como resultado das lutas em torno do rendimento nacional e pela partilha das riquezas. Num quadro global persistem desequilíbrios sobre o mercado de bens e serviços relacionados com problemas de liquidez, moneterização de divisas, créditos à economia, défice orçamental. Numa perspectiva sectorial existem estrangulamentos, acentuados numa conjuntura económica e tecnológica de mudança com características de flexibilidade, desregulação, dualização, polarização e segmentação.

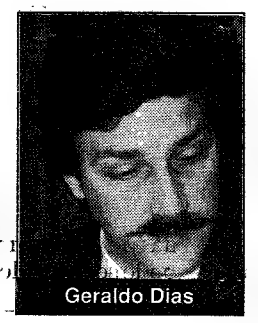
Do ponto de vista dos agentes a modificação dos seus comportamentos em resposta a tensões inflacionistas auto-alimenta o processo de subida dos preços e provoca mesmo efeitos especulativos.

Muitas vezes os preços são administrados e a inflação provém de desequilíbrios no mercado dos factores (trabalho, capital, empresa). O crescimento dos lucros ultrapassa o crescimento da produtividade, o que favorecendo a acumulação de capital tem também efeitos perversos. Por outro lado, o crescimento dos juros, as variações das taxas de câmbio têm efeitos nocivos.

A inflação pelos custos tem a ver com comportamentos relativos à partilha do rendimento nacional e dos ganhos de crescimento e é fortemente influenciada pelas estruturas inigualitárias que originam reivindicações de paridade.

Os custos são relativamente independentes do nível da procura e do emprego: a redução da procura e do emprego - dentro de certos limites - sob o efeito da concorrência internacional não reduzirá nem os custos nem os preços, mas terá tendência a reforçá-los para a alta. Esta, sob a influência da concorrência internacional, reforçará, por sua vez, o desemprego.

Quando se dá a inflação pelos custos o crescimento da massa monetária segue a alta dos preços: não é a causa, mas o efeito, ao contrário do que se passa na inflação pela procura. Esta pode ser combatida por uma política restritiva monetária e orçamental que atinja a causa da alta: o excedente do poder de compra em circulação em relação com a produção disponível. A inflação pelos custos exige outro tipo de abordagem, pois respeita às modalidades da partilha dos ganhos do crescimento económico.


Geraldo Dias

Num período de crescimento as empresas podem repercutir sobre os preços as altas dos salários ou subir as margens de lucro. As mutações aceleradas, o agravamento das desigualdades são factores de reivindicação social. Nestas condições e tendo em conta as estruturas e os comportamentos, as reduções na procura e no emprego não são uma alternativa credível.

O crescimento pode ser fonte de desigualdades acrescidas nos rendimentos porque os progressos da técnica e de organização que o acompanham são diferentes segundo os ramos e às empresas. Há sectores que confiscam ou apropriam os ganhos de produtividade de outros sectores. Lidar com a inflação passa por melhorar a produtividade e a competitividade na economia, favorecendo uma afectação optimizada dos recursos numa perspectiva técnica e social, propiciando as restruturações empresarial, social e institucional para a melhoria do desempenho interno e externo do país. Passa também por respostas aos problemas da luta pela repartição.

As políticas de acção sobre as estruturas que permitam reduzir custos e melhorar a eficiência da produção são fundamentais sobretudo se permitem a reconversão agressiva das empresas e da mão-de-obra.

ministério da INDÚSTRIA e ENERGIA

PEDIP apoia a modernização da Indústria Portuguesa.

Projectos aprovados entre 1 de Outubro e 31 de Dezembro de 1989.

PROGRAMA 2

Formação Profissional

Financiado pela Linha Orçamental Específica (LOE) do PEDIP e pelo F.S.E. com a colaboração do Ministério do Emprego e da Segurança Social

ENTIDADE	INC. APROV. em contos
AMBITEC TECNOLOGIA PARA AMBIENTE E SANEAMENTO BÁSICO, LDA.	5974
ARNEG PORTUGUESA FAB. DE EQUIPAMENTOS FRIGORÍFICOS I. e C, LDA.	5493
ARSENAL ALFEITE	29653
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL COM. DESENVOLVIMENTO PLANALTO BEIRÃO	153810
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUENSE	59361
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA	31028
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JOVENS EMPRESÁRIOS	24153
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ÓPTICOS	4381
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE CARNE	2946
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE LANIFÍCIOS	6912
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE VESTUÁRIO E CONFECÇÃO	25719
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA INDÚSTRIAS DE CALÇADO CAPS	70756
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A QUALIDADE	42826
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA ANÁLISE DE VALOR	44067
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA TECNOLOGIAS CONFORMAÇÃO PLÁSTICA	24319
ASSOCIAÇÃO REGIONAL DESENVOLVIMENTO TECNOLOGIAS INF. MADEIRA	13219
ATECNIC ACTIVIDADES TÉCNICAS INDUSTRIAIS	13143
AVEIRENSE, LDA.	6699
BEIRASOPTICA INDÚSTRIAS E COMÉRCIO DE ÓPTICA	2198
CARVALHO E NOGUEIRA, LDA.	4040
CERÂMICA BORRALHEIRA, LDA.	6508
CIDEC CENTRO INTERDISCIPLINAR ESTUDOS ECONÓMICOS	84237
CIVE COMPANHIA INDUSTRIAL VIDREIRA, SA	8473
COALTEC AMBIENTE	15112
COMPANHIA INDUSTRIAL PRODUTORA DE ANTIBIÓTICOS, SA	18648
CONFEDERAÇÃO PORTUGUESA QUADROS TÉCNICO-CIENTÍFICOS	7178
ECHO SISTEMAS E SERVIÇOS INFORMÁTICOS, LDA.	2871
EID EMPRESA INVESTIMENTO DESENVOLVIMENTO ELECTRÓNICA, SA	14974
ELO FÁBRICA NACIONAL MATERIAL AUTOMÓVEL, SA	1273
ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO	2629
FILIPE RAÇÕES, LDA.	7088
FORBITEC ASSOCIAÇÃO PARA FORMAÇÃO TÉCNICA BIOTECNOLOGIA	16731
FUNDETEC	219251
INLAN INDÚSTRIA DE COMPONENTES MECÂNICOS, LDA.	6323
INOVA INSTITUTO INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DOS AÇORES	4997
INSTITUTO DE PARTICIPAÇÕES DO ESTADO, SA/CIFAG	37435
IPETEX SOCIEDADE DE INDÚSTRIAS PESADAS TÊXTEIS	7409
LAMPRE PORTUGUESA REV. TRANSFORMAÇÃO METAIS, LDA.	17399
MACRO MOLDES PARA PLÁSTICO, LDA.	6396
MASA INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, SA	16163
METALMINER INDÚSTRIA DE MATERIAIS DE PRECISÃO	5002
MONUMAR MÁRMORES E GRANITOS, LDA.	5033
NACIONAL COMPANHIA INDUSTRIAL DE TRANSFORMAÇÃO DE CEREAIS, SA	3607
NEOCEL IMPRESSÃO MANUFACTURA, LDA.	5950
ORMIS EMBALAGENS DE PORTUGAL, SA	2865
PETRÓLEO MECÂNICA ALFA, SA	4712
PORTUCEL EMPRESA CELULOSE PAPEL PORTUGAL, EP	48846
PRODUTOS ALIMENTARES ANTÓNIO E HENRIQUE SERRANO, LDA.	1186
PULREVI PULTRUSÃO DE RESINA E VIDRO, LDA.	2573
QUEMA TÊXTIL, LDA.	3033
QUIMIGAL, SA	15067
RECAUCHUTAGEM IBÉRICA, LDA.	8429
RINAVE PORTUGUESA REGISTO INTERNACIONAL NAVAL, SA	2133
SECIL COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO, SA	5472
SETCOM ELECTRÓNICA, LDA.	9153
SIEMENS, SA	25974
SINAGA SOCIEDADE INDÚSTRIAS AGRÍCOLAS AÇOREANAS, SA	7990
SOCIEDADE GERAL METALOMECÂNICA, SA	1774
SOCIEDADE PORTUGUESA DE LAPIDAÇÃO DE DIAMANTES	2225
SOLVAY PORTUGUESA PRODUTOS QUÍMICOS, SA	1618
UNIÃO ASSOC. IND. HOTELEIRA SIMIL. CENTRO/SUL PORTUGUESA	31363
UNINOVA INSTITUTO DESENVOLVIMENTO DE NOVAS TECNOLOGIAS	136021
VICTOR GUEDES INDÚSTRIA COMÉRCIO, SA	760
TOTAL	**1402578**

Total de Cursos aprovados **817**
Total de formandos **13086**

PROGRAMA 3

Incentivo ao Investimento Produtivo

Projectos Sinpedip originais
Subcapítulo I

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
ANTÓNIO CORREIA ALVES & FILHO, LDA.	3240	23151
ATECNIC - ACTIVIDADES TECN. INDUSTRIAIS	3833	31429
CORREIA & GOMES, LDA.	3319	6807
EFACEC - EMP. FABRIL DE MÁQ. ELÉCTRICAS	3831	48691
EFACEC - EMP. FABRIL MÁQ. ELÉCT., SA	3831	18617
EID - EMP. INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	3832	75000
EMPRESA CARBONÍFERA DO DOURO	2100	19097
FORNOS E MÁQUINAS REKENA & C., LDA.	3829	11167
LIONESA - FÁB. TECIDOS LIONESA, SA	3211	12984
MALHAS ALMAGRE, LDA.	3213	41227
MAPRIL - PROD. QUÍMICOS E MÁQ. P/INDUST.	3529	75000
MAPRIL - PROD. QUÍMICOS E MÁQ. P/INDUST.	3529	75000
SIROCO - SOC. IND. ROBÓTICA E CONTROLE	3831	4900
TECNIROB - DESENV. DE EQUIP. IND., LDA.	3824	39011
TECNIROB - DESENV. DE EQUIP. IND., LDA.	3824	48000
TECNITOOLS - EMP. TECN. MOLDES CUNHOS C	3819	5077
TECNOAERO - TECNOL. AEROD. COMPOSITOS, LDA.	3560	5765
TEKA PORTUGUESA EQUIP. DE COZINHA	3819	58556
TEKA PORTUGUESA EQUIP. DE COZINHA	3819	31060
VITROHM PORT. - RESIST. ELECT., LDA.	3832	40502
TOTAL		**674040**

Subcapítulo II

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
ANTÓNIO ANDRADE E FILHOS, LDA.	3811	6072
ANTÓNIO DA COSTA B. FILHOS & CA	3211	93310
ARMANDO DA SILVA ANTUNES, LDA.	3213	83246
AUGUSTO MACHADO, LDA.	3220	21907
AUGUSTO PINTO LISBOA & FILHOS, LDA.	3211	18938
A.A. CALEM & FILHOS, LDA.	3132	31052
A.M. PEREIRA & CA., LDA.	3213	8097
BARBOTINA - FÁB. ART. CERÂMICOS, SA	3610	60276
BLOCOTELHA - COBERT. METAL. AUTOPORTANT.	3813	54188
CENTROPEL - FÁB. PAPEL CARTÃO CANELADO	3411	16181
CHAVOPERFIL - IND. METALÚRGICAS, LDA.	3811	15947
CIN - CORPORAÇÃO IND. DO NORTE, SA	3521	119369
CIPAN - COMP. IND. PROD. ANTIBIÓTICOS	3522	89095
CITERGAZ PORT. - CALDEIRARIA E MANUTE	3813	64371
COPINAQUE - EQ. DESENV. DE EMPRESAS, SA	3420	115341
COVINA - COMP. VIDREIRA NACIONAL, SA	3620	250000
CRUZ, MARTINS & WHAL, LDA.	3710	60818
DINIZ & CRUZ - VESTUÁRIO DO HOMEM, LDA.	3220	83110
DOCEFRUTA - FÁB. DE CONFEITARIA, LDA.	3119	12646
DURITE - METALURGIA PORT. TUGSTÊNIO, LDA.	3720	50827
ECOPLAS - EMP. PLÁSTICOS TÉCNICOS, SA	3353	50726
EDIÇÕES ASA - AMÉRICO DA SILVA AREAL	3420	214044
EFACEC - EMP. FABRIL M. ELÉCTRICAS, SA	3831	370405
ESMALTINA - AUTOCICLOS, LDA.	3844	53663
E.E.E. - EMP. DE EQUIP. ELÉCT., LDA.	3839	8078
FÁB. MÓVEIS S. CRISPIM	3320	13563
FÁB. CERÂMICA DE VALADARES, SA	3691	134178
FÁB. DE MALHAS SACOLE, LDA.	3213	17625
FÁB. TECIDOS DO CARVALHO, LDA.	3211	15021
FARIA & IRMÃO, LDA.	3319	18986
FAVEMO - FÁB. DE MÓVEIS, LDA.	3320	7721
FERNANDO GARCIA & QUINTINO COSTA	3240	57446
FERSIL - FREITAS & SILVA, LDA.	3560	47850
FITOR - COMPANHIA PORT. DE TÊXTEIS, SA	3211	34800
FITOR - COMPANHIA PORT. DE TÊXTEIS, SA	3211	46400
GABRIMAT - MOLDAÇÕES INDUSTRIAIS, LDA.	3560	31709
GARCIA & SILVA, LDA.	3213	19164
GIR - GABINETE IMPRESSOR, LDA.	3420	82056
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGUESA, LDA.	3832	55199
GUIMARÃES & FILHO, LDA.	3824	16789
HUGAL - IND. CALÇADO, LDA.	3240	5350
IND. TÊXTEIS SOMELOS, SA	3211	29220
INOLPA - IND. OLEIRENSE DE PAPEL, LDA.	3411	25381
INPORAB - IND. PORT. DE ABRASIVOS, LDA.	3699	53380
IRMÃOS BARROS, LDA.	3829	22097
JAMARCOL - ACESS. PARA MOTORIZADAS, LDA.	3843	10475
JOBARROS - INDÚSTRIA DE MALHAS, LDA.	3220	9223
JOSÉ MACHADO DE ALMEIDA & CA. LDA.	3211	235669
KIND - PERFIS E DERIVADOS, LDA.	3813	30652
LEMIS - SOC. IND. MÓVEIS ESTRUTURA, LDA.	3320	30715
LUSOTUFO - IND. TÊXTEIS IRMÃOS ROLAS, LDA.	3214	77526
MACHADO, CARNEIRO & LOBOS, LDA.	3212	17513
MACONDE CONFECÇÕES, LDA.	3220	64558
MACONDE CONFECÇÕES, LDA.	3220	26337
MACONDE CONFECÇÕES, LDA.	3220	65762
MACONDE CONFECÇÕES, LDA.	3220	77828
MANUEL RODRIGUES DE O. SA & F., LDA.	3215	40460
MANUFACTURA NACIONAL DE ALUMÍNIO, LDA.	3819	43831
MÁRIO ALBERTO COELHO & CA., LDA.	3220	14114
NEIVA & PEREIRA, LDA.	3211	28420
NG - OFICINAS DE PORCELANAS, LDA.	3610	10116
PETROTEC - ASSIST. TECN. R. PETROL., LDA.	3829	15633
PIMENTEL & BARBOSA, LDA.	3839	16220
PLIMAT - PLÁSTICOS INDUSTRIAIS MATOS PORTUCEL	3560	22255
PRIMOS VICTÓRIA, LDA.	3411	100546
QUINTAS & QUINTAS, SA	3610	90460
RAMIRO DE SÁ COUTO, LDA.	3215	249930
SADICEC - MÁQUINAS TÊXTEIS, SA	3412	32891
SANTOS BAROSA & CA., LDA.	3824	250000
	3620	250000

EMPRESA (CONT.)	C.A.E	INC. APROV. em contos
SICOR - SOC. INDUSTRIAL DE CORDOARIA, SA	3215	24370
SINTIGRAF - SOC. IND. TINTAS GRÁFICAS	3529	45675
SIROCO - SOC. IND. ROBÓTICA CONTROLO, SA	3819	4813
SUPERCORTE - EMP. DE CONFECÇÕES, LDA.	3220	24554
TECIDOS ARCO - EMP. IND. STO. TIRSO, SA	3211	136851
TELEVES ELECTRÓNICA PORTUGUESA, LDA.	3832	82933
TÊXTIL LOBO & MACHADO. LDA.	3213	9526
VALENTIM SANTOS, LDA.	3420	76010
VIDROPLAS - IND. PLÁSTICOS E VIDROS, LDA.	3560	42600
TOTAL		**4944105**

Subcapítulo III

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
ACATEL - ACABAMENTOS TÊXTEIS, LDA.	3211	10344
ACUMULADORES AUTOSIL, SA	3829	7675
ACUMULADORES AUTOSIL, SA	3829	4209
AMÉRICO COELHO RELVAS SUCRS, LDA.	3819	2303
CABELTE - CABOS ELÉCTRICOS E TELEF., SA	3829	44120
CIN - CORPORAÇÃO IND. DO NORTE, SA	3521	17340
COMANOR - COMP. M. METAL. DO NORTE, SA	3813	16187
COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO, SA	3411	8143
COMPANHIA PORTUGUESA DO COBRE, SA	3720	29741
COTESI - COMP. DE TÊXTEIS, SA	3211	20425
FÁBRICA DE TINTAS 2000, LDA.	3521	13873
FÁB. PORTUGUESA DE SEGMENTOS, LDA.	3843	4187
FIACO - FIAÇÃO DE ALGODÕES DE COIMBRA	3211	21048
F. RAMADA AÇOS E INDÚSTRIAS, SA	3710	30058
GRANETOS - MÁRMORES E GRANITOS, LDA.	3699	11695
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA.	3832	23571
IND. TÊXTEIS SOMELOS, SA	3211	55376
JOSÉ MACHADO DE ALMEIDA & CA, LDA.	3211	24979
LUCINDA - INDÚSTRIA DE FERRAGENS, LDA.	3819	6375
MACONDE CONFECÇÕES, LDA.	3220	14154
MANUEL RODRIGUES DE LIMA & F., LDA.	3215	2481
MAP - MATÉRIAS PLÁSTICAS, LDA.	3560	4600
PERSUINOS, SA	3111	52737
PROCALÇADO - PROD. COMPONENTES P/CALÇ.	3559	23851
QUINTAS & QUINTAS, SA	3215	13760
QUINTAS & QUINTAS, SA	3215	6978
RECER - IND. REVESTIMENTOS CERÂMICOS	3691	10787
SDAC - SOC. DEFESA ÁGUAS RIO CAVADO	3211	24548
SIAF - SOC. INIC. APROV. FLORESTAIS, SA	3311	75000
SIAF - SOC. INIC. APROV. FLORESTAIS, SA	3311	18800
SIMÃO & CIA - COMÉRCIO E INDÚSTRIA, SA	3115	2696
SINTIGRAF - SOC. IND. TINTAS GRÁFICAS	3529	31956
SISTEL - COMUNICAÇÕES E SISTEMAS, SA	3832	75000
SOFITE - SOC. IND. FIBRAS TÊXTEIS, SA	3211	5445
SOMIT - SOC. MADEIRAS IND. TRANS., SA	3320	6864
TECIDOS ARCO - EMP. IND. STO. TIRSO, SA	3211	56545
TECNISATA INDÚSTRIA METALOMECÂNICA	3822	10196
TINTAS BERGER (PORTUGAL), SA	3521	18621
TOPACK - INDÚSTRIA DE PLÁSTICOS, LDA.	3560	6065
URFIC - URBANO FIGUEIREDO DE CRUZ	3811	7125
VITEXPLAS - TECIDOS INDUSTRIAIS, LDA	3211	3274
TOTAL		**823129**

Subcapítulo IV

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
A NOVA CERÂMICA DE CHAVES, LDA.	369110	7300
A. DOMINGOS BARROS & C.ª, LDA.	331130	3200
A. PIMENTA, LDA.	322020	560
A. SILVA MATOS — INDÚSTRIA METALÚRGICA	381310	184
ALBUQUERQUE E FREITAS, LDA.	383000	575
ANTÓNIO DO VALE, LDA.	342012	352
ARAÚJO & FERREIRA,, LDA.	321300	195
AREAL & TORRES, LDA.	322020	1796
ARTUR M. DA COSTA E SILVA GONÇALVES, LDA.	324010	1172
BASTOS E VIANA — CARPINTARIA E CONST. CIVIL	331929	1120
BEIRA ADUBO — FÁBRICA PORTUGUESA DE ADUBOS	351215	309
BEIRA ADUBO — FÁBRICA PORTUGUESA DE ADUBOS, LDA.	351215	3683
CARLOS PIMENTA MACHADO, LDA.	000000	3680
CARPINTARIA MECÂNICA FERNANDES, LDA.	331120	274
CAVES DO SOLAR DE SÃO DOMINGOS, S.A.	313210	1651
CAVES DO SOLAR DE SÃO DOMINGOS, S.A.	313210	2732
CELMEX — CENTRO DE ESTUDOS E LABORAÇÃO MOLDES	381990	630
COMPANHIA DE LINHA COATS & CLARK, LDA.	321130	8692
CORREIA & COMP., LDA.	321130	3400
DAVID DE ALMEIDA & CASTRO, LDA.	321130	2009
DAVID VALENTE DE ALMEIDA, LDA.	384330	2376
DIEMALVE — SOC. IND. DE PROD. ALIMENTARES, LDA.	312199	1710
EMPOBOR — EMP. PORTUGUESA DE BORRACHAS, LDA.	355990	1043
ESTAMPARIA TÊXTIL ADALBERTO PINTO SILVA	321130	2318
ESTAMPARIA TÊXTIL ADALBERTO PINTO SILVA	321130	3322
ETERNA FLOR — FABRICANTE DE FLORES ARTIF.	390990	2853
FÁB. DE FIAÇÃO DOS CASAIS, LDA.	321130	12000
FÁB. DE TECIDOS VIÚVA CARLOS SILVA AREIAS	321130	12000

EMPRESA (CONT.)	C.A.E	INC. APROV. em contos
FABOR — FÁBRICA ARTEFACTOS DE BORRACHA	355 990	8 692
FATRAPLAS — FÁB. TRANSFORMADORA DE PLÁSTICO	356 000	2 931
FELMICA — SOC. MINEIRA CARRASQUEIRA, S.A.	290 990	646
FLORAL — SOC. PERFUMARIAS E PROD. QUÍMICOS, LDA.	352 320	3 033
FORTUNATO O. FREDERICO E C.ª, LDA.	324 090	1 588
FRANCISCO SILVA & JOÃO PEDRO, LDA.	331 120	196
GRAMINHO — GRANITOS DO MINHO, LDA.	369 950	1 692
GUILHERME GOMES DOS SANTOS & C.ª, LDA.	381 130	2 945
GUIMARÃES & FILHO, LDA.	382 310	635
IND. METAL. VENEPORTE, LDA.	384 330	4 787
IND. METAL. VENEPORTE, LDA.	384 330	3 142
INDÚSTRIAS METÁLICAS VENEPORTE, LDA.	384 330	702
J. A. ABRANTES PINHEIRO & FILHOS, LDA.	321 300	1 528
JOÃO BROGUEIRA, LDA.	324 090	1 337
JOÃO ROLANDO & MATEUS, LDA.	381 130	460
JORVEL CONFECÇÕES, LDA.	322 020	648
JOYCE — FÁB. MAL. JORGE M. S. CARAPINHEIRA	321 300	1 011
KUNG PORTUGUESA — CONFECÇÕES DE VESTUÁRIO	322 020	1 319
LINDNER PORTUGUESA TINTAS SCHMIDT, LDA.	352 970	6 650
M. MONTEIRO & COSTA, LDA.	322 020	4 700
MALHAS SONIX, LDA.	321 300	3 065
MANUEL FERREIRA DA COSTA	332 010	1 222
MANUEL FRANCISCO ASSIS PEIXOTO DE AMORIM	331 110	513
MANUEL JUSTINO FERREIRA PINTO & FILHO, LDA.	331 110	800
MARI — SPORT CALÇADO, LDA.	324 010	584
MECANIVOUGA CONSTR. E MONTAGENS MECÂNICAS	381 130	566
MOORE PARAGON PORTUGUESA, LDA.	342 012	7 800
NOVEMBOL — MÓVEIS E MOLDURAS, LDA.	332 010	654
MUNDIMOLDE — FÁBRICA DE MOLDES, LDA.	381 990	259
PINHOS & RIBEIRO, LDA.	381 990	1 480
PIVOT CONFECÇÕES, LDA.	322 020	4 700
POLIPRODE POLIMEROS E PRODUTOS PLÁSTICOS	356 000	1 356
RECAUCHUTAGEM GUIENSE, LDA.	355 120	1 081
REPROSCAN — REPRODUÇÃO GRÁFICA, LDA.	342 019	4 023
ROEDERSTEIN — ELECTRÓNICA PORTUGAL	383 200	2 761
SOCIEDADE IRMÃOS MIRANDA, LDA.	384 400	1 920
SOUSA CARREIRA & SILVA, LDA.	342 012	1 325
STRACON (PORTUGAL) IMP. E EXP. CONFEC., LDA.	322 020	2 250
TÊXTEIS ALBERTO SANTOS — MALHAS E CONF., LDA.	321 300	4 775
ULISSES E IRMÃO, LDA.	332 010	504
VIEIRA E IRMÃO, LDA.	324 010	450
VISIDÃO — SOC. TRANSF. DE PAPEL DO DÃO, LDA.	341 120	1 900
ZARDUS INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADO, LDA.	324 010	357
TOTAL		174 122

Projectos Transferidos do SIBR
Subcapítulo II

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
ABOLFEL — TÊXTEIS, LDA.	3 212	75 558
ANTEL — ANTENAS E ELECTRÓNICA, LDA.	3 839	4 945
ANTÓNIO JOSÉ LOPES DA COSTA	3 220	10 438
ANTÓNIO MEIRELES & C.ª, LDA.	3 829	8 294
B. SOUSA DIAS & FILHOS	3 211	44 701
CACM — COOP. AGRÍC. CRIAD. MINHOCAS, LDA.	3 512	56 625
CARLOS SOUSA, LDA.	3 211	10 537
CERAMIGRES — FÁB. LOUÇA DE FORNO M., LDA.	3 610	37 515
CERTECA — CERÂMICA TÉCNICA, S.A.	3 691	195 622
CORDEX — COMPANHIA INDUST. TÊXTIL, S.A.	3 215	205 001
CORREIA, S.A. & C.ª, LDA.	2 511	5 491
CRANK — ACES. CICLISMO E AUTOMÓVEIS, LDA.	3 843	7 096
C. M. PRAÇA DE ALMEIDA, LDA.	3 829	8 725
DATAPRODUCTS CORPORATION	3 909	101 298
DOMINGOS VAZ PINHEIRO, LDA.	3 211	31 065
DURAMOLDES — IND. MOLDES, CUNHOS, CORT. LDA.	3 710	14 035
EDUARDO GALRÃO JORGE E IRTMÃO, LDA.	3 699	48 079
ETIQUETAS BATISTA DE LIMA & F., LDA.	3 219	7 155
FÁBRICA DE CALÇADO RAFAEL, LDA.	3 240	42 268
FÁB. TÊXTIL RIOPELE, S.A.	3 211	250 000
FAMEL — FÁB. DE PRODUTOS METÁLICOS, S.A.	3 844	15 984
FAMOPEP — FÁB. MOLDES, PLÁST. TÉCNICOS, LDA.	3 560	49 823
FANJO — FÁB. INTERN. DE CONF., LDA.	3 220	24 327
FERNANDO LOPES — CORTIÇAS E REPRESENT.	3 319	15 021
FERO — FÁB. ESC. ROCHAS ORNAMENT., LDA.	3 699	25 402
FERREIRA ALVES & CARVALHO, LDA.	3 240	31 214
FIASIL — IND. DE CALÇADO, LDA.	3 240	17 306
FRILIXA — FÁB. PORT. ACESS. FRIGORÍFICOS	3 829	26 854
F.C.I. — FÁB. COMPONENTES INDUST., LDA.	3 813	12 957
GRANISINTRA — MÁRMORES E GRANITOS, LDA.	3 699	80 408
GRUNDING ELECTRÓNICA PORTUGAL, S. A.	3 832	61 364
INACOR — IND. AGLOMERADOS CORTIÇA, S. A.	3 319	56 333
INDASA — IND. ABRASIVOS, S. A.	3 699	19 937
INDETIL — IND. DE ETIQUETAS, LDA.	3 419	13 939
INDUVIDRO — IND. VIDRO E ESPELHOS, LDA.	3 620	11 831
JABEN — IND. METALÚRGICAS, LDA.	3 811	5 436
JAIROL — SOC. FERRAGENS, LDA.	3 811	11 258
JOÃO DE BARROS RODRIGUES & F., LDA.	3 551	11 712
JOÃO RIBEIRO DA CUNHA, FILHOS, LDA.	3 211	27 992
JOSÉ ALBERTO C. A. & C.ª, LDA.	3 812	71 179
JOSÉ FERNANDO DA COSTA ABRANTES, LDA.	3 610	14 323
JOSÉ RAMALHO, LDA.	3 240	3 815
J. ROLDÃO SEIÇA & TAVARES, LDA.	3 551	20 051
LEITE & OLIVEIRA, LDA.	3 212	28 009
LIMA & C.ª, LDA.	3 220	28 751
LITARTE — LITOGRAFIA ARTÍSTICA, LDA.	3 420	23 899
LN — MOLDES, LDA.	3 819	15 279
LUALPERO — TAPETES, S.A.	3 214	13 857
MALHAS CARJOR, LDA.	3 213	5 104
MANSILHAS & C.ª, LDA.	3 811	8 311
METALCAPOTE — IND. MET., LDA.	3 819	14 292
METALÚRGICA CENTRAL DE GONDOMAR, S. A.	3 819	9 920
METALÚRGICA LEVIRA, LDA.	3 812	57 959
METAVIL — EMP. TRANSF. METALO VIDERIRA, LDA.	3 824	7 957
MIRANDA & IRMÃO, LDA.	3 844	15 426
MOBILUSA — IND. DE MOBILIÁRIO, S. A.	3 320	25 329
MOLCER — MOLDES EQUIP. CERÂMICOS, LDA.	3 610	12 544
MUNDOTÊXTIL I — SOC. EXPORT. TÊXTEIS, LDA.	3 212	98 417
ORGANIZAÇÃO GRÁFICA CALHEIROS, LDA.	3 420	24 650
PEDRO PORTUGUESA — FÁB. DE CALÇAS, LDA.	3 220	18 219
PORTUCEL — EMP. CEL. PAPEL PORTUGAL, E. P.	3 411	49 293
RAFAEL VALENTE & MOTA, LDA.	3 420	19 226

EMPRESA (CONT.)	C.A.E	INC. APROV. em contos
RICARDO GALLO — VIDRO DE EMBALAGENS, S. A.	3 620	200 906
RODRIGUES & PEREIRA, LDA.	3 720	11 589
SIMOLDES AÇOS, LDA.	3 824	55 766
SIMOLDES PLÁSTICOS, LDA.	3 560	46 174
SOC. FAINER DE FERRAGENS, LDA.	3 811	11 231
SOC. TÊXTEIS LUÍS CORREIA	3 211	67 455
SOFITE — SOC. IND. FIBRAS TÊXTEIS, LDA.	3 211	12 220
TECETÊXTIL — SOC. INDUST. TÊXTIL, LDA.	3 211	14 640
TOCHA — MADEIRAS E DERIVADOS	3 311	45 741
TRAMA — TRANSF. DE MADEIRAS, LDA.	3 220	11 047
T. J. MOLDES — F. M. ACESS. P/ IND. PLÁST., LDA.	3 819	60 355
TOTAL		2 806 479

Subcapítulo III

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
CARLOS PIMENTA, LDA.	3 213	12 141
PEDREIRAL — PEDREIRAS DE ALMOSTER, LDA.	2 901	8 550
TOTAL		20 691

Projectos Candidatos a Reestruturação de Lanifícios

EMPRESA	C.A.E	INC. APROV. em contos
FIANDEIRA CASTANHEIREINSE — IND. TÊXTIL	3 211	225 000
FIANDEIRA MIRENSE	3 211	131 656
JOÃO INÁCIO DA CONCEIÇÃO & FILHOS	3 211	18 100
JOAQUIM PRATA & FILHOS	3 211	48 950
JOSÉ ESTEVES FIADEIRO	3 211	86 221
M. CARMONA & IRMÃOS	3 211	157 332
M. LOURENÇO, LDA.	3 211	53 106
NOVA PENTEAÇÃO E FIAÇÃO DA COVILHÃ	3 211	225 000
SOC. TÊXTIL MANUEL RODRIGUES TAVARES	3 211	225 000
TOTAL		1 170 365

PROGRAMA 5
Missões de Produtividade

ENTIDADE	Medida/ /Acção	INC. APROV. em contos
ACE CENTREL & CUNHA BARROS - FNAC	2.3.1	28 000
AMORIM & IRMÃOS, SA	2.3.2	2 500
AMORIM & IRMÃOS, SA	2.3.1	14 714
ANTÓNIO PEREIRA VIDAL & FILHOS	2.3.2	272
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA BEIRA	2.2.2	3 187
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA BEIRA	2.5.2	8 080
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA BEIRA	2.2.2	4 667
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA FIGUEIRA DA FOZ	1.3	2 500
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA FIGUEIRA DA FOZ	2.5.2	9 000
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DE CORDOARIA E REDES	2.5.1	5 427
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS E EXPORTADORES DE CORTIÇA	2.5.1	5 080
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS E EXPORTADORES DE CORTIÇA	2.3.2	6 650
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS E EXPORTADORES DE CORTIÇA	2.3.1	980
ASSOCIAÇÃO DOS INDUST. E EXPORTADORES DE CORTIÇA DO NORTE	2.5.1	5 080
ASSOCIAÇÃO DOS INDUST. E EXPORTADORES DE CORTIÇA DO NORTE	2.3.1	980
ASSOC. DOS INDUST. METALÚRGICOS E METALOMECÂNICOS DO NORTE	2.3.1	14 320
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO DO OESTE	1.4	10 409
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO DO OESTE	2.5.2	7 975
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DO MINHO	2.5.2	9 506
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE	1.2.1	880
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE	2.2.2	9 000
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE	2.3.1	16 760
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA	2.2.1	11 500
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA	1.4	13 391
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE MADEIRA	2.5.1	4 800
ASSOCIAÇÃO NAC. DAS INDÚSTRIAS TÊXTEIS, ALGODOEIRAS E FIBRAS	2.5.1	5 880
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EXPORTADORES DE OURIVESARIA	2.3.2	4 416
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DO RAMO AUTOMÓVEL	1.4	6 650
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DO RAMO AUTOMÓVEL	2.5.2	6 130
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE ARROZ	2.1	3 698
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE ARROZ	2.1	6 058
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE BARRO VERMELHO	2.5.1	1 443
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE LANIFÍCIOS	2.2.2	5 650
ASSOCIAÇÃO NAC. DOS INDUSTRIAIS DE VESTUÁRIO E CONFECÇÕES	1.4	8 624
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TORREFACTORES	1.4	7 092
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FABRICANTES DE PAPEL E CARTÃO	2.4	2 389
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS FABRICANTES DE TINTAS E VERNIZES	1.3	5 000
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS FABRICANTES DE TINTAS E VERNIZES	2.5.1	4 852
ASSOC. PORTUG. DOS INDUST. DE CALÇADO E COMP. ART. PELE E SUC.	1.4	15 000
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CURTUMES	2.5.1	4 309
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CURTUMES	2.3.2	11 832
AUDITERG	2.2.1	5 775
BASILIUS EMPRESA PRODUTORA DE CALÇADO, SA	2.3.2	987
CAMPOS & FILHOS, LDA.	2.3.2	1 303
CEDES	2.2.1	6 200
CENTRO TECNOLÓGICO DE CERÂMICA E DO VIDRO	2.4	9 028
CENTRO TECNOLÓGICO DA CERÂMICA E DO VIDRO	2.2.1	5 802
CIDEC	2.2.1	8 500
CITROEN LUSITÂNIA, SA	1.1	73 525
COOPERS & LYBRAND, LDA.	2.1	5 000
COOPERS & LYBRAND, LDA.	2.2.1	6 500
CORDEX COMPANHIA INDUSTRIAL TÊXTIL, SA	2.3.1	28 000
CORTICEIRA AMORIM, SA	2.3.1	7 412
COTESI COMPANHIA DE TÊXTEIS SINTÉTICOS, SA	2.3.2	252
CTV CONFECÇÕES TÊXTEIS DE VOUZELA, LDA.	1.1	16 281
EDUARDO ALVES & FILHOS, LDA.	2.1	910
ESMALTAL FÁBRICA DE PRODUTOS ESMALTADOS DO NORTE, SA	2.3.2	521
ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO, EP	1.1	38 650
EURO ARS TÉCNICA GESTÃO E PARTICIPAÇÕES, SA	2.3.1	28 000
EUROFER FÁBRICA EUROPEIA DE FERRO MALEÁVEL, SA	1.1	79 296
FÁBRICA DE CERÂMICA DE VALADARES, SA	2.3.1	13 050
FÁBRICA TÊXTIL DE VIZELA, LDA.	1.1	74 949
FACMIL FÁBRICA DE COMPONENTES MECÂNICOS INDUSTRIAIS, LDA.	2.3.2	433
FERSIL FREITAS & SILVA, LDA.	2.3.2	1 280
FNAC FÁBRICA NACIONAL DE AR CONDICIONADO, UCRL	2.3.2	1 500
FNAC INDÚSTRIA TÉRMICA, SA	2.3.1	23 704
FONCAR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL TÊXTIL	2.3.1	12 979

ENTIDADE (CONT.)	C.A.E	INC. APROV. em contos
FRANCISCO ANTÓNIO DA SILVA & FILHOS, LDA.	1.1	31 728
GLOBALSIS ENGENHARIA DE SISTEMAS, SA	2.2.1	8 500
HABIDECOR INDÚSTRIA TÊXTIL PARA HABITAÇÃO, LDA.	2.3.2	3 520
INDÚSTRIA DE FIBRAS DE MADEIRA, SA	2.3.2	132
INDÚSTRIAS NACIONAIS DE DEFESA, EP	2.3.2	3 291
INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE	1.3	2 500
INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE	2.2.1	11 420
INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE	2.2.1	11 420
INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE	2.2.1	11 500
IPOCORK INDÚSTRIA DE PAVIMENTOS E DECORAÇÃO, SA	2.3.1	11 998
J. MOREIRA DA SILVA & FILHOS, LDA.	2.3.2	1 280
JB CORSINO, LDA.	1.1	36 080
JB CORSINO, LDA.	1.1	25 790
JOSÉ CARVALHO COIMBRA & CA., LDA.	2.1	240
LISPRENE PROJECTOS MECÂNICOS FABRIS, LDA.	1.1	33 722
LONGRA INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO PARA ESCRITÓRIO, SA	1.1	41 617
LUSOTUFO INDÚSTRIAS TÊXTEIS IRMÃOS ROLAS, SA	1.1	30 633
MÁQUINAS PINHEIRO, LDA.	2.3.2	626
NOREMA PORTUGUESA COMPONENTES PARA CONSTRUÇÃO CIVIL	2.3.2	1 364
NORMAX FÁBRICA DE VIDROS CIENTÍFICOS, LDA.	2.3.2	256
PAVIGRES FÁBRICA DE PAVIMENTOS E REVESTIMENTOS, SA	2.3.2	1 500
PAVIGRES FÁBRICA DE PAVIMENTOS E REVESTIMENTOS, SA	2.3.2	1 488
PORTUCEL EMPRESA DE CELULOSE E PAPEL DE PORTUGAL, EP	1.1	66 400
SALVADOR CAETANO INVESTIMENTOS, SA	2.3.2	2 337
SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO, SA	2.3.1	10 250
SELDEX SOC. DE EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIO, SA/CORTAL SA	2.3.2	1 500
SIEMENS, SA	2.3.2	1 500
SIEMENS, SA / INDELMA / EMPTEL	2.3.1	12 668
SOBERANA CORTICEIRA, SA	2.3.1	23 750
SOBRINCA BRINQUEDOS E UTILIDADES PARA CRIANÇA	1.1	34 510
SOCIEDADE DE GASES E PRODUTOS QUÍMICOS, SA	2.2.1	7 000
SONAE PRODUTOS E DERIVADOS FLORESTAIS	2.2.1	6 500
SONAE PRODUTOS E DERIVADOS FLORESTAIS	2.3.1	15 539
SONAE PRODUTOS E DERIVADOS FLORESTAIS	2.3.1	20 004
SOREFAME SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, SA	2.2.1	8 023
TEXCORK INDÚSTRIA DE CORTIÇA, LDA.	2.3.2	312
TRIAES & NUNES, LDA.	2.3.2	260
UNIÃO GERAL DE TRABALHADORES	1.3	3 400
UNIÃO GERAL DE TRABALHADORES	1.3	3 400
UNICER UNIÃO CERVEJEIRA, SA	1.1	50 841
VALÉRIO CORK INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CORTIÇA, SA	2.3.1	20 566
XITOGRES CERÂMICA ARTÍSTICA DE GRES, LDA.	2.3.2	1 242
TOTAL		1 304 932

CÓDIGOS MEDIDAS/ACÇÕES PROGRAMA 5

1.1 — Acções de Demonstração
1.2 — Promoção Cooperação Interempresas
1.2.1 — Dinamização Cooperação
1.2.2 — Programas Comunitários
1.3 — Promoção Higiene Segurança Trabalho
1.4 — Estudos
2.1 — Capacidade Gestão de Empresas
2.2 — Capacidade Assistência Técnica
2.2.1 — Centros Competência
2.2.2 — Rede Extensão Industrial
2.3 — Acesso Mercados
2.3.1 — Prospecção Mercado Externo
2.3.2 — Divulgação Capacidade Produtiva
2.4 — Informação Indústria
2.5 — Estruturas Associativas
2.5.1 — Participação Organizações CEE
2.5.2 — Reforço Capacidade Técnica

PROGRAMA 6
Missões de Qualidade e Design Industrial

ENTIDADE	Medida	INC. APROV. em contos
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE VESTUÁRIO E CONFECÇÃO	H	17 940
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESIGN	H	22 103
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESIGN	H	24 118
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS FABRICANTES DE TINTAS E VERNIZES	A2	672
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GASES COMBUSTÍVEIS	A1	1 355
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GASES COMBUSTÍVEIS	A1	3 322
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GASES COMBUSTÍVEIS	A1	20 473
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GASES COMBUSTÍVEIS	A2	4 026
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INDUSTR. DE CERÂMICA DE CONSTRUÇÃO	H	25 000
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA QUALIDADE	E	567
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA QUALIDADE	I	6 706
ARISTON	G	4 247
CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL P/ A INDÚSTRIA DE CERÂMICA	A1	21 713
CLIMAR	G	1 776
CENTRO TECNOLÓGICO DA CERÂMICA E DO VIDRO	A1	36 600
CENTRO TECNOLÓGICO DA CERÂMICA E DO VIDRO	E	8 897
FRIPORTUS	G	633
INSTITUTO DE CIÊNCIA APLICADA E TECNOLOGIA DA FCUL	D	5 838
INSTITUTO ELECTROTÉCNICO PORTUGUÊS	A1	76 811
INSTITUTO ELECTROTÉCNICO PORTUGUÊS	A1	23 815
INSTITUTO DE SOLDADURA E QUALIDADE	A1	38 365
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	142 400
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	47 200
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	19 200
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	76 080
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	78 960
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	A1	42 640
LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL	E	2 935
MATÉRIAS PLÁSTICAS	G	3 457
PRODUTEC	D	4 338
SALVADOR CAETANO	F	856
TOTAL		763 043

CÓDIGOS MEDIDAS PROGRAMA 6

A1 Projectos de Investimento que visem a criação ou ampliação de Laboratórios de Ensaio ou Metrológicos para prestação de serviços no quadro do Sistema Nacional de Gestão da Qualidade.
A2 Projectos de Investimento que visem a reestruturação de Organismos com funções de Normalização Sectorial, de Certificação Sectorial e de Inspecção Técnica ou de Auditoria.
B Campanha de Motivação para a Qualidade e o Design Industrial.
E Apoio à actividade normativa.
F Promoção da calibração de instrumentos de medição.
G Promoção da utilização de sistemas de certificação.
H Iniciativas de promoção do Design Industrial.
I Apoio às Associações Profissionais e Sociais, com exclusão das patronais e sindicais.

Nota: Os valores dos incentivos indicados são susceptíveis de eventuais alterações.

PEDIP PROGRAMA ESPECÍFICO DE DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Caracterizado por pomares velhos disseminados por micro-explorações, trabalhados por agricultores idosos sem meios financeiros e afectado pela concorrência das importações, o Oeste resiste e prepara-se

Oeste pode produzir o dobro da fruta

Pomares envelhecidos e explorações pulverizadas caracterizam a fruticultura da zona do Oeste, que se debate ainda com problemas de comercialização e normalização. Júlio Sebastião, presidente da recém-eleita Direcção da Associação dos Agricultores do Oeste (AAO), deu-nos conta das realidades destes agricultores, que, há bem pouco, cortaram as estradas no Bombarral e marcharam sobre Lisboa.

Mudar aquelas características exige meios financeiros e uma política de reformas antecipadas.

Se, quanto aos primeiros, o Governo estuda a forma de actuar, na segunda, ainda não há coisa alguma.

Rejuvenescer pomares

Júlio Sebastião explica com a ocorrência das movimentações de protesto a abertura governamental, protagonizada pelo novo ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, quanto à questão do crédito.

O Governo está a estudar, com efeito, a criação de uma linha de crédito com juros bonificados, que se juntará ao actual subsídio de 37,5 por cento a fundo perdido, destinada ao rejuvenescimento dos pomares.

Para o dirigente agrícola, «*os agricultores, só com os 37,5 por cento a fundo perdido, iam à falência*».

Exemplifica: «*Para preparar um pomar com cerca de três hectares, são precisos à volta de 10 mil contos, para arranjar a terra, comprar árvores, instrumentos de rega gota a gota... Assim, o agricultor ficaria a dever à Banca cerca de seis mil contos. Como o pomar só começa a produzir ao fim de sete anos, o agricultor fica com duas hipóteses: ou o muda todo, e está aquele tempo a pagar juros sem receber qualquer rendimento, ou renova a pouco e pouco, e acaba por nunca haver reconversão total*».

A Zona Agrária das Caldas da Rainha, diz, produz 76 por cento da pera rocha de Portugal, numa média de 30 toneladas por hectare. «*Se os pomares não estivessem envelhecidos, a produção podia chegar às 60 ou às 70 toneladas*». Refira-se que a idade média das pereiras é de 30 a 40 anos e a das macieiras de 10 a 15.

Concentrar explorações

Além desta velhice, os pomares do Oeste, no que respeita à principal fruta produzida (a pera), têm ainda o problema do seu desordenamento que, cruzado com as reduzidas dimensões das explorações, provoca grandes perdas de produtividade e encarece os preços.

Como aponta Júlio Sebastião, «*os pomares têm as qualidades todas misturadas*».

O que é que isto dá? «*Dá que repetimos quatro vezes por ano o tratamento e a apanha, devido às qualidades diferentes*». Tantas outras vezes que os agricultores percorrem as suas diversas explorações a cuidar das árvores por elas espalhadas. «*Na apanha, anda-se uma hora numa propriedade, outra hora noutra. No tratamento das árvores, também têm de se correr as propriedades todas*».

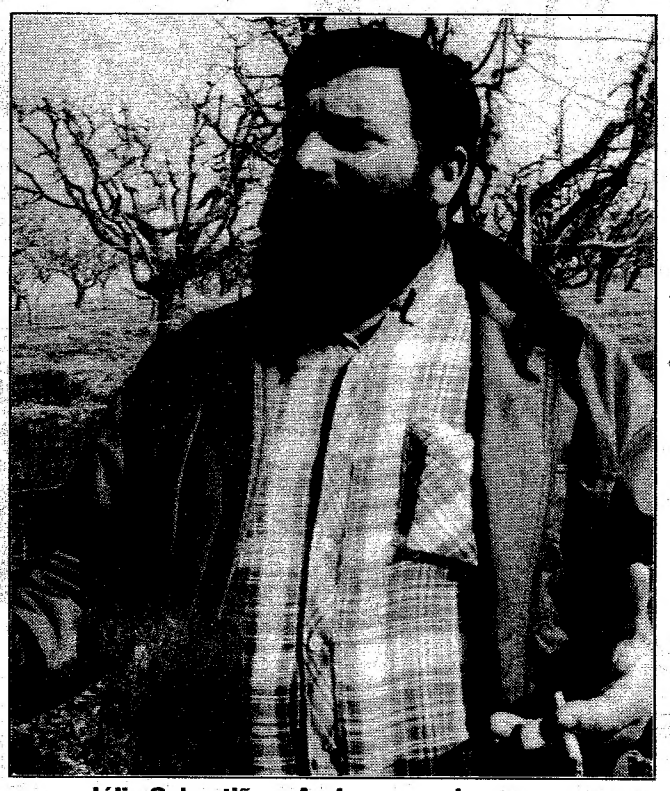
Se as diversas parcelas estivessem juntas, «*fazia-se tudo em metade do tempo*». Por outro lado, «*se tivessem cinco ou seis hectares, e não 0,5 em média, havia bombas de rega e não andávamos a transportar água de um lado para o outro*».

Desta forma, «*isto não é rentável e encarece sempre o produto*».

Depois de estimar em quatro, cinco hectares a dimensão mínima para a fruticultura ser rentável, Júlio Sebastião afirma que «*com reformas antecipadas, podia-se avançar na junção das propriedades. É que, como a dimensão é pequena e as explorações dispersas, passamos o dia a andar de um lado para o outro*».

Normalizar depressa

Este é «*um dos pontos que mais nos tem preocupado*». Júlio Sebastião entende que «*a normalização já devia ser obrigatória, para não entrar no nosso País tanta fruta estrangeira*». Ao mesmo tempo, denuncia que existem «*interesses políticos*» na manutenção da não-normalização, «*para facilitar a importação, porque o Governo recebe 12 por cento por cada quilo importado*».



Júlio Sebastião: «Anda-se uma hora numa propriedade, outra hora noutra...»

Após defender a fruta portuguesa («*tem mais qualidade que a estrangeira; tem é menos apresentação*»), exige «*a apreensão de toda a fruta portuguesa não normalizada, onde quer que apareça, porque a qualidade vai com a normalização*».

A existência de várias casas de calibragem (onde a fruta é separada por diâmetros) merece-lhe o seguinte comentário: «*Do que nós precisamos é de uma só casa e não de estas todas, cada uma com seu preço, porque assim o intermediário brinca connosco*».

Mercados de origem

Sobre os mercados de origem, diz Júlio Sebastião: «*Acredito pouco neles, como estão a pô-los em funcionamento, porque o intermediário, com a fruta da produção exposta no mercado, encosta o agricultor à parede e dá-lhe o preço que quiser*».

Isto seria evitado, considera, se se seguisse o exemplo de Espanha, onde a venda funciona com base na amostragem. «*Quanto muito, perderia 10 quilos, não 10 toneladas*».

Para Júlio Sebastião, um mercado de origem deveria funcionar como casa de embalamento e venda ao grossista.

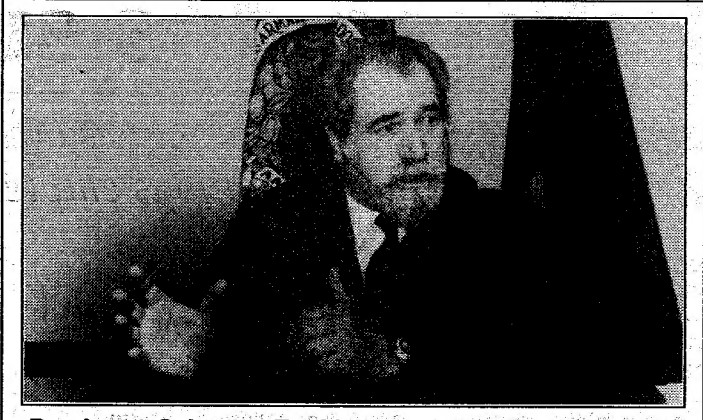
Organização associativa

No último domingo foi eleita a direcção da AAO, que abrange um universo potencial de 2500 agricultores.

Entre os seus objectivos destacam-se a instalação de uma sede no Bombarral, a formação de técnicos e a criação de uma estrutura agro-alimentar, destinada à transformação de frutos não comercializáveis.

Para esta estrutura - que produzirá sumos, compotas e conservas - já existem manifestações de interesse originárias da África do Sul e EUA.

Rui Nunes



Domingos Galante: «Espírito associativo está em crise»

Impasse constitui «golpe profundo»

Armazenistas exigem mercado abastecedor

É «*imperativa*» a construção do Mercado Abastecedor de Lisboa, concluiu o Congresso da Associação Nacional dos Armazenistas, Importadores e Exportadores de Frutas e Produtores Hortícolas (ANAIEF), realizado no último mês.

Domingos Galante, secretário-geral da organização, disse ao "DL" que a realização desta reunião magna da ANAIEF foi «*uma reacção*» ao protelamento, pelo Governo , da decisão respeitante aos terrenos indicados para a construção daquele mercado.

O facto da decisão ainda não ter sido tomada «*constitui um golpe profundo nas aspirações dos operadores*» e está a alimentar a valorização dos terrenos. Situados em Loures, o seu valor passou de dois milhões de contos para quase três.

Se se perder esta área, as hipotéticas alternativas (Vila Franca de Xira e Cascais) não agradam. «*São longe*».

O Congresso concluiu que «*não se poderá admitir que os únicos terrenos disponíveis (...) possam vir a ser afectados a outros fins(...). De outro modo, não será possível assegurar o abastecimento público de produtos hortofrutícolas à Região de Lisboa, em aceitáveis condições de qualidade e preços(...)*».

Para este dirigente empresarial, «*o Governo não pode desinteressar-se, porque o Mercado será uma estrutura de interesse público. Se for entregue à iniciativa privada, os seus exploradores repercutirão os custos sobre os preços e os produtos ficarão muito caros*». Assegurar a gestão através de uma «*empresa mista*» é a fórmula que colhe o seu agrado.

Concentrar oferta

O secretário-geral da ANAIEF define o Mercado Abastecedor de Lisboa como uma «*Bolsa de Mercadorias*» onde a oferta seria concentrada «*para evitar preços excessivos*», já que «*sem concentração dos produtos não há transparência de preços*».

Domingos Galante afirma que «*se a produção não concentrar os produtos para os submeter ao controlo do mercado, dar-se-á uma pressão dos importadores, com desvantagens económicas para o País e desincentivos para a produção nacional*».

Verticalizar a organização

Transformar a ANAIEF numa «*organização interprofissional*» foi outra das conclusões do Congresso, justificada pela «*aceleração da vida económica* », que «*não se compadece com a existência de estruturas associativas anquilosadas, com fraca participação e intervenção insuficiente dos interesses representados na vida associativa*».

A ideia é criar uma estrutura que represente produtores, comerciantes e industriais do sector «*para concertar políticas*». Coordenar actividades para fomentar a exportação, é uma das intenções. Criar uma "secção interprofissional para os mercados abastecedores" , um dos primeiros objectivos.

Representante dos comerciantes de frutas frescas, frutos secos, batata de consumo e de semente, bananas e hortofrutícolas industrializados, a ANAIEF tem 700 associados, dos quais 500 pagam as respectivas quotizações.

Domingos Galante reconhece que «*há uma crise do espírito associativo*» e que há quem se sirva da associação só para os seus interesses.

R.N.

Medidas do Governo contestadas pela CAP

As medidas do Governo para minorar os prejuízos causados pelas últimas intempéries são consideradas insuficentes, afirma a Confederação dos Agricultores de Portugal.

A CAP, reunida em Lisboa, no passado fim-de-semana, em Assembleia de Delegados, com o objectivo de decidir a estratégia a seguir face aos problemas dos agricultores e à segunda etapa de integração europeia, salienta que é necessário «*reduzir a intervenção do Estado no sector*» e defende o «*reforço das organizações de natureza socio-profissional, empresarial e sindical*».

À agricultura portuguesa «*tem de ser assegurado o cumprimento do prometido alargamento do período de transição e um reforço das ajudas comunitárias e nacionais, ao desenvolvimento das empresas agrícolas e a modernização das estruturas de apoio à produção e comercialização*», dizem os delegados da CAP.

Considera, por outro lado, aquela confederação que a problemática das florestas e a protecção do ambiente têm sido tratadas com pouco «*rigor técnico e científico*», decidindo, por isso, promover a constituição de um movimento nacional de protecção ao meio ambiente naqueles sectores.

O Seminário Internacional sobre a Agricultura do Sul da Europa, efectuado no passado fim-de-semana em Évora, concluiu que a reforma da Política Agrícola Comum,(PAC), «*tem privilegiado medidas conducentes ao abandono de terras e à retirada dos agricultores da sua actividade, agravando, por outro lado, a situação de dependência alimentar de países já com elevados défices agro-alimentares*».

Sobre as propostas da Comissão da Comunidade, no que respeita aos preços para a campanhã de 1990/91, aquele seminário considera-as «*gravosas para as produções mediterrânicas, pois acentuam a política de retracção da produção*».Os cerca de 200 congressistas presentes, oriundos de seis países da Europa do Sul, manifestaram, igualmente, as suas críticas às insuficiências da Carta Social Europeia, nomeadamente nas exigências e aspirações dos trabalhadores europeus.

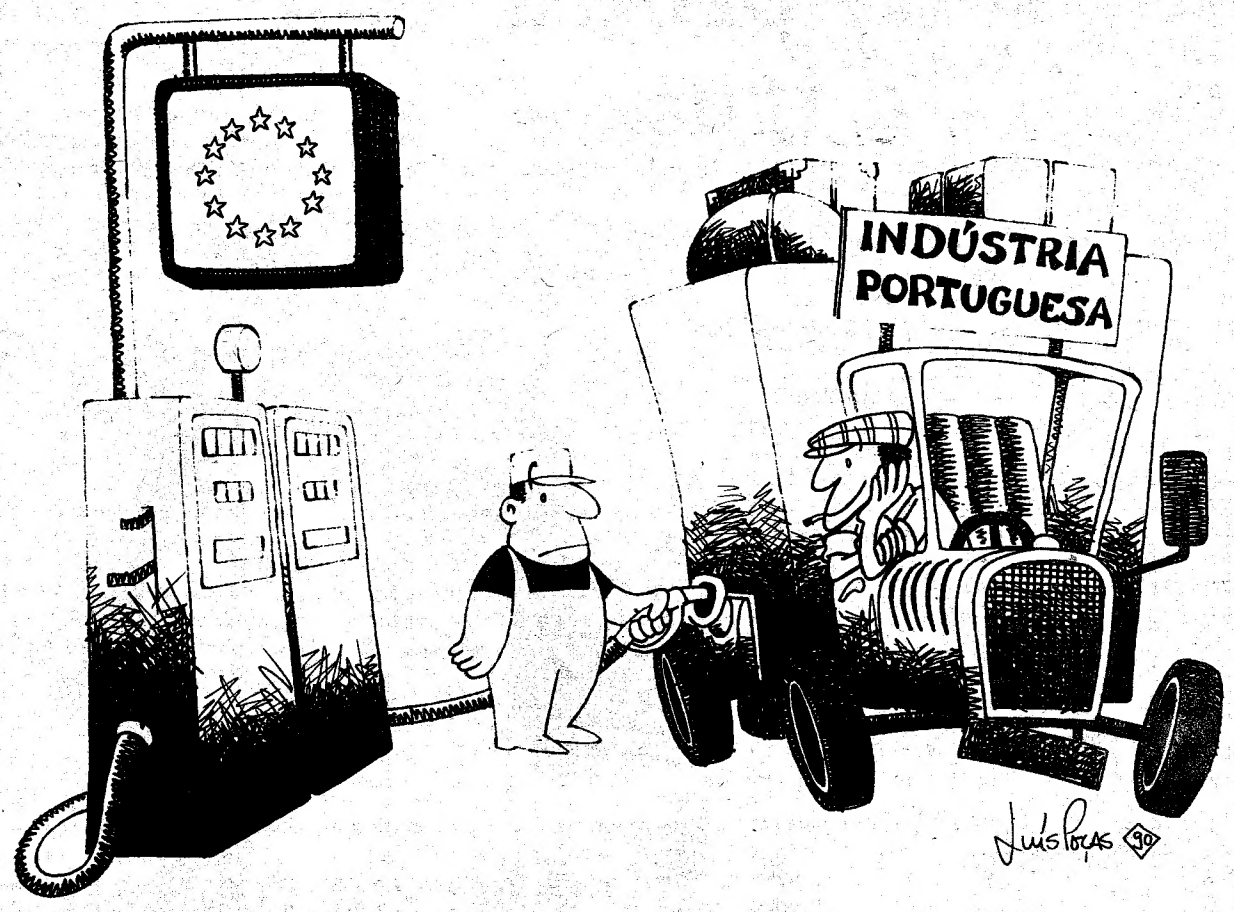
«*É necessário incluir na Carta Social os novos direitos económicos e sociais fundamentais dos trabalhadores como o direito ao emprego e à protecção ao desemprego*», acentua o seminário internacional.

Lusa

ECONOMIA

A ilusão dos subsídios comunitários

Mais do que a economia portuguesa (caracterizada por PME), as ajudas financeiras da CEE têm beneficiado apenas algumas empresas



As empresas portuguesas enfrentam uma situação nova, face ao grande desafio da dimensão europeia. A preocupação principal é o reordenamento da indústria, com vista à sua plena competitividade no quadro do mercado único europeu dos anos 90. Está na ordem do dia combater as assimetrias e a distância entre o espaço português e o espaço europeu. As empresas nacionais têm de se perspectivar enquanto agentes no mercado único europeu e não mais enquanto nacionais que exportam.

Verifica-se a necessidade de ajudar as empresas nacionais, nomeadamente as PME's (Pequenas e Médias Empresas), a aceitar o desafio que representa a entrada no Mercado Comum e a tirar o maior benefício possível do mesmo.

Que investimentos se podem efectuar nestes mercados, quer a nível comercial, quer a nível industrial, para tornar possível esta estratégia de internacionalização? A resposta é racionalizar a produção, produzir a qualidade e melhorar os serviços a prestar.

A ideia é de não só obter acréscimos de produtividade e fomentar a inovação e o desenvolvimento tecnológicos, mas também reestruturar e modernizar as indústrias tradicionais e estimular o aparecimento ou reforço das empresas com potencialidades no nosso sector industrial. A acção a desenvolver, na nossa indústria, deve dar especial relevo ao apoio a conceder à cooperação entre empresas de menor dimensão, que também devem poder beneficiar do efeito do grande mercado e dos resultados decorrentes dos programas comunitários. Esta premissa torna-se, assim, indispensável quando verificamos que o tecido empresarial da sociedade portuguesa é maioritariamente PME.

Uma das respostas que as entidades oficiais deram, para fazer face a toda esta problemática, foi através dos subsídios comunitários, que foram conseguindo negociar com Bruxelas. FEDER, FEOGA, FSE, PEDIP são programas do conhecimento público, que têm dado origem não só a grandes campanhas políticas, como também a grandes escândalos.

Ao fazermos uma pesquisa, nas nossas empresas, sobre o impacto que têm tido estes sistemas de incentivo, a realidade obriga-nos a rever a questão.

Panorama agrícola

O sector agrícola é globalmente improdutivo, tendo em conta a estrutura fundiária.

Os nossos produtos agrícolas não estão em boa posição, a longo prazo, com excepção de alguns subsectores que têm boas hipóteses de responder à concorrência comunitária, tendo em conta os colossos agrícolas que são alguns países da Comunidade. É exemplo disto a floricultura, a exploração do eucalipto e do pinheiro, ou o vinho de qualidade. A integração da agricultura portuguesa na PAC - Política Agrícola Comum- tem uma série de problemas a resolver, não só na sua modernização e no facto dos custos de produção dos bens alimentares serem mais elevados entre duas a três vezes que no resto dos países da CEE, mas também na pouca sensibilidade dos nossos agricultores para a rentabilização e investimento no longo prazo.

São problemas estruturais de anos, e mesmo séculos, que continuam por resolver e que ultrapassam a possível ajuda dos incentivos comunitários.

Como vai a indústria?

Verifica-se uma generalizada fraca capacidade produtiva do sector industrial. O tecido empresarial da sociedade portuguesa é maioritariamente PME e de estrutura familiar. As infra-estruturas são muito débeis, designadamente as redes de transportes, comunicação e até de construção. Sabe-se que muitas das instalações fabris são de construção clandestina. O sistema financeiro também não ajuda nada a desenvolver a nossa indústria, uma vez que os bancos são excessivamente burocratizados e as taxas de juro reais são muito elevadas.

Para sobreviver, a longo prazo, a indústria portuguesa deve investir no estabelecimento da presença no mercado, à custa dos seus baixos custos de mão-de-obra, já que está garantido o acesso ao mercado. Em termos comparativos com a Europa actual, a situação da nossa indústria não é muito diferente, em termos relativos, da que se verifica face aos países europeus mais avançados, no final da década de 60.

Subsídios comunitários

Com esta breve panorâmica dos dois sectores que têm beneficiado de uma série de ajudas comunitárias, com o fim de diminuir as assimetrias regionais entre Norte e Sul da Europa, chega-se à conclusão que os problemas continuam a ser estruturais e, por isso, não podem ter o grande desenvolvimento que tem sido publicitado pelos nossos governantes.

Aliás, a análise económica de pontos fortes e fracos, publicada no jornal «The Economist», faz esquecer os elogios que o FMI fez, há alguns meses atrás, à situação da economia portuguesa.

Com a situação económico-social que temos actualmente, ocorre fazer uma comparação com a dos países do Terceiro Mundo. Enquanto os países subdesenvolvidos vivem da ajuda internacional e de projectos estrangeiros, em nome do desenvolvimento e da solidariedade, Portugal vai recebendo uma série de subsídios, em nome do desenvolvimento regional europeu. As campanhas publicitárias dirigidas aos empresários para beneficiarem de subsídios a fundo perdido, têm sortido efeito duvidoso. Qual é o empresário português que não se quer habilitar a uma oferta de capital, na condição de pôr em curso um projecto de desenvolvimento industrial, agrícola ou de formação profissional?

Esta é a primeira reacção quando lêem a publicidade. Tudo se modifica quando verificam que têm de ser transparentes nas declarações, ter as dívidas do Estado em dia ou pagar a um economista para que elabore um estudo económico-financeiro da sua empresa... Aqui, a mentalidade começa a ser outra. Afinal sempre conseguiram sobreviver sozinhos, sem a ajuda de ninguém. Têm o seu negócio *sui-generis*, que não querem dar a conhecer. Muitas vezes sustentam unidades industriais que não dão lucros tributáveis pelo fisco, mas exteriorizam sinais de riqueza, como terem várias casas e automóveis de luxo.

Por outro lado, as exigências das autoridades oficiais estão, muitas vezes, fora do alcance da maioria das nossas empresas, obrigando a ter um número mínimo de contratos de trabalho, ou demonstrar uma situação financeira equilibrada. Com estas condições quem arrecada a grande fatia destes subsídios são as grandes empresas que não têm problemas económico-financeiros.

Se um dos objectivos destes subsídios é o de desenvolver a economia, na prática o que se tem verificado é o desenvolvimento de algumas empresas e a continuação da subsistência da maioria das empresas portuguesas, por não terem os requisitos necessários para usufruirem dos sistemas de incentivo. O tão falado «boom»» da economia, aliada à estabilidade política e social do país, tem originado, por sua vez, altas taxas de investimento estrangeiro que dão a imagem de uma certa estabilidade económica. O número de empresas estrangeiras que escolhem Portugal para se instalar dá uma certa imagem positiva no mercado internacional.

Por outro lado, destaca-se pela positiva a orientação no sentido da exportação que tem sido imprimida à actividade produtiva, o elevado padrão de algumas empresas nalguns sectores, a boa qualidade de certos produtos tradicionais e a indústria do turismo.

No entanto, não podemos ignorar que boa parte dos aspectos positivos da economia portuguesa está nas mãos dos estrangeiros, como se pode verificar nas elevadas taxas de investimento registadas em determinadas áreas económicas.

Isabel Braz

Diálogo EUA-URSS pela via informática

Os ventos da Perestroika sopram também no mundo da informática. A Ashton-Tate, sociedade líder no sector dos pacotes de software, anunciou um acordo comercial de cooperação com o Instituto de Leninegrado de Informática, para a distribuição de Framework II acoplado com o Informatage II, um pacote original de aplicação para o Personal Computer na Rússia.

Até aqui nada de particularmente estranho se passaria, se não fosse o facto de, graças à venda do Framework II e Informatage acoplados, ser possível passar do «word-processing» em língua americana àquele em língua russa, utilizando indiferentemente também as funções de base de dados, de folha de cálculo electrónica e de gráficos.

Os utentes podem fazer as suas escolhas, escolhendo no menu de trabalho em ambas as línguas. Em caso de dificuldade, podem pedir as explicações necessárias através de um *help* que está na linha. Estão, além disso, previstas funções de pesquisa e de ordenação compatíveis com ambas as línguas e, facto ainda mais surpreendente, é possível escrever o mesmo documento seja em caracteres do alfabeto cirílico como em caracteres romanos.

Segundo Bruce Marquant, director estratégico para os países da Europa de Leste da Ashton-Tate, este acoplamento de pacotes informáticos tornar-se-á o «passaporte» obrigatório para todas as empresas que tencionam empreender trocas comerciais com a União Soviética.

É preciso lembrar que, geralmente, o pessoal administrativo soviético fala obviamente a sua língua-mãe, mas os programadores conhecem e sabem comunicar em inglês, língua de facto adoptada por todo o mundo científico e técnico. É portanto evidente, estendendo o raciocínio, que comunicar com os programadores significa comunicar com o mundo científico.

O mercado dos países da Europa de Leste revela-se particularmente prometedor, já que se encontra no princípio da aventura informática e é por isso que a Ashton-Tate olha com especial interesse para a URSS como sendo uma área prometedora onde pode obter sucessos consistentes.

A casa americana admitiu ter investido nesse projecto um capital considerável, naturalmente após ter efectuado uma multiplicidade de provas e testes de funcionamento em quase todos os países do COMECON.

O pacote acoplado Framework II - Informatage II será distribuído na Europa no princípio de 1990 através de uma sociedade autorizada de Leninegrado.

Exclusivo «DL» «Corriere della Sera»

ECONOMIA

CEE: grande utilizador do correio electrónico

Na área das telecomunicações é o segundo maior serviço em termos de crescimento

O novo serviço telemático dos CTT, conhecido por Correio Electrónico, é uma das grandes apostas daquela empresa na área das telecomunicações para este ano e está perspectivado como o segundo maior em termos de crescimento, a seguir ao telefone.

Trata-se de um serviço cujo objectivo principal é tornar eficaz e rápida a interligação entre organizações e empresas por meio de um terminal electrónico com capacidade para receber e enviar textos.

Com base neste serviço, é possível trocar mensagens e documentos entre utilizadores de diferentes tipos de terminais e redes. É possível enviar uma mensagem de um microcomputador para um telex ou deste para uma telecópia.

O Correio Electrónico foi criado em Inglaterra há alguns anos, mas encontra-se normalizado desde 1986. Espalhou-se sobretudo para os países nórdicos e acaba de ser aceite em França.

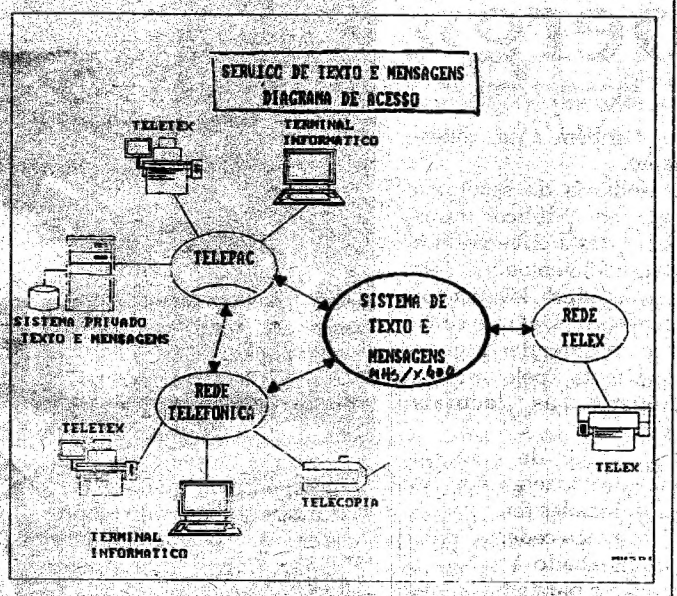
Existe já no interior daquela empresa em regime de experimentação, prevendo-se que até ao final do corrente ano seja possível pô-lo a funcionar como serviço público.

Os objectivos principais do Correio Electrónico são, segundo explicou ao DL João Carita, um dos directores comerciais dos CTT, « *proporcionar às organizações em geral e às PME em particular uma melhoria significativa da eficiência das comunicações internas, entre si e com o seu meio ambiente, ou seja fornecedores e clientes, tirando partido de recursos já disponíveis como terminais, redes e sistemas informáticos, entre outros*».

Pretende-se, por outro lado, estender a todas as regiões do país «*os benefícios acima referidos através de um serviço de âmbito nacional, de fácil acesso e independente da localização geográfica do utilizador, incentivando a informação em geral e a automatização do escritório em particular*».

Dentro das características que o sistema apresenta, salienta-se a possibilidade de expedir e receber mensagens a partir de qualquer local em que exista um terminal e uma rede de telecomunicações para acesso ao sistema.

A comunicação torna-se igualmente possível mesmo que o remetente e o destinatário não possam estar simultaneamente disponíveis no serviço telefónico. Utiliza-se, nomeadamente, para suprir os casos de impossibilidades de receber mensagens no momento devido a reuniões, estudos ou deslocações.



Trocar mensagens

A troca de mensagens pode ser, por sua vez, efectuada entre «caixas de correio electrónicas», o que não obriga os remetentes e os destinatários a possuir o mesmo tipo de terminais e de redes.

«*O rigor da informação transaccionada, a melhor partilha de informação entre pessoas envolvidas numa mesma actividade, o acesso rápido e atempado à informação necessária à tomada de decisões e a melhoria significativa da eficiência das comunicações dentro da mesma organização e entre organizações, com custos adicionais pouco significativos, são vantagens deste serviço*», assegura João Carita.

Refira-se que a CEE está a apostar no EDI, Electronic Data Interchange, no que respeita às ligações intercomunitárias. O EDI, ou seja o conjunto de operações informáticas que vêm substituir a clássica papelada comercial, é suportado pelo sistema de Correio Electrónico.

Muitas empresas vão ter que se adaptar, por isso, a este serviço se quiserem competir no sector dos negócios, sobretudo nas comunicações entre os parceiros comunitários.

Outra das operações importantes suportadas pelo Correio Electrónico é o EFT, Electronic Fund Transfer, o qual se ocupa, nomeadamente, das tranferências bancárias e de informações no domínio comercial.

R.F.S.

O que é o Telebip

Um novo serviço de comunicação foi introduzido em Portugal. Trata-se do Telebip.

É um serviço que permite enviar avisos sonoros codificados, números ou pequenas mensagens escritas, através de qualquer telefone da rede pública, dentro de uma área específica, coberta pela propagação da rádio eléctrica das estações emissoras componentes da rede de serviço.

Para a recepção dessas telemensagens é indispensável possuir um receptor de mensagens portátil. O Telebip permite ao utilizador manejar três modalidades diferentes: avisos sonoros codificados, mensagens numéricas e mensagens alfanuméricas.

Neste momento, a área de cobertura do Telebip restringe-se a Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, prevendo os CTT o alargamento ao Algarve, a todas as cidades do litoral e aos principais centros do interior. Este serviço é comercializado pela Telemensagem , uma empresa participada pelos CTT e TLP.

Telepoint

Mais barato que o Telemóvel, o Telepoint surge no mercado como um serviço de voz que funciona como uma cabine pública. Emite, mas não recebe comunicações.

Tal como o Telebip, funciona num raio específico. É utilizado normalmente nos locais onde a pessoa permanece mais tempo: aeroportos, centros de cidade, locais de trabalho. Custa 50 contos, enquanto o Telemóvel custa 500 contos.

Segundo disse Godinho Ferreira ao DL, *encontram-se em estudo as [illegible]*

R.F.S.

Explosão da procura preocupa CTT

Empresa precisa de cinco anos para se pôr a par da Europa

«*Estamos na cauda da Europa em utilização e capacidade de oferta. A explosão da procura é tão intensa que são necessários quatro a cinco anos para ficarmos a par*», disse ao DL Godinho Ferreira, director do departamento comercial dos CTT.

A chave da estratégia daquela empresa para o corrente ano resume-se a três frases: «*Correcção no atendimento, qualidade nas comunicações, diversificação nos serviços*».

Resta-nos aguardar para saber se esta proposta se fica pelo desejo ou se é para ser cumprida face às imposições da CEE.

Segundo Godinho Ferreira, nas infra-estruturas e nos processos, os CTT estão no passo europeu, mas as dificuldades de resposta às solicitações individuais e empresariais são bastantes.

No entanto, afirma aquele técnico, «*não se pode ficar à espera de expectativas de mercado. Ele existe e a estratégia correcta é a de diversificar os serviços, as possibilidades de comunicação. O sector de Telecomunicações tem que andar sempre à frente*».

É um facto que as economias modernas dependem cada vez mais das tecnologias de informação. Nenhuma empresa ou organização consegue uma eficácia e um grau de competitividade satisfatórios se não tiver capacidade logística de gerir a informação vital à sua própria actividade.

Godinho Ferreira:«Estamos na cauda da Europa em capacidade de oferta»

Para aceitar esta nova filosofia que implica a vulgarização da informática, as empresas precisam de mudar os vícios burocráticos acumulados ao longo dos anos e não podem deixar de flexibilizar os serviços. Criar uma mentalidade europeia ao nível dos negócios é uma questão cultural à qual os empresários portugueses, pequenos ou grandes, não podem ficar alheios.

Os novos Serviços

A Comunidade pós, aliás, ao dispor dos países menos desenvolvidos programas específicos de apoio à modernização das empresas, nomeadamente o STAR cujos incentivos totalizam 3,5 milhões de contos até 1992, dos quais 2,3 milhões são financiados pelo FEDER, Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional.

Este apoio favorece em primeiro lugar as PME, pequenas e médias empresas, as quais podem adquirir equipamento para utilização dos novos serviços de telecomunicações, como o Telemóvel, o Videotex, bem como os novos serviços de texto e mensagem, o Telepoint e o Correio Electrónico, um serviço público a ser lançado ainda este ano pelos CTT.

«*Os novos sistemas de Telecomunicações devem ser abordados de acordo com a sua utilidade ou não, mas partimos também do princípio que esses serviços têm que ser rentáveis para a empresa*», salienta Godinho Ferreira.

O que se passa normalmente em Portugal, é a recusa ou desconfiança à partida dos potenciais utilizadores, com a argumentação de «*esperar para ver ou poupar enquanto se puder*», para de um momento para o outro iniciarem a compra indescriminada, com exigências de «*muito urgente*».

Esta situação passou-se com os computadores, com os telexes e ultimamente com os telefaxes. Há dois anos havia mil serviços de telecópia ligados à rede, hoje existem 10 mil. O mesmo irá acontecer certamente com o Telebip, com o Telepoint e com o MHS-Correio Electrónico.

No caso dos telefones clássicos, Godinho Ferreira sublinha que em 1995, Portugal ficará ao nível que a Bélgica tinha em 1987. Apesar destes anos de atraso, passa-se de 20 telefones por 100 habitantes para 40 telefones. Hoje existem cerca de dois milhões de linhas, prevendo aquela empresa que até ao ano 2000 estejam em funcionamento cinco milhões.

Rui Ferreira e Sousa

GC Gestão e Coordenação SA obra — 4370420
R. NOVA DA TRINDADE, 1, 2.º Dt.º – 1200 LISBOA – TELEF.: 346 06 18/9

PERTO DO PALÁCIO DE QUELUZ
Lotes 18 e 19 na Cidade Desportiva/Massamá
Construímos e vendemos 3, 4 e 5 assoalhadas com [illegible] garantia
Construímos obras públicas e particulares